

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP**

BIANCA MENDES SALVATICO

**Alunos bolsistas em uma escola particular: um estudo sobre a dimensão
subjetiva da desigualdade social**

Mestrado em Psicologia da Educação

**São Paulo – SP
2014**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP

BIANCA MENDES SALVATICO

**Alunos bolsistas em uma escola particular: um estudo sobre a dimensão
subjetiva da desigualdade social**

Mestrado em Psicologia da Educação

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Educação: Psicologia da Educação, sob orientação da Prof.^a Dra. Ana Mercês Bahia Bock.

**São Paulo – SP
2014**

BANCA EXAMINADORA

FOLHA DE APROVAÇÃO

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida por Bianca Mendes Salvatico e aprovada pela comissão julgadora.

Data: ___/___/___

Profª Dra. Ana Mercês Bahia Bock
Orientadora

Profª Dra. Maria da Graça Marchina Gonçalves
PUC - SP

Profª Dra. Teresa Cristina Rego
USP

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa ao Júlio, meu filho amado, que a cada dia me torna uma pessoa melhor. Tudo isso foi por e para você. E aos meus pais, Inês e Luiz, que me ensinaram, desde sempre, a respeitar as diferenças.

AGRADECIMENTOS

A todos os participantes da pesquisa que confiaram parte de suas experiências a mim, e que ao longo do trabalho me ensinaram muito.

À prof^a. Dra. Ana Mercês Bahia Bock, que me acolheu e me orientou com muita competência, pela presença atenciosa no processo desta pesquisa e que com seu brilhantismo e entusiasmo profissional e pessoal contribuiu para minha formação como pesquisadora e me ensinou a ter um olhar mais crítico para realidade.

À prof^a. Dra. Maria Graça Marchina Gonçalves, pela gentileza de se dedicar à leitura do meu projeto de pesquisa, o que se reverteu em valiosas sugestões no Exame de Qualificação.

À prof^a. Dra. Teresa Cristina Rego, por aceitar participar da banca examinadora desta dissertação.

Aos professores da PUC-SP que contribuíram com seus conhecimentos no percurso do Mestrado, com os quais tanto aprendi.

Em especial, agradeço aos queridos amigos Aline Coralim Azevedo, Renan Sargiani, Milene Rovaron, Luana Sant'ana e Raizel Rechtman. Foi um privilégio tê-los como companheiros nesta jornada e todos foram essenciais para o meu crescimento como pesquisadora e pessoa. Cada um deixou uma marca especial na minha vida.

À querida amiga, de muito longa data, Claudia Bergamini, que com todo seu amor e paciência me ouviu nas horas de angústia, e com sabedoria acalmou meu coração.

Ao meu grande companheiro de vida, Damazio, que com muita sensibilidade foi capaz de entender todas as minhas angústias e conquistas. Desde a decisão de fazer o mestrado, ele esteve ao meu lado e com toda sua

generosidade e cumplicidade, abraçou a minha causa: no início na jornada dupla, como professora e estudante e, no decorrer dela, como estudante e mãe. Agradeço o apoio que sempre me deu e o incentivo para prosseguir na carreira acadêmica. Sem ele, jamais teria conseguido realizar mais este sonho. Obrigada pelo incentivo e ajuda cotidiana, seja nas formatações dos trabalhos, seja com o nosso Júlio.

Agradecimentos especiais e infinitos à família Salvatico e aos agregados que, com muita sabedoria, compreenderam meus momentos de reclusão. Obrigada por todo apoio, vocês são meu porto seguro.

À dedicação e paciência do Edson Aguiar, da secretaria do Programa de Psicologia da Educação (PED), que sempre me atendeu com um sorriso no rosto e resolveu prontamente qualquer problema.

Ao programa de estudos Educação: Psicologia da Educação, pela concessão da bolsa integral do CNPq, o que permitiu minha dedicação exclusiva a esta pesquisa.

RESUMO

Bianca Mendes Salvatico – PUC SP, bisalvatico@gmail.com

A pesquisa teve como objetivo compreender os sentidos subjetivos constituídos por alunos bolsistas da Educação Básica em uma escola particular de São Paulo. A justificativa se baseia no pressuposto de que ao estudarmos o aluno bolsista em escolas particulares temos a possibilidade de investigar a dimensão subjetiva da desigualdade social, partindo da ideia de que esse fenômeno social não é constituído apenas por uma dimensão objetiva, mas também por formas de agir, sentir e viver que constituem um arcabouço subjetivo que poucas vezes é considerado como aspecto formativo do sujeito. O referencial teórico escolhido foi a Psicologia Sócio-Histórica, que tem como concepção de homem um ser ativo, histórico e social, em contínuo movimento em transformação, à luz das considerações de autores como Aguiar e Ozella (2006). A coleta de informações foi realizada por meio de entrevista coletiva com foco nas vivências escolares de alunos bolsistas em escola particular. Após a realização da entrevista, partimos para construção dos núcleos de significados, que expressam os pontos centrais do sujeito e o que o envolve emocionalmente. Os resultados apontaram para a compreensão das relações estabelecidas e o modo como toda a experiência dos alunos bolsistas é vivida. Pretendemos assim contribuir para os conhecimentos da área de investigações em desigualdade social ao revelar os sentidos subjetivos dos sujeitos participantes do processo escolar, procurando compreendê-los em suas totalidades, que poderão abrir novas perspectivas das diversas formas de manifestação da desigualdade na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Desigualdade social. Aluno bolsista. Educação Básica.

ABSTRACT

Bianca Mendes Salvatico – PUC SP, bisalvatico@gmail.com

This dissertation aims to understand the subjective senses made by scholarship students of basic education in a private school in São Paulo. The justification is based on the assumption that when we study the scholarship student in private schools, we have the possibility to investigate the subjective dimension of social inequality, based on the idea that this social phenomenon is not constituted only by an objective dimension, but also by ways of acting, feeling and living that makes a subjective framework that is rarely considered as a formative aspect of the subject. The theoretical framework chosen is the Socio-Historical Psychology, whose conceives man an active, historical and social human in a continuous transformation process, based on theories of Rey (2005) and Aguiar and Ozella (2006). The data emerging from research conducted by collective interviews focusing on seven scholarship students experience in a private school. The analysis is done by the construction of meanings cores who expressing the central points of the subject and what is emotionally involved. The results indicate understanding of that relationship and how the whole experience of scholarship students is constructed. We intend to contribute to the knowledge of the area of research in social inequality, to reveal the subjective senses of the subjects participating in the school process, to understand them in their entireties, which may open new perspectives of the various manifestations of social inequality in Brazilian society.

Keywords: Social inequality. Scholarship students. Basic education.

LISTA DE ABREVIATURAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ONU	Organização das Nações Unidas
CDES	Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
MEC	Ministério da Educação
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA	Educação de Jovens e Adultos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Periodização e faixa etária ideal da Educação Básica brasileira, com base nos dados no MEC	37
Quadro 2: Núcleos de significação	63

SUMÁRIO

I – Introdução	14
II – Educação e desigualdade social	19
2.1 Desigualdade social no Brasil	19
2.2 A desigualdade social e a percepção da população sobre este fenômeno	23
2.3 Os adolescentes, a desigualdade e a escolarização	25
2.4 A escola e as classes sociais na escola	29
III – A Educação Básica no Brasil	37
3.1 As especificidades do Ensino Médio	39
3.2 O aluno bolsista na Educação Básica	40
3.3 Regimento escolar para alunos bolsistas	41
IV – A perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica	46
4.1 Psicologia Sócio-Histórica e o pesquisar	48
4.2 A dimensão subjetiva	51
V – Metodologia	54
5.1 Procedimento de coleta das informações	54
5.2 Instrumento	55
5.3 Procedimento de análise das informações	56
5.4 Considerações éticas	57
5.5 Estudo Piloto	57
5.6 Caracterização da escola e dos sujeitos	59
5.6.1 Escolha da escola	59
5.6.2 Sujeitos	60
5.6.3 Caracterização socioeconômica	61
5.7 Coleta de informações	61

VI – Dados da Pesquisa: Sistematização e Análise	63
6.1 Núcleos de Significação	63
VII – Conclusão	86
Referências	98
APÊNDICE 1 - Rol de temas para entrevista sob forma de conversação	102
APÊNDICE 2 - Termo de consentimento livre e esclarecido e Autorização .	103
APÊNDICE 3 - Apresentação da pesquisa para a escola pesquisada	105
APÊNDICE 4 - Questionário socioeconômico	106
APÊNDICE 5 - Transcrição da entrevista	107
ANEXO 1 - Mudança da pirâmide social para losango (2010)	135
ANEXO 2 - Atlas da exclusão social – São Paulo	136

I – Introdução

Em 1999, ainda estudante do curso de Magistério, ingressei como professora em uma escola particular de São Paulo. Na época, pela falta de experiência e pouca idade, eu não tinha noção da importância do trabalho que realizava, mas, com o tempo, o que era apenas um emprego se tornou uma grande paixão: a educação.

Já cursando Pedagogia, minhas inquietações profissionais eram constantes: como lidar com as diferenças na sala de aula? Por que um aluno aprende e outro não? Como mudar este cenário? Como eram as relações entre alunos e, alunos e professores, dentro e fora da sala de aula? Para me munir de conhecimentos que pudessem minimizar essas angústias, fui uma aluna ativa e participei de todos os projetos extracurriculares propostos pela universidade. Dentre eles, um projeto chamado “Recreio nas Férias” foi o mais importante para mim, embora eu só entendesse o porquê quando ingressei no mestrado. Esse projeto, promovido da prefeitura de São Paulo, acontece no período de férias escolares, e os alunos de toda a rede de ensino, municipal ou privada, com idade entre quatro e 14 anos, têm a oportunidade de vivenciar atividades culturais e esportivas. Além da programação, são servidas refeições a todos os participantes. Com esta breve descrição já é possível perceber a proporção do projeto.

Participei do Recreio nas férias porque fui escolhida por uma professora da universidade, que também selecionou outras nove alunas. Aceitei o desafio e assim o chamo porque esta mesma professora me nomeou coordenadora de polo do CEI Recanto dos Humildes, em Perus, onde fui a responsável pela elaboração e organização das atividades da semana.

Essa foi a minha primeira experiência concreta com uma comunidade, pois, até então, as condições das camadas pobres eram conhecidas por mim à distância, por histórias contadas, retratos feitos pela mídia e só. Era uma realidade distante, até surgir essa oportunidade de conhecer tal realidade mais de

perto. A semana foi um sucesso, principalmente porque tive o apoio de toda a equipe.

Passamos por momentos inusitados, como: andar pela comunidade com uma escolta particular armada dos traficantes, pois assim, segundo estes, estaríamos em segurança; e ver uma feira livre onde animais em pedaços eram vendidos sem higienização nenhuma, como um porco que no início da semana estava inteiro e, ao final da semana, só lhe restava a cabeça.

Entretanto, o episódio mais marcante foi a guerra entre traficantes e policiais; um momento de pânico, mas de surpresa também. Enquanto nós, adultos informados, não sabíamos como reagir ao tiroteio que rodeava a escola, as crianças agiam com naturalidade e calma, escondendo-se sob as mesas, quietinhas, esperando a tensão passar e dizendo “Já vai passar...”. Quando tudo terminou, ainda trêmula questionei a coordenação sobre a possibilidade de os traficantes invadirem a escola, e a resposta foi: “Os filhos deles estão aqui, eles jamais fariam mal”. Na época, essa resposta pronta me causou espanto, mas não a questionei e praticamente naturalizei a situação.

Concluí o curso de Pedagogia e, com o tempo, essa experiência tão próxima com a desigualdade social na cidade de São Paulo ficou apenas como uma vivência importante, guardada, mas não mais questionada. Concluo, então, que mesmo convivendo com a desigualdade social, não fui ensinada a refletir sobre a questão e, portanto, minha relação continuou distanciada dessa realidade, além de pouquíssima crítica: a desigualdade era apenas um fato existente e aceitável na nossa sociedade. Como afirma Rey (2005, p. 156) “a naturalização é uma expressão do instituído naturalmente” e aceitamos os fatos sem ter a consciência do que realmente representam.

Quando ingressei no programa de Mestrado da PUC-SP, tinha outros objetivos para minha pesquisa. Pensava em algo como as relações de afetividade na sala de aula, por isso, surpreendi-me quando me foi dito que minha orientadora seria a Prof.^a Dra. Ana Bock: sua linha de pesquisa era a

desigualdade social. Minha primeira reação foi pensar: “E agora, como fazer as relações entre o meu objetivo e a linha de pesquisa?”

No início, foi uma tarefa difícil. As aulas não faziam muito sentido e eu não conseguia relacionar os aprendizados ao tema que havia escolhido, mas, por meio de intensas leituras e muita conversa em sala de aula, fui percebendo a importância dessa questão tão presente e ao mesmo tempo tão pouco discutida em nossa sociedade, o que levou ao meu completo envolvimento com a temática.

Voltei a refletir sobre minha experiência no “Recreio nas Férias”, consegui e também sobre minha atividade docente, e passei a discutir criticamente a questão da desigualdade social. Aos poucos, concretizei meu problema de pesquisa, unindo o interesse pela educação e a nova inquietação com a questão da desigualdade. A temática da minha pesquisa se materializou com o objetivo de compreender os sentidos subjetivos constituídos por alunos bolsistas da Educação Básica em uma escola particular de São Paulo. Para mim, foi grande o alívio quando vi o sorriso da Prof.^a Dra. Ana Bock ao dizer que esta seria uma ótima pesquisa.

O referencial teórico escolhido para esta pesquisa foi a Psicologia Sócio-Histórica, que tem como concepção de homem um ser ativo, histórico e social, em contínuo movimento e transformação. Com base nesses preceitos teóricos, deu-se visibilidade, por meio dos sentidos e significados, às experiências objetivas e subjetivas trazidas por alunos bolsistas em uma escola particular, o que foi definido como o objeto de estudo.

Ao estudarmos o aluno bolsista em uma escola particular, foi possível abranger a dimensão subjetiva da desigualdade social, partindo da ideia de que esse fenômeno social não é constituído apenas por uma dimensão objetiva. A desigualdade social também é constituída por sujeitos que, em suas formas de agir, sentir e viver constroem, em uma relação dialética com as condições objetivas, um conjunto de registros e significações que compõem também o fenômeno. E, por meio dessa premissa, compreendemos historicamente os

movimentos ocorridos na escola, as relações estabelecidas e o modo como toda essa experiência é vivida pelos sujeitos que são os atores no cenário escolar.

Mas por que estudar a desigualdade social no Brasil? Porque a desigualdade é um dos aspectos mais marcantes em nossa sociedade. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil ainda é um dos países que apresentam elevados índices de desigualdade social no mundo, onde permanecem as disparidades entre a concentração de renda nas camadas com rendimentos mais altos, em comparação à baixa concentração na população de baixa renda do país. Contudo, esse quadro da desigualdade social brasileira tem sido pouco estudado no viés de seus impactos educacionais, dos quais pode emergir o ponto chave para a explicação da naturalização da desigualdade. Mas não basta entender o processo de distribuição de renda em nossa sociedade; é necessário compreender, também a dimensão subjetiva, as significações, as ideologias e os valores que constituem essa forma de organização social.

A pesquisa apresentada nesta dissertação está baseada na hipótese de que ao estudarmos o aluno bolsista em escolas particulares temos a possibilidade de investigar a dimensão subjetiva da desigualdade social. Para tanto, organizamos a dissertação em sete capítulos, sendo este, introdutório, o primeiro deles, que traça um panorama sobre as discussões que serão realizadas, e indica a teoria na qual está embasada a pesquisa.

No segundo capítulo, desenvolvemos questões sobre a educação como área a ser priorizada como elemento essencial para sustentar o desenvolvimento do país, e sobre a desigualdade social no Brasil, abordando esta como um fenômeno que ocorre também em grande parcela de países do mundo, mas com dimensões distintas.

No terceiro capítulo, a ênfase foi dada às questões relacionadas à Educação Básica no Brasil, como o alicerce para o exercício pleno da cidadania e como direito assegurado pela Constituição brasileira e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente.

No quarto capítulo, apresentamos a perspectiva teórica da Psicologia Sócio-Histórica, que norteou nossa pesquisa.

Nos quinto e no sexto capítulo, a metodologia e os dados de nossa pesquisa foram fundamentados. Por fim, no sétimo capítulo concluimos nossa pesquisa.

Esperamos trazer em debate os aspectos constituídos pelos alunos bolsistas e suas vivências na instituição escolar privada, vivências estas que acontecem em uma sociedade marcada pela desigualdade. Com isso, acreditamos que contribuiremos para o conhecimento da desigualdade social no nosso país, sob a luz da dimensão subjetiva.

II – Educação e desigualdade social

2.1 – Desigualdade social no Brasil

A desigualdade social é um fenômeno que ocorre em grande parcela dos países do mundo, com proporções e dimensões diferentes.

O Brasil é um país rico em recursos naturais e tem o Produto Interno Bruto (PIB) entre os dez maiores do mundo. Relatórios da Organização das Nações Unidas¹ (ONU) atribuem a elevada desigualdade social no Brasil a um contexto histórico. “Mesmo sendo uma nação de dimensões continentais e riquíssima em recursos naturais, o Brasil desponta uma triste contradição, de estar sempre entre os dez países do mundo com o PIB mais alto e, por outro lado, estar sempre entre os dez países com maiores índices de disparidade social.” (ONU, 2010, p. 12)

O Brasil é o país da América Latina que tem a maior concentração de renda, o que, segundo Casassus (2007), criou uma grande distância entre os que têm uma boa educação e uma boa situação econômica e os que têm uma educação falha e correm o risco de viver na pobreza. O autor afirma que, por isso, “a desigualdade de renda tem um impacto notório no acesso e na permanência na educação” (CASASSUS, 2007, p. 38)

Mesmo com diversos códigos e estatutos, além da Constituição Federal de 1988, assegurando o acesso de todos à educação, moradia, saúde e segurança pública, a realidade em que vivemos ainda é muito distante do que está proposto nos direitos do cidadão brasileiro, e ainda mais no que se refere à erradicação da desigualdade social no país.

Dados apresentados pelos relatórios da ONU mostram que o desigual acesso à educação de qualidade pode ser um indicador também da desigualdade

¹ Relatório de Desenvolvimento Humano “A Verdadeira Riqueza das Nações: vias para o Desenvolvimento Humano”. Disponível em: http://www.pnud.org.br/HDR/Relatorios-Desenvolvimento-Humano-Globais.aspx?indiceAccordion=2&li=li_RDHGlobais#2010. Acesso em: 10 ago.2013.

social. Nos últimos anos, multiplicaram-se as iniciativas destinadas a melhorar a qualidade e a equidade da educação brasileira, para que ela passe a ser a prioridade para o desenvolvimento do país, já que é considerada uma marca da diferença entre crescimento e desenvolvimento de um país, como ressalta Casassus (2007, p. 27): “A educação é um elemento crucial tanto para o desenvolvimento das pessoas e de suas comunidades quanto como um meio para produzir a desigualdade social e favorecer a integração social”.

A ampliação de políticas em todos os níveis da área educacional é entendida como elemento essencial para sustentar o desenvolvimento de um país, pois a educação também afeta outros indicadores de desenvolvimento como as produções científicas, a mobilidade social e a saúde.

O descaso com a educação enquanto direito de todos começou a se modificar a partir da Constituição Federal de 1988, que transformou a educação em direito do educando. Até então, a educação acompanhava o movimento concentrador nos segmentos sociais mais favorecidos, exclusão esta que resultou em extrema desigualdade social. Assim, desde a promulgação da Constituição a estruturação de políticas públicas vem ampliando o acesso da população ao que é de seu direito, alterando o caráter excludente das políticas educacionais até meados do século XX.

Falemos então em números concretos. Hoje, segundo dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)², o Brasil ocupa a posição 73^a no *ranking* dos países que apontam os maiores índices de desigualdade social, apresentando um coeficiente GINI³ de 0,547 em agosto de 2013. Quando comparado ao mesmo período, em 2012, o índice sofreu queda de 1,89%.

O PNUD também aponta o Brasil na 79^a posição dentre os países com desenvolvimento humano elevado, pois apresenta o valor de 0,744 no *ranking*

² Relatório divulgado em 29 de julho de 2013.

³ GINI: coeficiente desenvolvido pelo sociólogo e estatístico Corrado Gini, mede o grau de desigualdade existente na distribuição de indivíduos segundo a renda domiciliar per capita. Seu valor varia entre 0 (quando não há desigualdade) e 1 (quando a desigualdade é máxima).

IDH⁴ global, dentre um grupo de 187 países. O país vem apresentando resultados econômicos bons, e a expectativa de vida do brasileiro aumentou, contribuindo assim para o crescimento do IDH, embora o sistema educacional ainda apresente lacunas.

Pochmann (2010) destaca que a desigualdade social brasileira não é um fenômeno recente. Ele afirma que em dados de pesquisas realizadas entre os anos de 1960 e 2004 observa-se ora a expansão, ora a estagnação da renda nacional *per capita* e da desigualdade de renda. Segundo esse autor, somente em 2004 surge um novo padrão social brasileiro, que combinava a expansão da renda *per capita* e a queda da desigualdade pessoal de renda. Este novo padrão se deu em função do ritmo de crescimento econômico brasileiro e da ampliação da renda das famílias que estavam na base da pirâmide social.

O jornal *O Estado de São Paulo*⁵ apresentou, em março de 2011, a mudança da pirâmide social brasileira, caracterizada pela distribuição de renda dos brasileiros por classes econômicas, entre 2005 e 2010. Essa mudança se deu em função da mobilidade social por meio de um incremento financeiro. Dessa forma, a representação gráfica da distribuição de renda brasileira deixou de ser uma pirâmide e passou a ser um losango, caracterizando a distribuição socioeconômica mais equilibrada (ANEXO 1).

Retomemos a questão da educação brasileira. Segundo o Censo Escolar 2011, o nível de escolaridade da população brasileira é baixo e desigual. Estão regularmente matriculados em escolas da educação básica 50.972.614 alunos, sendo 43.053.942 (84,5%) em escolas públicas e 7.918.677 (15,5%) em escolas da rede privada. A rede municipal é responsável por quase metade das matrículas (45,7%), o equivalente a 23.312.980 alunos, seguida pela rede estadual, que

⁴ IDH: O Índice do Desenvolvimento Humano é um marcador que serve de comparação entre os países, com o objetivo de medir o grau de desigualdade econômica e a qualidade de vida oferecida à população. O índice é calculado com base nos dados econômicos e sociais do país e varia entre 0 (nenhum desenvolvimento humano) e 1 (desenvolvimento humano total). Nestes cálculos está computada a Educação – Taxa de alfabetização e escolaridade; longevidade – a Expectativa de vida da população e a renda – PIB per capita.

⁵ Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,31-milhoes-subiram-de-classe-social-em-2010-imp-695881>. Acesso em: 16 dez. 2014.

atende a 19.483.910 alunos, configurando 38,2% do total. Já a rede federal participa com 257.052 matrículas, o que corresponde a 0,5% do total de alunos. Em 2010, o número de matriculados na Educação Básica era de 51.549.889.

Esse declínio no número de matrículas na Educação Básica pode estar associado a fatores como: a pouca qualidade da educação, com ambientes empobrecidos na infraestrutura, com uma matriz curricular defasada e com um quadro reduzido de trabalhadores na área; aos dados alarmantes sobre o analfabetismo no Brasil – 9,6% em 2011, o que, segundo o IBGE, deve-se ao ingresso tardio à escola e às evasões –; e aos recursos insuficientes destinados à educação em todos os requisitos necessários ao aumento de sua qualidade.

O desafio de promover uma educação de qualidade exige mudanças substanciais, além disso, é de igual importância promover mudanças no ideário social a respeito do valor da educação e do que se espera da formação das futuras gerações, conscientizando os cidadãos de que é de responsabilidade de todos as questões educacionais, por vias de ações conjuntas entre o governo, a escola e a família. O fortalecimento das relações entre comunidade e escola é um caminho para transformações no quadro da escolarização.

A vergonhosa desigualdade brasileira não ocorre de nenhuma fatalidade histórica, apesar da perturbadora naturalidade com que a sociedade brasileira a encara. Impõe-se uma estratégia de aceleração sem precedentes no ritmo de expansão do sistema educacional brasileiro. Não se trata evidentemente de uma panaceia para nossos males; trata-se de uma dimensão central para a redefinição do horizonte de desenvolvimento do país. Ensino de qualidade para todos, por evidentes razões de cidadania e justiça social, mas, além disso, como precondição absolutamente necessária para o desenvolvimento socioeconômico sustentado do Brasil. (BARROS 2012, p. 16)

A escolarização básica deve garantir acesso à Educação Infantil, ao Ensino Fundamental e ao Ensino Médio. Porém, segundo o Censo Escolar de 2011, no acesso ao Ensino Fundamental, considerado universalizado, existem cerca de 740 mil crianças que ainda não foram atendidas, configurando, portando, pequenas desigualdades. Grande parcela dessas crianças não atendidas nas

escolas está no campo e, por isso, pode-se constatar a dificuldade delas de dar continuidade aos estudos.

Em vista dos dados citados, inevitavelmente refletimos sobre a situação de desigualdade em nosso país, o que nos leva a crer que ela é muito mais alarmante do que é exposto à sociedade. E assim, a pergunta que nos fica é: de que forma os brasileiros percebem a desigualdade social?

2.2 - A desigualdade social e a percepção da população sobre este fenômeno

A desigualdade social é um tema de extrema relevância na sociedade brasileira, expressividade exemplificada com a pequena amostra dos indicadores apresentados anteriormente.

Por causa dessa relevância, a desigualdade social tem sido estudada por diversas áreas do conhecimento, como, por exemplo, a economia e as ciências sociais, porém, poucos estudos analisam a dimensão subjetiva da desigualdade, que aborda os sentidos que os sujeitos, vítimas e atores da desigualdade, têm construído subjetivamente.

Scalon (2004) fez uma análise da pesquisa *survey* sobre a percepção da desigualdade, realizada pelo Instituto Virtual “Estado Social da Nação: Brasil e Rio de Janeiro”. Nessa análise, o autor teve como objetivo apresentar um panorama das opiniões e atitudes da população brasileira em relação a alguns aspectos da desigualdade, e com isso, contribuir para o entendimento desta.

Nessa pesquisa são apontados pelos entrevistados os seguintes dados:

- 96% percebem que há disparidade de renda entre a população;
- 80% percebem a estrutura social brasileira dividida entre uma pequena elite, que ocupa as posições do topo de uma hierarquia social, e a grande massa da população, que ocupa a base dessa hierarquia;

- 80,3% idealizam uma estrutura social para a sociedade brasileira bem distante da estrutura que percebem ser a real;
- 78% se percebem como integrantes dos três últimos estratos de uma sociedade hierarquizada (classes sociais A, B ou C);
- 57% acreditam na possibilidade de ascensão social;
- para eles, os fatores que mais influem na mobilidade social são: sorte (76%), qualificação profissional (56%), redes sociais (52,3%), esforço (39,8%), origem na elite (39%);
- 60% percebem a presença de conflitos sociais na sociedade brasileira e acreditam estar entre patrões e trabalhadores (60,7%) e entre pobres e ricos (58,6%). Os conflitos raciais são percebidos por 55,5% dos entrevistados e os conflitos intergeracionais por 38,8% deles;
- 62% atribuem ao governo a responsabilidade para acabar com as desigualdades e 12% atribuem essa responsabilidade os deputados e senadores;
- 36% dos entrevistados apontam um, dentre os sete partidos políticos apresentados, como comprometido com o fim das desigualdades sociais;
- apesar de 67% dos entrevistados concordarem que a persistência da desigualdade se deve ao fato de as pessoas não se unirem para acabar com ela, apenas 4% se veem como atores capazes de operar alguma mudança nesse cenário.

Scalon (2004) conclui que os brasileiros não se reconhecem como atores principais no combate à desigualdade, mas concordam que falta união da população para acabar com o problema. Eles também percebem a existência da desigualdade no Brasil e querem a mudança deste panorama, porém a necessária distribuição da riqueza não é solução vista como fácil.

Hoje ninguém duvida de que é a desigualdade social a marca mais expressiva de nosso país. É ela que desempenha a estrutura social brasileira e tem impacto sobre questões tão relevantes quanto o destino da democracia, a garantia de justiça social e remete, em última instância à solução de problemas tão dramáticos como a violência, a pobreza e a segregação. Nesse sentido, para entender a pobreza no Brasil é preciso reconhecer que ela é produto de uma das mais extremas concentrações de renda do mundo. (SCALON, 2005, p. 1)

Segundo Casassus (2007), o processo mais importante para se compreender a desigualdade na educação é analisar o clima emocional existente na escola, pois a dimensão emocional depende das interrelações, e é através destas que compreendemos os sujeitos e os inserimos na sociedade.

É necessário educar o sujeito para a participação efetiva na sociedade a partir de suas percepções, como uma maneira de incluí-lo. É possível, na instituição escolar, ensinar e buscar formas de participação que contribuam para a construção de uma cidadania constituída de indivíduos ativos e conscientes de seus direitos e deveres. Segundo Pillotto (2009) não se aprende a participar teorizando sobre os processos participativos que sustentam os interesses da sociedade; é preciso participar participando, e a escola é o local ideal para esta mobilização. Assim, participar da sociedade é abrir espaço para que os indivíduos aprendam sobre cidadania e ampliem os limites de qualidade de vida.

Como ressalta Pillotto (2009) promover espaços participativos na escola é educar para vida. Com base na qualidade educacional dos temas transversais, pois segundo a autora, somente assim será possível o respeito e a valorização das diferenças presentes no território brasileiro. Caso contrário, alguém será excluído, e esse alguém com certeza será o mais fraco. Pillotto (2009) ressalta ainda que esse deve ser o desafio e o compromisso da escola para a formação de uma sociedade democrática, justa, igualitária e solidária.

2.3 - Os adolescentes, a desigualdade e a escolarização

Adolescência, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), compreende a faixa etária dos 12 aos 18 anos. Nesse período, há uma grande expectativa social relacionada ao término dos estudos e, posteriormente, ao ingresso no mercado de trabalho.

Segundo o Censo 2010, há no Brasil 21.249.557 adolescentes. Isso significa que um em cada oito brasileiros é adolescente. Esses adolescentes estão distribuídos em grupos constituídos por diversas situações

socioeconômicas, vivenciando e significando de maneiras diferentes os fenômenos atuais, mas a realidade de adolescentes de condições sociais mais elevadas é considerada o padrão ideal que norteia as significações sociais.

Porém, nem todos os grupos de adolescentes brasileiros vivenciam esse período da vida como esperado socialmente, por causa das desigualdades de renda, raça e gênero que destinam grande parte deste grupo a enfrentar um cenário educacional distinto do que usufrui o grupo de adolescentes ricos, apresentando, portanto, sua trajetória escolar de forma não linear, marcada por interrupções.

Adolescentes da classe média passam por períodos mais longos de preparação para escolherem uma carreira universitária; o mesmo não acontece com os adolescentes das classes sociais mais baixas, que cursam escolas técnicas, cujo período de preparação é mais curto, em que aprendem o necessário para ingressar no mercado de trabalho, como ressalta Bock A. (1999). E a prematura entrada no mercado de trabalho ocorre pelas características da realidade econômica brasileira, que não oferece condições às famílias menos favorecidas financeiramente, de manterem seus filhos na escola, obrigando-os a contribuir no orçamento doméstico.

Na perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica, que orienta o referencial teórico metodológico desta pesquisa, o homem não é visto como o reflexo da sociedade em que vive, mas como ser ativo, inerente à sociedade e, como tal, é também um produto histórico e mutável, que se constitui em sociedade e ao mesmo tempo a constitui. Segundo Aguiar (2000, p. 126), “não se está simplesmente afirmando que o homem se encontra ligado ao mundo e à sociedade ou que é influenciado por ela, mas sim que se constitui sob determinadas condições sociais, resultado da atividade de gerações anteriores”.

O homem constrói sua existência a partir de ações sobre a realidade, tendo como objetivo principal satisfazer suas necessidades. Sendo assim, é por meio de ações significadas no mundo que o homem transforma a realidade objetiva em

realidade humana e cria suas próprias condições de existência, transformando também a si.

Podemos afirmar, então, que na perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica o homem é um ser ativo, social e histórico, que em sua existência se apropria de tarefas do mundo e as integra, desenvolvendo uma relação do sujeito com o objeto, que o caracteriza como ser humano.

Ainda sob a perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica, a adolescência foi constituída pelos homens em um processo histórico a partir das necessidades sociais que foram surgindo. Ela é, portanto, um fenômeno social construído, interpretado e significado pelos homens, o que confere repercussões na subjetividade e no desenvolvimento do indivíduo moderno.

Na perspectiva abordada, não há uma adolescência universal e sim múltipla, que assume diferentes possibilidades de expressão em seus contextos históricos e sociais. Assim, ressalta Bock A. (2007), que dentro de uma mesma sociedade a adolescência pode ser distinta de acordo com o grupo social. Essas considerações teóricas nos levam a reafirmar a importância de estudar as diferentes condições de vida dos adolescentes no Brasil para conhecermos os desiguais contextos em que estes se inserem.

A Organização Não Governamental (ONG) Ação Educativa (2002)⁶ indica a existência de, aproximadamente, oito milhões de adolescentes cujos níveis de renda e escolaridade limitam suas condições de desenvolvimento, comprometendo, assim, a construção de seus projetos de futuro. As origens históricas e a persistência das desigualdades, ao longo tanto das crises quanto nos períodos de desenvolvimento do país, fizeram com que a maioria da sociedade brasileira naturalizasse tal situação.

⁶ Índices presentes no documento “Adolescentes: escolaridade, profissionalização e renda”, do Grupo Técnico para Elaboração de Propostas Políticas para Adolescentes de Baixa Escolaridade e Baixa Renda, da ONG Ação Educativa (2002).

Os adolescentes brasileiros vivem a pobreza e as desigualdades de maneira particular e elas se intensificam mediante a raça, o gênero e a região onde eles vivem, como já mencionado.

Para minimizar esses efeitos, a sociedade contemporânea vem gerando demandas educacionais amplas, graças à expansão das redes públicas. Mais adolescentes tiveram acesso à escola, embora ainda haja numerosa a quantidade fora dela. Essa exclusão escolar é mais intensa entre os adolescentes negros (INEP 2014).

Quanto ao rendimento escolar dos adolescentes brasileiros pobres, observa-se a elevada defasagem entre a idade dos estudantes e a série que eles cursam (PNAD 2014).

Ainda há muito por fazer para que o Brasil possa garantir uma educação básica de qualidade a todos os adolescentes. As desigualdades associadas às variáveis socioeconômicas, raciais e regionais indicam a necessidade de implantar políticas especiais que atendam os adolescentes provenientes de famílias de baixa renda.

No Brasil, há 5,5 milhões de famílias, com adolescentes de até 14 anos, que tem renda inferior ou equivalente a meio salário mínimo (IBGE – PNAD). Esse cenário justifica as propostas da ONG Ação Educativa (2002), idealizadas com o objetivo de: assegurar o direito constitucional à Educação Básica pública; proporcionar oportunidades adequadas de ingresso ou retorno ao sistema escolar; assegurar que todos os adolescentes realizem as aprendizagens necessárias para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo; caracterizar a Educação Básica como um espaço democrático e inclusivo; implementar programas diferenciados aos adolescentes que frequentam a Educação Básica com defasagem em relação à idade-série; criar mecanismos institucionais em que as políticas públicas sejam planejadas com a participação dos adolescentes; e proporcionar aos adolescentes de baixa renda a oportunidade de complementar a

Educação Básica com a Educação Profissionalizante de qualidade, atendendo às exigências do mercado de trabalho e à demanda social.

Dessas propostas, destacam-se aquelas referentes ao mercado de trabalho e ao adolescente de baixa renda, que nos levam à reflexão sobre o ingresso desses adolescentes a esse novo ambiente, o que está intrinsecamente relacionado à condição socioeconômica das famílias, à trajetória escolar, à raça, ao gênero e à região onde eles vivem.

Um dos pontos mais relevantes a ser apreendido desses indicadores da desigualdade na escolaridade dos adolescentes brasileiros é que, como coloca Corrochano (2002), esse sujeito, mesmo vivendo muitos constrangimentos em função de sua situação socioeconômica, ainda vê a escola como um canal para a mobilidade social. Este nos parece ser o sentido da escola para alguns adolescentes pobres da sociedade brasileira.

Corroborando tal premissa dos adolescentes estão as considerações de Rego (2003, p.30): “a escola representa o elemento imprescindível para a realização plena do desenvolvimento dos indivíduos (que vivem numa sociedade escolarizada), na medida em que promove um modo mais sofisticado de analisar e generalizar os elementos da realidade”.

Corrochano (2002), no entanto, aponta que na ascensão social por meio do sistema escolar há configurado um paradoxo, pois em contraste com a crença da escola como instituição central para um futuro promissor, há, no dia a dia da mesma instituição, a ausência de sentido para esta.

2.4 - A escola e as classes sociais na escola

A história da educação no Brasil é marcada por muitas rupturas. A população indígena que aqui vivia possuía características próprias referentes à educação, que eram distintas da educação repressiva europeia. Então, pode-se

afirmar que a primeira ruptura educacional brasileira foi com a chegada dos portugueses, em 1500, que trouxeram ao país o padrão de educação europeu.

É indissociável a história da educação brasileira à chegada dos padres jesuítas da Companhia de Jesus, que trouxeram da Europa um processo sistematizado de transmissão de conhecimento. Inicialmente, os esforços educacionais foram dirigidos aos nativos indígenas a fim de difundir a crença cristã entre eles, por meio das missões chefiadas pelo padre Manuel da Nóbrega.

Esse processo funcionou até 1759, quando uma nova ruptura marcou a história da educação brasileira. Nesse ano, os padres jesuítas foram expulsos do Brasil pelo Marques do Pombal, o que deixou o sistema educacional, até então estruturado nos moldes europeus, em absoluto caos. A partir de então, foi instituído o ensino laico e público, cujos conteúdos deveriam se basear nas Cartas Régias⁷. Porém, somente em 1772 – treze anos depois –, foi implantado oficialmente o ensino público brasileiro.

Com a chegada da Família Real ao Brasil, em 1808, podemos descrever a terceira ruptura educacional, pois Dom João VI transferiu toda a corte para a Colônia, exigindo muitas alterações na precária educação brasileira, já que, por causa do bloqueio continental de Napoleão, os brasileiros não podiam mais ir estudar em Lisboa. Para sanar esse problema e adequar os estudos no Brasil, foram abertas as Academias Militares, as Escolas de Direito e de Medicina e a Biblioteca Real.

No entanto, mesmo diante da fundação dessas instituições, a qualidade da educação não foi privilegiada e continuou sendo secundária nas questões governamentais. Prova disso é que a inauguração da primeira universidade brasileira só aconteceu em 1934, na cidade de São Paulo.

⁷ Nome dado ao documento oficial assinado por um monarca, contendo determinações gerais e permanentes.

Foi a partir da República que algumas reformas puderam dar uma nova guinada educacional. Mesmo assim, não é difícil constarmos que não houve um processo de evolução considerável em termos de educação no Brasil nesse período, já que os governantes não apresentaram, por muito tempo, políticas e práticas educacionais que levassem em conta a diversidade da sociedade brasileira.

A população brasileira é composta por milhões de habitantes, que vivem em sociedade, diferenciando-se entre si por elementos econômicos, políticos e culturais que assumem feições distintas em seu modo de vida, causando, assim, a desigualdade social. Uma sociedade dividida entre a pobreza e a riqueza, na qual, segundo o senso comum, “Manda quem pode e obedece quem tem juízo”.

Rios (2010, p.477) define o termo sociedade como: “reunião de pessoas que têm a mesma origem e as mesmas leis; companhia de pessoas que se juntam para viver segundo as regras de um instituto; e união de pessoas ligadas por ideias ou interesses comuns”. Portanto, sociedade é um conjunto de atividades humanas e mostra que os indivíduos se relacionam uns com os outros. Com base nesse conceito, a escola pode ser considerada um exemplo de sociedade, configurando-se como um espaço para atividades que auxiliam os indivíduos a compreenderem a si mesmos e aos outros, embora existam nela muitas desigualdades.

Nos anos de 1960, Bourdieu *apud* Gonçalves (2010) formularam uma hipótese sobre o problema das desigualdades escolares. Eles acreditavam que a educação havia perdido seu papel de instância transformadora e democratizadora das sociedades, para se tornar uma instituição por meio da qual se mantinham e se legitimavam os privilégios sociais, tratando-se de uma total inversão de perspectiva. Nesse momento histórico, havia o consenso de que a escola pública tinha resolvido o problema do acesso à educação e, assim, garantia a igualdade de oportunidade entre os cidadãos, sendo, portanto, uma instituição neutra. Assim, a hipótese desses pensadores desestabilizava a zona de conforto governamental e social sobre as políticas educacionais.

Na perspectiva de Bourdieu *apud* Gonçalves (2010), o trabalho pedagógico desenvolvido pela escola só poderia ser compreendido quando relacionado ao sistema de relações entre as classes sociais, conceito denominado **arbitrário cultural**. De acordo com essa concepção, os valores que orientam cada grupo em suas atitudes e comportamentos seriam arbitrários e não fundamentados em razões objetivas. A consideração desses múltiplos valores é o que deveria ocorrer na escola, sendo a cultura transmitida por ela não considerada superior a outra e inquestionável.

Logo, para Bourdieu *apud* Gonçalves (2010) a cultura escolar seria uma cultura imposta, legitimada pelas classes dominantes. Uma vez reconhecida como legítima e como portadora de um discurso não arbitrário e socialmente neutro, a escola passa a poder exercer, segundo esse autor, livre de qualquer suspeita, suas funções de reprodução e legitimação das desigualdades sociais, tratando formalmente de modo igual, em direitos e deveres.

Desse modo é inegável que há relação entre as desigualdades sociais e escolares, sendo que as posições privilegiadas dentro do sistema de ensino tendem a ser ocupadas pelos sujeitos pertencentes aos grupos socialmente dominantes. Segundo Bourdieu *apud* Gonçalves (2010), por mais que se democratize o acesso ao ensino por meio da escola pública e gratuita, continuará existindo uma forte relação entre as desigualdades sociais, sobretudo culturais, e as desigualdades ou hierarquias internas do sistema de ensino.

Por outro lado, Lahire (2004) tem mostrado em seus estudos que há possibilidade de sucesso escolar para os indivíduos pertencentes a classes sociais dominadas, contrariando os princípios da teoria da reprodução social de Bourdieu (2010). Os estudos de Lahire (2004) são voltados para o aprofundamento biográfico das razões do (in)sucesso escolar, isto é, direcionados para uma sociologia à escala individual.

Para Bourdieu *apud* Gonçalves (2010), a cultura está presente desde a infância na vida dos estudantes oriundos da burguesia culta. Isto quer dizer que

eles foram banhados no universo da cultura precocemente e, desse modo, adquiriram disposições para falar e pensar, sem esforço aparente nas quais a língua culta é a língua natural. Para os autores, esses indivíduos integram desde pequenos as regras do saber-viver intelectual e do saber-pensar, como uma herança recebida do grupo onde estão inseridos. É a **teoria da reprodução social**.

Já Lahire (2004) aponta outra abordagem. Mostra o indivíduo como singular e considera que o sucesso escolar tem a ver com aspectos particulares, ligados ao próprio indivíduo, às suas características pessoais, a questões ligadas à família, bem como à relação entre esta, a criança e a escola. O autor questiona sobre o insucesso escolar de indivíduos oriundos de meios desfavorecidos transpondo o conceito de que o meio cultural é o único responsável por ele.

Lahire (2004) tem como questão central em suas discussões a seguinte questão: Como famílias com melhores recursos têm filhos com dificuldades escolares, enquanto outras, com menos recursos, têm filhos com sucesso escolar?

Com essa pergunta, o autor aprofunda as contribuições de Bourdieu *apud* Gonçalves (2010) sobre a teoria da reprodução social e parte para questões que darão uma nova resposta aos fenômenos da vida de um indivíduo. Considera que é a partir da análise dos vários processos de socialização que o indivíduo incorpora a possibilidade de encontrar as respostas para o sucesso ou insucesso escolares. Portanto, entende que são os fenômenos que acontecem na vida do indivíduo que definem as relações e interações mais particulares; que delimitam forças contraditórias, favoráveis ou desfavoráveis; e que indicam futuro positivo ou negativo, aliados ao sucesso ou insucesso escolares, respectivamente.

Em complemento ao que Bourdieu *apud* Gonçalves (2010) consideram característico da classe social, Lahire (2004) ressalta que por meio da escola os indivíduos tecem novos caminhos, pois nela também se encontram formas influenciadoras e, portanto, socializadoras, que levam ao sucesso escolar.

Contudo, este dependerá do aproveitamento da oportunidade por parte do indivíduo. É a questão da oportunidade que articula os contextos familiares e escolares, podendo ser favorável ou não à trajetória de vida do indivíduo.

Em comum, as concepções desses três autores consideram que a instituição escolar tem em si modelos que se adaptam com a evolução dos tempos, compreendendo que a escola pode influenciar os destinos individuais. Eles consideram tal evolução como um ato pedagógico, no qual a particularidade está na maneira como é transmitida pelo professor e assimilada pelo aluno. Afirmam, também, que cada um dos atores envolvidos nesse processo transmite e assimila conhecimentos conforme suas especificidades, ou seja, de forma particular e individual.

Segundo a ideia de Lahire (2004) de que a interação entre os contextos familiares e escolares resultam em formas de socialização, e o sucesso ou insucesso escolar depende da especificidade de cada indivíduo e dos diversos contextos que o envolvem, depreendemos que Bourdieu *apud* Gonçalves (2010), pensando nos grupos sociais, consideram que as desigualdades escolares traduzem, em boa parte, as desigualdades sociais, perpetuando-as.

Estes autores consideram, também, que os alunos que apresentam insucesso escolar possuem uma fragilidade de seus meios simbólicos e materiais para fazerem face aos desafios da escola. Nessa perspectiva, quanto maiores forem as dificuldades, menores serão as possibilidades de sua superação, tendo como consequência o insucesso e abandono escolares.

É na escola que as crianças e adolescentes passam boa parte do seu tempo, e é neste espaço que entram novas figuras socializadoras, com quem esses indivíduos se relacionam e incorporam o que lhes é ensinado. Portanto, na escola começam a acontecer socializações, que podemos chamar de **primeira socialização**, e, ao longo da trajetória de vida, cada indivíduo continua se socializando nas relações que estabelece com outros indivíduos ou com grupos sociais, o que podemos chamar de **segunda socialização**.

A primeira socialização tem relação à inserção no grupo e à aceitação por parte dos outros, portanto, é muito sentida emocionalmente porque a criança aprende a se identificar com outros significativos do mundo. Na segunda socialização há uma divisão social do trabalho e, em simultâneo, uma distribuição social do conhecimento. Essa socialização se define como a interiorização de submundos institucionais. Sendo assim, a segunda socialização é um processo que introduz o indivíduo, já socializado, em novos setores da sociedade.

Em suma, Bourdieu *apud* Gonçalves (2010) define as classes sociais como agentes que ocupam posições semelhantes e que têm a probabilidade de atitudes e interesses também semelhantes. Refere-se aos capitais culturais como formas de poder que se exercem entre os indivíduos e os grupos, dependendo da posição que cada agente ocupa e da forma como utiliza esses capitais.

Lahire (2004) considera que o capital cultural é acumulado nas famílias e que sua transmissão só ocorre se houver condições favoráveis nelas. Ressalta que a criança precisa de um contato continuado e prolongado com esse capital cultural, que pode ser entendido como os saberes não só dos pais, mas de todos os outros que a rodeiam, que contribuirão para sua formação como indivíduo. O autor considera que essa transmissão do capital cultural não acontece sem uma correspondente vontade de quem o fornece e de quem o recebe, sendo, para tanto, necessário determinado esforço e empenho por parte de ambos.

E é nessa concepção que Lahire (2004) se contrapõe a Bourdieu *apud* Gonçalves (2010), ressaltando que a presença objetiva de um capital cultural na vida de uma criança não é condição para que ela seja bem sucedida em seus estudos, ou seja, não basta frequentar ambientes estimulantes se o capital cultural não estiver em condição de uso.

Ainda na questão da abordagem do capital cultural, Charlot (1996) explica que o desinteresse ou o fracasso do aluno em decorrência da posição social da família ou das carências culturais inerentes a sua origem, não está

suficientemente explicado. Então, podemos entender que o sucesso ou o fracasso escolar não depende totalmente da presença do capital cultural.

Segundo o autor, a origem social não é a causa do fracasso escolar dos filhos das famílias populares, mas sua origem social tem alguma relação com o desempenho escolar. Para ele, essa relação, já demonstrada por muitos pesquisadores, confirma que existe desigualdade perante a escola, reflexão que não pode ser encerrada, pois estaríamos considerando o problema como solucionado, interpretando-o de forma negativa e sem entender o indivíduo em sua totalidade, considerando sua história de vida, suas atividades cotidianas e seus anseios.

Para Rego (2003, p. 72), Charlot tinha como objetivo em seus estudos “compreender o significado da escola para os alunos, tendo em vista o modo de eles encararem o próprio fato de estudar e aprender”. Dessa forma, Charlot investigou justamente os anseios dos jovens para com a escola e o próprio futuro, compreendendo que não eram as mesmas para todos.

A relação de expectativa para com o futuro, com a escola e com o aprender não é a mesma para todos os jovens, já que as condições de existência de cada um exprimem as relações sociais que estruturam a sociedade. Para certos jovens, estudar significa se apropriar dos saberes. Para outros, estudar tem um significado diferente: pensam a escola em termos de garantia para um futuro melhor (REGO, 2003, p. 72)

Diante de todas essas observações, devemos pensar no que a escola ensina, cultiva e agrega aos estudantes, quer dizer, o que ela oferece a eles. Muitas vezes, tentamos adequar todos os estudantes a um modelo escolar, mas não vemos que o problema está na educação que exclui, amedronta e nega a muitos uma vida social adequada. Não podemos nos apegar a constituição de escolas para pobres e escolas para ricos, mas sim em uma escola para todos, independentemente das classes sociais às quais pertencem.

III – A Educação Básica no Brasil

Essa pesquisa tem como sujeitos um grupo de alunos do Ensino Médio da Educação Básica brasileira, que serão descritos com mais detalhamento no capítulo destinado à metodologia. Para compreender o que se configura atualmente como Educação Básica no Brasil, expomos, a seguir, alguns dados sobre seu contexto.

A Educação Básica brasileira é um direito assegurado pela Constituição da República Federativa do Brasil e pelo ECA, sendo o alicerce para o exercício pleno da cidadania e o acesso aos outros direitos sociais, econômicos, civis e políticos. De acordo com as diretrizes do Ministério da Educação (MEC), ela é composta por três etapas: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, além de programas de ensino destinados à alfabetização de adultos – Educação de Jovens e Adultos (EJA). Essas etapas se dividem por idades, como mostra o quadro 1:

Quadro 1 – Periodização e faixa etária ideal da Educação Básica brasileira

Educação Infantil		Ensino Fundamental		Ensino Médio	
Creche	0 a 3 anos	Anos iniciais - 1º ano ao 5º ano		1ª Série	15 anos
Pré-escola	4 a 5 anos	1º Ano	6 anos	2ª Série	16 anos
		2º Ano	7 anos	3ª Série	17 anos
		3º Ano	8 anos		
		4º Ano	9 anos		
		5º Ano	10 anos		
		Anos Finais – 6º ano ao 9º ano			
		6º Ano	11 anos		
		7º Ano	12 anos		
		8º Ano	13 anos		
9º Ano	14 anos				

Fonte: Produção da autora com base nos dados no MEC⁸

O objetivo da Educação Básica é assegurar a todos uma formação em comum, fornecendo assim subsídios para progressão profissional e em estudos posteriores, adquirindo os conhecimentos mínimos necessários para cidadania e tomada de consciência sobre o futuro profissional.

⁸ Dados disponíveis em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=293&Itemid=358. Acesso em: 31 de Julho de 2013.

Para que isso seja possível, ela deve proporcionar o pleno desenvolvimento humano, em condições de liberdade e dignidade, respeitando e valorizando as diferenças. Sendo assim, é considerada uma das principais prioridades para iniciar o processo de mudança social e desenvolvimento dos países em vias de desenvolvimento.

Além da Constituição brasileira e do ECA, os documentos que norteiam a Educação Básica são: a Lei nº 9.394, promulgada em 20 de dezembro de 1996, que estabeleceu as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB); e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Brasileira e o Plano Nacional de Educação para 2011-2020.

A LDB foi criada para regulamentar e ordenar a educação brasileira, orientando o desenvolvimento e as avaliações das propostas pedagógicas de todas as redes de ensino do país, sempre com base nos princípios da Constituição. A primeira sinalização sobre a necessidade de uma LDB para a educação ocorreu em 1934, mas a promulgação das premissas com força de lei aconteceu somente 62 anos depois.

Essa lei tem como base o princípio do direito universal à educação gratuita dos quatro aos 17 anos e o Ensino Fundamental de nove anos, por isso, destaca-se como a lei educacional brasileira mais importante. Dessa forma, a LDB garante a crianças, adolescentes e adultos o direito de receberem educação de qualidade, correspondente a sua idade, respeitando suas diferenças, condições sociais, culturais, emocionais, físicas e étnicas. Apresenta-se, portanto, como um instrumento que deve promover a construção de uma nação cada vez mais solidária e capaz de desenvolver todas as suas potencialidades.

Vale ressaltar que cada uma das etapas da Educação Básica têm objetivos próprios e diversas formas de organização. Municípios e estados trabalham de maneira articulada na oferta e gestão da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, mas o mesmo não acontece com o Ensino Médio, que é de responsabilidade exclusiva de cada estado.

3.1 – As especificidades do Ensino Médio

Como etapa final da Educação Básica, o Ensino Médio deve oferecer uma educação equilibrada e igualitária para todos os alunos, sendo que cada estado tem essa responsabilidade, como já mencionado. É nesse período escolar que os conhecimentos adquiridos ao longo do Ensino Fundamental são aprofundados, com o objetivo de articular os conteúdos com a preparação básica para o trabalho e a cidadania.

Então, os estudantes devem concluir a Educação Básica com domínio dos conhecimentos e habilidades que os possibilitem escolher o rumo de suas vidas adultas, visto que o Ensino Médio tem como função básica propiciar a formação ética e o desenvolvimento do pensamento crítico.

A partir da inserção das novas tecnologias no mercado, o que modificou as formas de produção de bens e gerou a necessidade de novos conhecimentos técnicos, houve a necessidade de uma adaptação desta última etapa da Educação Básica, possibilitando aos alunos uma melhor integração com o mundo contemporâneo. E para auxiliar as equipes escolares no desenvolvimento do currículo escolar, em 1995 começaram a ser formulados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Assim, coube ao Ministério da Educação promover um projeto de reforma do Ensino Médio, com base em uma política de desenvolvimento social seguindo os princípios da LDB, elaborando um novo currículo que conferisse significado ao conteúdo escolar, por meio da contextualização, da promoção da interdisciplinaridade, do incentivo ao raciocínio e da capacidade de aprender e utilizar as novas tecnologias, diferentemente do modelo anterior, que primava o acúmulo de informações e a descontextualização dos conteúdos.

Com a reforma curricular do Ensino Médio, passaram a ser contemplados três domínios da ação humana: a vida em sociedade, a atividade produtiva e a experiência subjetiva, integrando os alunos nas relações sociais. Esses domínios suscitaram muitos estudos por parte do MEC e da UNESCO, dentre os quais se

destaca o relatório⁹ proposto por Delors (1996) com a proposta de quatro eixos estruturais da educação para o novo currículo: **aprender a conhecer** – priorizando o domínio dos instrumentos do conhecimento, favorecendo o desenvolvimento intelectual e estimulando o senso crítico e autonomia; **aprender a fazer** – criando condições para o enfrentamento de novas situações, privilegiando a aplicação da teoria na prática e assim valorizando novas habilidades; **aprender a viver juntos** – desenvolvendo projetos em grupos e possibilitando a convivência e resolução de conflitos por meio do diálogo; e **aprender a ser** – preparando o sujeito para ser crítico e autônomo, podendo decidir por si mesmo os conflitos e exercitando a liberdade de pensamento e discernimento.

Com base nesses novos preceitos organizacionais, o Ensino Médio passou a ser um instrumento de preparação dos alunos para suas escolhas futuras, criando condições para que as práticas escolares se desenvolvessem em seus cotidianos, principalmente no que diz respeito à escolha de uma profissão.

3.2 - O aluno bolsista na Educação Básica

Tendo como objetivo compreender os sentidos subjetivos constituídos por alunos bolsistas da Educação Básica em uma escola particular de São Paulo, tornou-se necessário apresentar algumas considerações sobre quem são esses alunos.

Segundo a Cartilha dos direitos em educação¹⁰ (2013), os bolsistas são alunos que estudam em escolas da rede privada, para os quais são concedidos descontos parciais ou integrais sobre os valores cobrados por essas instituições de ensino, referentes à totalidade das anuidades escolares: as chamadas bolsas de estudo.

⁹ Relatório “Educação, um tesouro a descobrir”. Elaborado pela Comissão Internacional sobre educação no século XXI. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000009.pdf>. Acesso em: 15 out. de 2014.

¹⁰ Cartilha dos Direitos em Educação tem por objetivo transmitir, de forma clara, os itens referentes à educação já aceitos tanto pelo Governo quanto pelas escolas. É resultado de pesquisas do Centro de Direito Educacional do Instituto de Pesquisa Avançadas em Educação.

Nesta dissertação, focamos a sociabilidade entre os alunos bolsistas e não bolsistas a partir da compreensão de quem são e considerando seu cotidiano escolar, levantando os seguintes questionamentos: o que pensar sobre as facetas que se desvelam no dia a dia dos estudantes? Como alunos bolsistas e não bolsistas experimentam a vida escolar? Quais são os contextos e situações que vivenciam na escola? E por fim, quais são os significados emergentes desta vivência?

Pretendemos abrir uma reflexão a respeito das relações de convivência, tensões, mediações e crises de convívio e crescimento, já que as mudanças não são indolores e emergem como significado para o estudo das relações. Essa constatação foi feita por Dauster (2001, p. 3), que afirma que ter um aluno bolsista na instituição escolar significa uma ação de mão dupla, “uma vez que os alunos dos setores populares tanto atuam no sentido de mudanças no interior da instituição, quanto intervém nos seus contextos de origem como multiplicadores, lá modificando atitudes e valores”.

3.3 - Regimento escolar para alunos bolsistas

A LDB define a abrangência da educação e os princípios que devem regê-la:

TÍTULO I: Da Educação

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

TÍTULO II: Dos Princípios e Fins da Educação Nacional

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;

- IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;
- V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- VII - valorização do profissional da educação escolar;
- VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;
- IX - garantia de padrão de qualidade;
- X - valorização da experiência extraescolar;
- XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.
- XII - consideração com a diversidade étnico-racial. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)
(BRASIL, 1996).

Essa Lei também fixa como dever do Estado a oferta e a garantia de acesso ao Ensino Básico:

TÍTULO III: Do Direito à Educação e do Dever de Educar

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, organizada da seguinte forma: (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

a) pré-escola; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

b) ensino fundamental; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

c) ensino médio; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

Art. 5º O acesso à educação básica obrigatória é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída e, ainda, o Ministério Público, acionar o poder público para exigi-lo. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)
(BRASIL, 1996).

Embora a oferta e o acesso ao ensino público, bem como sua qualidade sejam garantidos por Lei, conforme constatado nos excertos, sabemos que nem sempre esses direitos são efetivados, o que leva muitas famílias de baixa renda a buscarem um ensino que acreditam ser de melhor qualidade, oferecido por escolas particulares. E a viabilidade do acesso, nesses casos, ocorre por meio de concessões de bolsas de estudo.

Segundo a Cartilha dos direitos em educação (2013), todas as instituições escolares devem ter um regimento escolar interno, sendo este um documento público que define as normas de funcionamento das escolas públicas e particulares, de educação básica ou superior. Cabe às próprias instituições escolares elaborarem os textos, para os quais não existem modelos pré-

estabelecidos pelo governo. Neste documento devem constar as regras gerais sobre a educação vigentes naquela instituição de ensino, como: aspectos de disciplina, aprovação, recuperação e estrutura da escola. Após a finalização, este documento deve ser aprovado pelo Conselho de Educação e registrado em cartório de títulos e documentos. Por ser um documento público, os alunos e seus responsáveis têm o direito de conhecê-lo e de possuir cópia de seu conteúdo.

A Cartilha dos direitos em educação (2013) pressupõe que o regimento interno das instituições escolares deva estar pronto antes do início das matrículas, e quaisquer alterações realizadas no decorrer do ano letivo não devem adquirir valor prático naquele ano, mas somente a partir do próximo. O aluno ingressante na escola ou seus responsáveis não podem discordar do regimento, pois se trata de um documento oficial. No caso de não aceitação de alguma cláusula por parte destes, não deve haver matrícula.

É nesse regimento interno que devem constar as definições referentes aos alunos bolsistas. Entendemos que abrir as fronteiras da escola particular para receber esses alunos bolsistas, oriundos das camadas populares e que só teriam acesso a um ensino de excelência, no contexto brasileiro, por meio dessa concessão de descontos financeiros, seria uma iniciativa muito proveitosa no caminho da diminuição da desigualdade educacional no país. Porém, não há na legislação brasileira normas que garantam a concessão de bolsas em escolas particulares do Ensino Básico.

O benefício concedido pelos estabelecimentos é uma liberalidade e não assegura sua permanência para um ano ou semestre seguinte. Uma antiga lei que beneficiava desconto para irmãos foi revogada e, portanto, não é mais aplicável. Os estabelecimentos de ensino possuem, via de regra, critérios próprios para que os descontos sejam oferecidos, representando uma bolsa parcial. Igualmente não podem ser discutidos, pelos alunos ou famílias, os procedimentos usados para as gratuidades. A decisão de conceder ou não tratamento diferenciado é de estrita competência das direções dos estabelecimentos de ensino. (CARTILHA DOS DIREITOS EM EDUCAÇÃO, 2013)

Decretada pelo Congresso Nacional, a concessão de bolsas de estudo prevista no § 1º do artigo 213 da Constituição Federal pode beneficiar alunos carentes que a rede pública de Ensino Fundamental e Médio não estiver em condições de atender. Essas bolsas de ensino são destinadas ao custeio dos encargos educacionais cobrados pelas instituições de ensino comunitárias, confessionais e filantrópicas, mantidas pela iniciativa privada. Os encargos não poderão ser superiores aos previstos gastos por um aluno na rede pública e serão estipulados com base nos valores apurados no ano anterior, ou previstos para o ano em curso.

Ainda segundo a Constituição, a destinação de recursos públicos a bolsas de estudo para o Ensino Fundamental e Médio será admitida somente quando houver falta de vagas e de cursos regulares da rede pública na localidade de residência do aluno. No § 1º do artigo 3º, fica decretado que “simultaneamente à concessão de bolsas de estudo, o poder público implementará as medidas necessárias ao cumprimento da obrigação constitucional de investir prioritariamente na expansão de rede de ensino municipal e estadual”. (BRASIL, 1988)

Portanto, não há obrigatoriedade de concessão de bolsas, embora muitas instituições de ensino mantidas pela iniciativa privada concedam descontos no valor das mensalidades escolares, tendo como principal objetivo que os alunos consigam estudar. A Cartilha dos direitos em educação (2013) deixa claro que o benefício concedido em um período letivo não se caracteriza por um direito adquirido. “No momento da matrícula a unidade de ensino poderá modificar as regras e manter ou não o desconto concedido. É uma liberalidade e não um direito permanente do aluno”.

Acordos coletivos firmados entre sindicatos de professores e auxiliares de administração escolar também preveem a concessão de bolsas parciais ou integrais para filhos e dependentes dos trabalhadores na área educacional. Segundo a Cartilha dos direitos em educação (2013), é comum que no regimento escolar interno constem regras que definam quando a bolsa não será mantida,

como no caso de repetência do aluno. Outro fator importante que deve ficar claro entre o aluno bolsista e a instituição escolar é que ele deve cumprir as regras constantes do regimento escolar interno.

Outro endosso para a validade de bolsas educacionais são as entidades filantrópicas. Segundo a Cartilha dos direitos em educação (2013), “as entidades filantrópicas têm que oferecer serviços gratuitos no percentual mínimo equivalente a 20% de sua receita bruta para manterem o direito às isenções tributárias”. Para que este benefício seja garantido é necessária a concessão de um certificado de filantropia expedido pelo governo federal. Caso a entidade perca este certificado, pode extinguir as bolsas de estudo que beneficiam os alunos, porém deve respeitar o término do ano letivo. A Cartilha deixa claro que não existe amparo legal para que os alunos permaneçam estudando com bolsas de estudo.

No decorrer de nossa pesquisa pudemos observar a escassez de estudos sobre a questão dos alunos bolsistas. Foram encontradas pesquisas referentes a essa temática na Universidade, mas não na Educação Básica. Acreditamos que a originalidade desta pesquisa se dará justamente por ser destinada a uma parcela da população brasileira pouco ou não presente nos estudos acadêmicos de modo geral: os estudantes bolsistas da Educação Básica oriundos de classes pobres da sociedade brasileira.

IV – A perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica

Ter como ponto de partida a concepção de que os fenômenos humanos são resultados de um processo histórico é a noção básica da Psicologia Sócio-Histórica. Tais fenômenos se constituem na materialidade das relações entre os sujeitos e entre os sujeitos e a natureza. Esses pressupostos são decorrentes do método materialismo histórico e dialético, que afirma a objetividade e a subjetividade como âmbitos que se relacionam e estão em movimento de constante transformação.

Segundo a perspectiva Sócio-Histórica, trabalhar com essa linha metodológica significa identificar no objeto de estudo o processo de constituição dos fenômenos. Portanto, nessa perspectiva, busca-se definir um objeto não pelo que é, mas sim como se constitui, privilegiando sua historicidade. Não se buscam as causas, mas os elementos que constituem os objetos apresentados, em seu movimento de constante transformação.

Partindo do pressuposto de que o sujeito se constitui em suas relações humanas no mundo, autores como Leontiev, Luria e Vygotsky definiram que o marco teórico dessa perspectiva é a noção de um processo contínuo e permanente a partir das relações e experiências humanas no mundo, transformando o mundo e o homem.

Na perspectiva Sócio-Histórica o homem se constitui no mundo, portanto, a dicotomia entre objetividade e subjetividade é apenas aparente, já que há entre elas uma relação complexa e dialética, na qual uma constitui a outra, sem se confundirem entre si.

Assim, a constituição do sujeito se dá pelo conjunto de condições individuais, históricas, sociais e culturais. Ao nascerem, os sujeitos são inseridos num mundo que tem uma história e uma organização social, portanto, não é novo. Esse sujeito já tem lugar numa rede de trocas intersubjetivas através das quais saberes, sentimentos, emoções e significados são veiculados. O homem nasce

candidato à humanidade e, em contato com a cultura e com os outros, humaniza-se. E é nesta relação ativa com a realidade que sua subjetividade vai sendo também constituída.

Rey (2005) define a subjetividade como constituição do psiquismo no sujeito individual, um processo singular que se dá nas relações dialéticas entre o sujeito e o mundo no qual está inserido. O autor ressalta que este processo não é mera reprodução do mundo externo, mas uma construção pessoal e intrínseca ao psiquismo humano.

A psicologia Sócio-Histórica escapa de visões deterministas, pois o processo de construção do psiquismo não é tomado como um retrato ou como um carimbo do mundo social no sujeito. O sujeito é ativo, e a construção do psicológico resulta em uma nova realidade qualitativamente distinta da realidade eterna. (REY, 2005, p. 123)

Portanto, a subjetividade é uma configuração dos sentidos produzidos pelo sujeito a partir de suas experiências no mundo, que são constitutivas do sujeito pelo sentido que este atribui a elas. Segundo Rey (2005) o que é subjetivado é o sentido das experiências e não elas mesmas.

Assumir a subjetividade leva a compreender a psique humana inserida nos distintos referentes em que se constituem os sentidos subjetivos dos sujeitos no conjunto de suas práticas sociais em contextos institucionais e culturais específicos. (REY, 2005, p. 410)

O estudo da subjetividade pode, então, ser feito a partir da pesquisa sobre os sentidos e significados que são constituídos nesse processo de produção. Quando nos referimos aos sentidos, falamos de um processo interno e singular realizado pelo sujeito. Já os significados são conceitos culturalmente e socialmente produzidos que expressam os valores compartilhados por um grupo. Portanto, os sentidos subjetivos são mediados pelos significados culturalmente estabelecidos.

A subjetividade, segundo Bock A. e Gonçalves (2005), por se constituir a partir das vivências e relações do sujeito no mundo, é de responsabilidade de todos, pois cada indivíduo na sociedade participa da construção das possibilidades de ser, do outro.

4.1 - Psicologia Sócio-Histórica e o pesquisar

À luz das contribuições teóricas da Psicologia Sócio-Histórica, o método adotado para a coleta e análise dos dados nesta pesquisa é o do materialismo histórico e dialético, que representa a superação da dicotomia entre objetividade e subjetividade.

Buscamos produzir conhecimento apoiados na concepção da **Epistemologia Qualitativa** de Rey (2005), o qual afirma que a pesquisa qualitativa é caracterizada por seu caráter dialógico, de construção e interpretação da realidade, existindo assim um compromisso ontológico e epistemológico do pesquisador. Ela propõe-se a trabalhar com o qualitativo não apenas no nível metodológico, mas fundamentalmente no nível epistemológico. É importante ressaltar que a metodologia no campo da psicologia deve ser acompanhada de uma reflexão que permita a criação teórica sobre uma realidade irregular, interativa e histórica.

O método materialista histórico e dialético tem como foco de investigação o processo de constituição dos fenômenos humanos, pois, nessa perspectiva, entende-se que a realidade está em constante transformação e, além disso, para compreender o objeto de pesquisa precisamos compreender seus processos de constituição histórica e suas relações sociais.

Portanto, a arte da descrição complementada pela explicação pode ser encontrada na pesquisa qualitativa desenvolvida a partir de uma orientação Sócio-Histórica, enfatizando nessa abordagem a compreensão dos fenômenos a partir de seu acontecer histórico, onde o particular é considerado uma instância da totalidade social. A pesquisa é vista como uma relação entre sujeitos, portanto dialógica, sendo o pesquisador e o pesquisado partes integrantes do processo investigativo.

Tendo como questão central a desigualdade social, procuramos compreender as significações, constituídas por alunos bolsistas de uma escola

particular de São Paulo, sobre suas experiências escolares, incluídas as experiências de aprendizado, as relações interpessoais e as atividades desenvolvidas. Acredita-se que a desigualdade social seja o cenário para essas experiências e relações e, portanto, caracterize-as, assim como também defina os aspectos subjetivos que vão compondo o fenômeno.

Quando se pretende refletir sobre o processo constitutivo do sujeito, pode-se afirmar que é no contexto de sua vida social que se constituem as relações portadoras de sentidos e significados, ou seja, é nas experiências sociais que se inscrevem os sistemas de necessidades com caráter histórico, sendo este individual e coletivo.

Rey (2005) ressalta que a compreensão da subjetividade deve se apoiar na dialética entre o social e o individual. Portanto, o social e o individual não se excluem, ao contrário, constituem-se como uma complexa relação, superando a ideia de subjetividade como um fenômeno puramente individual.

Por esse caráter dialético, Rey (2005) afirma que sem uma revisão epistemológica sobre a subjetividade corre-se o risco de se manter uma posição instrumentalista na pesquisa qualitativa, legitimando o instrumento utilizado na pesquisa e não o processo que caracteriza a produção do conhecimento. O autor destaca que a “epistemologia qualitativa defende o caráter construtivo e interpretativo do conhecimento, o que de fato implica compreender o conhecimento como produção e não como apropriação linear de uma realidade que se apresenta” (REY, 2005, p. 5).

Ainda segundo esse autor, a produção de caráter construtivo e interpretativo não se caracteriza por uma interpretação *a priori* ou por um marco teórico fechado, mas sim pela elaboração de ideias durante o processo de investigação, que são a verdadeira construção do conhecimento. Essas ideias vão se ampliando à medida que apareçam indicadores que permitam compreender de maneira mais ampla o objeto de estudo.

É nesse sentido que Rey (2005) fala em produção de informações e não em coleta de dados, pois, quando produzimos informações, teorizamos sobre o empírico, mas este não é uma verificação do conhecimento, e sim o momento em que teoria confronta realidade e busca dar visibilidade ao ainda não visto. Portanto, a teoria se faz presente em todo processo de investigação, possibilitando os avanços na compreensão do conhecimento como algo que está em construção, desenvolvendo-se continuamente.

A pesquisa qualitativa se apoia em princípios metodológicos que expõem particularidades do objeto estudado, como a necessidade de interpretar e dar sentido às expressões do sujeito, assim como a importância da interação do sujeito no processo de estudo do fenômeno, dando espaço à singularidade como um elemento importante na investigação proposta nesta pesquisa, que pretende acessar a dimensão subjetiva da realidade, ao contrário do que se apoia a base positivista do conhecimento.

A construção teórica da subjetividade abre um espaço de possibilidades ao pesquisador, pois, segundo Rey (2005), durante a construção de seu objeto, esse pesquisador traça um caminho e está envolvido na tensão de seu próprio pensamento, deparando-se, então com novos raciocínios diante das transformações qualitativas e, principalmente, diante das emergências que ele enfrenta no processo investigativo.

A investigação qualitativa dedicada a essa perspectiva está produzindo de forma permanente construções hipotéticas complexas que vão permitindo articular as diferentes zonas de inteligibilidade do problema estudado por meio da extensão permanente e das contradições desenvolvidas a partir das diferentes investigações concretas. (REY, 2005, p. 274)

Portanto, orientando-se no conhecimento dos processos de produção de sentido e das diferentes maneiras de sua organização, a pesquisa qualitativa procura dar visibilidade à dimensão subjetiva tanto a partir de uma perspectiva individual como nos diferentes espaços sociais do sujeito. Rey (2005) ressalta que a investigação qualitativa em Psicologia não se restringe à metodologia, pois

pretende conhecer, esclarecer, entender e interpretar os processos que constituem os objetos de investigação.

4.2 - A dimensão subjetiva

Em nossa pesquisa, buscamos dar visibilidade à dimensão subjetiva do processo de escolarização de alunos bolsistas em uma escola particular, e nesse processo procuramos compreender os sentidos subjetivos constituídos por esses alunos. Tal experiência parece, a nós, conter elementos ou expressões da desigualdade social que marcam nossa sociedade e suas instituições e relações sociais.

Pesquisadores embasados na perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica, como nosso caso, buscam a construção de categorias de análise, dando visibilidade a aspectos da realidade. Como exposto por Aguiar (2011), é nas categorias que encontramos os movimentos, as contradições e a historicidade dos fenômenos estudados, já que seu estabelecimento visa a explicar os processos que ocorrem na realidade concreta, que está em constante movimento e contradição.

Segundo Aguiar e Ozella (2006), os sentidos e significados emergentes no estudo da dimensão subjetiva podem ser teoricamente diferenciados entre si. Os significados se referem aos conteúdos instituídos, que são apropriados pelos sujeitos a partir de suas próprias subjetividades. Eles constituem o ponto de partida na perspectiva de compreender o sujeito por meio de análises e interpretações, caminhando para zonas mais profundas, como os sentidos.

E os sentidos são caracterizados por Rey (2005, p.28) como a possibilidade de pesquisar unindo a produção e o contexto social onde o sujeito vivencia suas experiências, ou seja, expressa a forma singular pela qual se manifesta sua história social: “o estudo da subjetividade, sempre e em cada um dos cenários em que é produzida, estará nos informando, simultaneamente, sobre os sujeitos e sobre a subjetividade social em seus mais diversos espaços”.

Sendo assim, recorreremos à categoria **sentidos subjetivos e significados** para o tratamento das informações, e por fim, para subsidiar a análise.

A categoria escolhida se constitui no processo de construção do real e do sujeito, porque, como nos explica Aguiar (2009), objetividade e subjetividade são um único processo – o de transformação do mundo e constituição dos humanos – e jamais poderão ser consideradas e apreendidas dicotomicamente.

Essa categoria pretende dar visibilidade a uma importante zona do real, percebendo como as construções intelectivas, mesmo sendo abstratas, carregam a materialidade e as contradições presentes no real.

Os significados são produções históricas e sociais que, por serem compartilhadas, permitem a comunicação entre os homens. Por isso, podem ser entendidos como a forma como o homem assimila a experiência humana generalizada e refletida.

Segundo Vygotsky (1995), a significação é uma atividade fundamentalmente humana, o que diferencia o homem dos animais do ponto de vista psicológico. Ou seja, ela se refere ao processo de constituição do pensamento e dos significados e sentidos.

Os sentidos são muito mais amplos do que os significados, pois contêm estes e incluem, também, tudo que o indivíduo experimenta em relação a um determinado objeto, pessoa ou fato social. Incluem as necessidades que ainda não foram realizadas, mas que mobilizam o sujeito, constituindo o seu ser. Segundo Aguiar (2009, p.65), “falar de sentidos é falar de subjetividade, da dialética afetivo/cognitivo, é falar de um sujeito não diluído, de um sujeito histórico e singular ao mesmo tempo”.

Para Bock e Gonçalves (2005), os sentidos subjetivos constituídos pelos sujeitos são únicos e têm sua base no mundo social e cultural, quer dizer, no mundo dos significados. As autoras explicam que quando o homem atua sobre o

mundo, apropria-se da cultura e a partir dela adquire a linguagem, além de se apropriar também dos significados. Dessa forma, esse sujeito constrói um sentido pessoal para suas vivências, o que dá a ele plenas condições de atuar com os outros, criar cultura e construir significados.

Portanto, sentidos subjetivos são categorias de análise que nos permitem dar visibilidade a elementos subjetivos. Por meio de sua definição, supera-se a dicotomia individual/social e interno/externo, uma vez que elas consideram esses valores como parte dos fenômenos e como constituídos nas atividades humanas.

V – Metodologia

O interesse desta pesquisa está centrado na compreensão dos sentidos subjetivos constituídos sobre o processo de escolarização, por alunos bolsistas da Educação Básica de uma escola particular da cidade de São Paulo (SP), sendo assim, neste capítulo apresentaremos os caminhos metodológicos que percorremos para coletar informações e dados sobre o tema de pesquisa, de forma coerente com os pressupostos da perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica.

5.1 - Procedimentos de coleta de informações

Os dados que constituíram o *corpus* desta pesquisa foram coletados por meio da técnica de entrevista, sob a forma de conversação – metodologia de pesquisa que considera as particularidades do sujeito. Segundo Rey (2005), a conversação não é enquadrada em limites fechados com perguntas formuladas *a priori*, pois é importante seu envolvimento em um sistema conversacional que lhe permita expressão. Esse método conversacional é, portanto, um processo de comunicação, dialógico.

Por meio da conversação, Rey (2002) afirma que a produção de informação não se associa à significação estatística, mas à qualidade da interação sujeito-pesquisador, permitindo que um espaço relacional se constitua como cenário de pesquisa, com base nas necessidades das pessoas envolvidas nele.

Mori e Rey (2011) destacam que a conversação facilita a expressão individual sobre temas relevantes, porque os participantes se envolvem no processo de comunicação e, assim, produzem informações em espaços relacionais. A conversação permite o diálogo e, para Rey (2005, p. 45) "o pesquisador desloca-se do lugar das perguntas para integrar-se na dinâmica de conversação".

Nesta pesquisa caracterizamos a conversação como a relação sujeito-pesquisador em consonância ao que explica Rey (2005, p. 49) sobre ela: "apresenta uma aproximação do outro em sua condição de sujeito e persegue sua expressão livre e aberta". Essa aproximação, portanto, possibilita o envolvimento dos participantes e facilita o aparecimento dos sentidos subjetivos constituídos.

5.2 – Instrumento

Rey (2002) afirma que em uma pesquisa qualitativa o instrumento deve ser compreendido como um meio para induzir a construção do sujeito, ou seja, não deve constituir uma via direta para a produção de resultados finais, mas sim um meio para a produção de indicadores.

Com base nessa afirmação, compreendemos que o instrumento utilizado na pesquisa foi também um momento de comunicação entre o pesquisador e o pesquisado. Esses instrumentos da pesquisa qualitativa são um meio para que o sujeito possa se expressar, "estimulando a produção de tecidos de informação, e não de respostas pontuais" (REY, 2005, p. 43).

Segundo esse autor, os instrumentos são indutores de informações relevantes para os sujeitos participantes da pesquisa, mas isso não significa que encontramos, efetivamente, na utilização desses instrumentos, as diferentes produções de sentido das pessoas. Detectamos, sim, indicadores de sentido subjetivo que podem se constituir em hipóteses, pois "cada instrumento representa uma situação de sentido distinta, a partir da qual o sujeito estudado se posicionará, o que contribui para estimular o compromisso com a expressão de sentidos subjetivos" (REY, 2005, p. 48).

Portanto, os instrumentos não se configuram como uma fonte de dados, mas como prestadores de informações que formarão indicadores a partir das produções dos sujeitos participantes da pesquisa e da relação dialógica que estes estabelecerão com o entrevistador.

Aguiar e Ozella (2006) ressaltam que quaisquer que sejam os instrumentos utilizados na pesquisa, eles devem atender aos objetivos estipulados para investigação, partindo de uma análise descritiva, para uma análise interpretativa em profundidade.

Assim, para esta pesquisa foi escolhida a técnica de entrevista sob forma de conversação. Inicialmente, elaboramos um rol de temas que buscavam atender aos objetivos gerais e que poderiam guiar a conversação, porém sem prendê-la a uma estrutura rígida (APÊNDICE 1). Esse rol de temas foi desenvolvido a partir de levantamento dos aspectos que poderiam ser relevantes para compreender e captar os sentidos subjetivos e significados constituídos pelo aluno bolsista e sua vivência escolar.

5.3 - Procedimentos de análise das informações

Para esta pesquisa adotamos o procedimento de análise dos núcleos de significação, que são investigados por autores que adotam a perspectiva Sócio-Histórica, como Aguiar e Ozella (2006).

Estes autores explicam que o procedimento de análise das informações deve ter como objetivo principal apreender os sentidos constituídos pelos sujeitos participantes, pois são tanto os elementos que compõem o processo de investigação, quanto à análise das articulações dos sentidos e significados, que permitirão uma análise subjetiva do sujeito participante.

Rey (2005) defende que a pesquisa qualitativa apoiada na epistemologia qualitativa se orienta na produção de novos momentos teóricos, e estes vão interagir com o processo de construção de conhecimentos. Justificada por essa perspectiva do autor, esta pesquisa utiliza a tipologia de análise qualitativa, por meio de entrevistas sob a forma de conversação.

Realizamos uma entrevista coletiva mantendo o foco nas vivências escolares de alunos bolsistas em uma escola particular, com o objetivo de

verificar e compreender seus sentidos subjetivos e significados em relação à escolarização.

Após a realização da entrevista, elas foram transcritas. Na sequência, iniciamos a construção dos núcleos de significações baseados em Aguiar e Ozella (2006), com o objetivo de nos aproximarmos dos sentidos subjetivos constituídos pelos sujeitos. Segundo esses autores, os núcleos de significação devem expressar os pontos centrais do conjunto de sujeitos, o que os envolve emocionalmente e revela suas determinações constituídas.

A construção dos núcleos de significação aconteceu em quatro etapas: 1. Leitura das entrevistas. 2. Organização dos indicadores de núcleos, por meio da similaridade e contraposição nas falas dos pesquisados. 3. Articulação dos indicadores com os temas discutidos, que se configura como a construção dos núcleos de significação, efetivamente. 4. Análise dos núcleos de significação construídos, com base nas teorias existentes.

5.4 – Considerações éticas

Para cumprir com os princípios éticos que impõem uma pesquisa da área de psicologia, foi entregue aos diretores de cada instituição participante uma Carta de apresentação junto com um modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE 2), para que autorizassem a utilização dos dados das entrevistas para fins acadêmicos.

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética da PUC-SP, via Plataforma Brasil, foi aprovado e recebeu parecer favorável a sua realização. (Parecer 569.667)

5.5 – Estudo Piloto

Para abordarmos o assunto de nossa pesquisa, realizamos um estudo piloto com dois alunos bolsistas de uma escola particular de São Paulo, o que nos

proporcionou uma pequena dimensão de como seriam as relações entre esses alunos nas escolas particulares.

As informações para o estudo piloto foram coletadas por meio da técnica de entrevista sob a forma de conversação, conforme os pressupostos teórico-metodológicos já citados, assim constituindo um cenário de pesquisa baseado na relação sujeito-pesquisador e nas necessidades de expressão dos envolvidos.

Para iniciar a ambientação com os sujeitos, apresentamos a eles um primeiro instrumental, que era uma maquete de escola, com características diferentes do local onde estudavam, para assim criar um cenário fictício que proporcionasse maior envolvimento e tornasse a entrevista mais leve, deixando esses sujeitos mais à vontade.

Pedimos aos entrevistados que observassem a maquete e, em seguida, contassem sobre suas relações com a escola e os ambientes que frequentavam, ou não, na instituição; além de suas atividades e suas relações com colegas e professores. Dessa forma, procuramos manter uma conversa livre sobre o tema e estimulamos os sujeitos entrevistados a se aprofundarem em seus sentimentos e impressões, para que pudessem revelar seus sentidos subjetivos constituídos enquanto alunos bolsistas em uma escola particular.

O estudo piloto foi de grande valia para começarmos a compreender os sentidos subjetivos desses alunos, porém, encontramos dificuldades em realizar a entrevista individualmente, pois desta forma cada sujeito nos pareceu retraído, receoso e com dificuldades de se sentir à vontade na conversação.

Refletindo sobre essa dificuldade, reestruturamos a metodologia e decidimos, então, pela aplicação de uma entrevista em grupo, pensando em resultados mais específicos para pesquisa. Optamos por não utilizar o instrumental maquete com o grupo, mas coletar os dados apenas por meio da entrevista baseada na conversação. Quanto à análise, manteve-se a categoria

dos sentidos subjetivos e significados, sendo esta constituída por meio da construção dos núcleos de significação propostos por Aguiar e Ozella (2006).

5.6 – Caracterização da escola e dos sujeitos

5.6.1. Escolha da escola

A Instituição escolhida para nossa investigação está localizada em um bairro dentre aqueles que possuem baixo índice de exclusão social da cidade de São Paulo, destacado no Atlas da Exclusão Social. (CAMPOS et al., 2003) (ANEXO 2). Essa instituição foi identificada por Colégio, para respeitar as condições de anonimato.

O Colégio foi fundado há quatro décadas e oferece cursos que vão do Berçário ao Ensino Médio, além de cursos profissionalizantes de Administração, Processamento de dados e Publicidade e Propaganda. Recentemente, passou a oferecer também o curso gratuito de alfabetização de adultos. Até a data da entrevista, o Colégio contava com 1.050 alunos matriculados.

A proposta pedagógica do Colégio está em acordo com a LDB, a Constituição Brasileira, o ECA e o disposto nos PCN e na Deliberação nº 01/99 do Conselho Estadual de Educação de São Paulo. Ela prioriza as questões educacionais levando em conta as novidades tecnológicas, com a finalidade de formar cidadãos conscientes e responsáveis.

Para proceder a esse objetivo, a proposta pedagógica da escola esclarece a adoção de “Uma concepção de metodologia que considere e respeite o fazer humano deve ter a característica da construção e transformação contínua, procurando permanente evolução.”. Portanto, o Colégio visa contribuir com práticas educativas de qualidade, que promovam as condições necessárias para o total desenvolvimento das habilidades dos alunos. E participa, também, do grupo de escolas filiadas à UNESCO, mostrando o esforço dedicado ao social e à educação.

Para o Ensino Médio, as práticas escolares do Colégio são pautadas, segundo o projeto pedagógico dele “numa concepção pedagógica que tem nas aprendizagens tanto o seu ponto de partida como seu ponto de chegada”. Desta forma, as ações docentes são guiadas pelos referenciais teóricos de Piaget, Vygotsky, Wallon e Ausubel, propondo “transformar os jovens em corresponsáveis pela construção de seus conhecimentos, saberes e práticas culturais organizadas pela escola”.

A formação dos alunos do Ensino Médio é estruturada em dois movimentos relacionados e articulados: formação geral para vivenciar o século XXI; e preparação para receber um ensino mais completo. Para isso, a matriz curricular propõe uma formação geral para a cidadania e para a cultura do século XXI, como também disciplinas que visam à preparação dos jovens para a sequência de seus estudos.

5.6.2. Sujeitos

Para proceder à escolha dos sujeitos, consideramos a seguinte afirmação de Rey (2005):

O conhecimento científico, a partir do ponto de vista qualitativo, não se legitima pela quantidade de sujeitos a serem estudados, mas pela qualidade de sua expressão. O número de sujeitos a serem estudados responde a um critério qualitativo, definido essencialmente pelas necessidades do processo de conhecimento que surgem no curso da pesquisa. (REY, 2005, p. 95)

A escolha dos sujeitos ocorreu com a ajuda da direção do Colégio, que indicou um conjunto de sete alunos (as) bolsistas que estavam cursando o 2º ano Ensino Médio, sendo um do sexo masculino e seis do sexo feminino, com idades entre quinze e dezesseis anos. O aceite competiu aos alunos, voluntariamente.

Esses indicados frequentam o Colégio como alunos bolsistas há dois anos. Para manter o sigilo de suas identidades, eles serão referidos, doravante, como S1, S2, S3, S4, S5, S6 e S7.

5.6.3 – Caracterização socioeconômica

Para a caracterização socioeconômica dos sujeitos participantes da pesquisa, escolhemos como instrumento um questionário, a fim de verificarmos os perfis dos entrevistados (APÊNDICE 3). Escolhemos as seguintes informações como relevantes: idade; número de pessoas que compõe a família; profissão do responsável pelo sustento da família; bairro que residem; distância aproximada entre a residência e o Colégio; meio de transporte utilizado para ir e voltar do Colégio; tempo médio gasto para ir e voltar do Colégio.

Tabulamos as informações socioeconômicas cedidas por cada sujeito, em uma tabela geral, para os caracterizarmos sob esse viés.

5.7 – Coleta de informações

Após a definição dos sujeitos, marcamos dias para a coleta de informações, conforme as possibilidades dos envolvidos. No dia marcado, encontramos, em uma sala reservada, o grupo de sete alunos bolsistas. Organizamos as cadeiras da sala em formato de semicírculo, de modo que todos pudessem ser vistos e ouvidos. Foram dadas as explicações sobre os procedimentos da pesquisa, garantindo o anonimato e o caráter voluntário da participação de cada um. Todos concordaram em participar.

Após as explicações sobre a pesquisa, foi entregue um questionário sobre os dados pessoais e socioeconômicos para que os participantes respondessem.

Iniciamos, então, a entrevista no formato de conversação. A direção da instituição, no início, liberou o grupo de alunos por uma hora para a participação na pesquisa, porém este tempo não foi suficiente. Então, foram-nos concedidos mais trinta minutos. Ao término da entrevista, cada aluno entregou o questionário socioeconômico e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Nenhum membro diretório da instituição participou da coleta de informações, garantindo assim mais espontaneidade ao grupo de alunos participantes.

VI. Dados da Pesquisa: Sistematização e Análise

6.1. Núcleos de Significação

As entrevistas realizadas com os sete sujeitos participantes foram transcritas e, desta forma, as falas foram destacadas em pequenos trechos, como indicadores dos núcleos de significação. Em seguida, foram efetivamente criados os núcleos de significação, segundo a Aguiar e Ozella (2006), tendo como objetivo nos aproximarmos dos sentidos subjetivos constituídos nas falas dos sujeitos participantes.

São apresentados, a seguir, os dez núcleos de significação formulados e posteriormente, cada um deles é particularizado em separado, com a demonstração de trechos das falas dos alunos, permitindo a compreensão das significações:

Quadro 2 – Núcleos de significação

Núcleos de Significação	
1	Você dá volta no mundo para chegar aqui...
2	Escola pública X Escola particular
3	A gente vai atrás e isso vai refletir no meu futuro e futuro dos meus filhos.
4	É muito difícil para as pessoas de fora entenderem o que realmente a gente faz aqui...
5	Parece que eles vivem dentro de uma bolha.
6	Não pode perder o foco: estamos aqui para estudar!
7	Eles se esforçam muito... Precisamos retribuir.
8	Ser aluno bolsista é responsabilidade e maturidade... Mas você tem que saber que é diferente...
9	Os grupos são mais entre a gente mesmo, porque a gente passa pelas mesmas coisas assim.
10	Em dois anos na escola: Responsabilidade, crescimento como pessoa e ampliação de visão de mundo.

Fonte: Elaboração da autora, com base nos preceitos de Aguiar e Ozella (2006)

Núcleo de Significação 1: Você dá volta no mundo para chegar aqui...

S4: *É, dois ônibus e metrô*

S1: *Pegar ônibus lotado, você chega muito tarde em casa, não tem coragem para fazer nada.*

S4: *Eu também então tenho que sair mais cedo*

S3: *A gente dá volta no mundo pra chegar aqui (...)*

S6: *Geralmente tenho que chegar mais cedo porque eu moro longe*
S4: *A gente vem de metrô e ônibus, ai tem que ficar até tarde ai está muito calor.*
S5: *Você chega em casa dorme e está aqui de novo, parece que você não sai do Colégio.*

Neste primeiro núcleo, destacamos as significações que os alunos bolsistas apontaram sobre as condições difíceis de acesso à escola onde estudam. Estas condições são explicitadas na indicação da distância entre a casa e a escola.

Dentre as falas, pode-se perceber que os alunos bolsistas acreditam que precisam fazer um esforço maior do que os alunos não bolsistas, por terem desafios que esses os não bolsistas não têm, como é identificado, por exemplo, na fala (...) *a gente vem de metrô e ônibus e tem que ficar até tarde... pegar ônibus lotado, você chega muito tarde em casa (...)* Essa dificuldade não é enfrentada pelos alunos não bolsistas, porque eles moram próximos à escola e contam com o apoio da família para se deslocarem de casa até a escola e vice-versa.

Apesar de os alunos entrevistados mencionarem a dificuldade que enfrentam na distância entre a casa e a escola (...) *são dois ônibus e metrô (...)*, eles falam desta dificuldade como apenas mais um obstáculo a ser superado. O esforço necessário é encarado com certa naturalidade, pois eles acreditam que o enfrentando poderão alcançar seu grande objetivo que é a busca por um futuro próspero diferente da realidade que vivem atualmente:

Núcleo de significação 2: Escola pública X Escola particular

S7: *O ensino é muito diferente mesmo da escola pública.*
S5: *A qualidade dos professores é excepcional. É muito superior.*
S6: *A gente sempre tem contato com os professores.*
S2: *Eu nunca tinha estudado em escola particular eu estudava em escola pública ai eu pensava, nossa escola particular é tudo diferente, mais logo no começo eu me acostumei muito rápido às pessoas, aos professores, foi bem mais fácil do que eu imagina; É um ambiente que eu realmente me sinto bem.*
S4: *A escola particular é muito melhor que a escola pública, tem muito mais prova, é mais muito mais organizada também.*

S7: (...) a gente não gosta de generalizar com escola pública, também não seria legal aqui, porque tem muita gente legal também.

S3: (...) a gente ficou deslumbrada assim quando a gente chegou tipo assim, nossa o lugar que a gente estava sabe?!

S5: As aulas elas não são simplesmente eles jogando matéria para você absorver e tal, é uma discussão e toda uma confecção entendeu?

S2: Assim como existem pessoas de má fé em escolas públicas também existem em escolas particulares. Entendeu? E assim como existem pessoas boas em escola pública existem em escolas particulares, acho que generalizar não é a escolha certa.

S4: É errado ter essa visão assim que todo mundo que estuda em Colégio público ou anda armado ou rouba, fim de semana vai fazer rolezinho.

S5: (...) a gente também tem uma aproximação maior com o professor.

S7: (...) tem aquela coisa de estudar em escola pública, as pessoas tem o preconceito também com escola particular, com quem estuda em escola particular é boyzinho e não sei o que.

S5: Não desmerecendo os professores do Colégio público, que eles são muito bons também, só que pela quantidade de alunos que se tem num Colégio público se torna mais difícil dar aula e você conseguir absorver o que eles estão passando.

S1: Nossa, no começo eu tinha um grande medo assim de sofrer discriminação entendeu?

No segundo núcleo destacamos as significações que os alunos bolsistas atribuíram à escola pública e à escola particular, como mais um elemento de expressão das diferenças sociais entre eles (alunos pobres) e os outros (alunos ricos).

Percebe-se que os sujeitos apontam diferenças significativas entre a escola pública e a escola particular. Na percepção dos alunos bolsistas, *O ensino é muito diferente mesmo da escola pública (...) não desmerecendo os professores do Colégio público, que eles são muito bons também, só que pela quantidade de alunos que se tem num Colégio público se torna mais difícil dar aula e você conseguir absorver o que eles estão passando.* Essa visão mostra que embora os alunos tenham agora a oportunidade de estar numa escola particular, não desprezam totalmente suas vivências anteriores, talvez porque não descartem a possibilidade de retornar à escola pública, *assim como existem pessoas de má fé em escolas públicas também existem em escolas particulares, acho que generalizar não é a escolha certa.*

Fica evidente, diante do discurso dos alunos, que, mesmo não desprezando a escola pública, eles sentem gratidão pela oportunidade de

estudarem em uma escola particular (...) *a gente ficou deslumbrada (...) o ensino é muito diferente (...) a qualidade dos professores é excepcional, é muito superior (...).*

Esse valor atribuído à escola particular é justificado pelos alunos bolsistas pelo rigor que acreditam haver na educação privada, algo diferente do que vivenciavam na escola pública, como relatam: *a qualidade dos professores (...) a gente também tem uma aproximação maior com o professor... Tem muito mais provas, é muito mais organizada também.* A escola particular é tomada como modelo da boa escola e sua própria condição – ser particular – parece suficiente para que os alunos bolsistas a caracterizem como boa escola. Esses alunos parecem sucumbir, em suas significações, ao mito da escola particular como boa escola.

De acordo com os relatos, essa nova fase na vida dos alunos bolsistas possibilita a aquisição de novos conhecimentos, além do que eles teriam na escola pública, porém, precisam superar o medo desse desconhecido *Nossa, no começo eu tinha um grande medo assim de sofrer discriminação, entendeu?. Superadas as barreiras de adaptação à nova escola, os alunos passam a se sentir parte integrante dela (...) foi bem mais fácil do que eu imaginava... É um ambiente que eu realmente me sinto bem.*

A valorização da escola particular e, em especial, da escola onde estão, permite a eles acreditarem que terão um futuro melhor do que seu grupo social e seus amigos que estão na escola pública. Fazer parte do grupo de uma escola particular possibilitará a esses bolsistas uma ascensão profissional futura, proporcionada pela oportunidade de compartilharem dos mesmos conhecimentos dos alunos não bolsistas.

Núcleo de significação 3: A gente vai atrás e isso vai refletir no meu futuro e futuro dos meus filhos.

S7: A gente estuda no horário normal segunda, quarta e sexta das sete meia até uma hora. Só que nas terças e quinta feiras a gente tem escola

das sete e meia até às cinco e meia da tarde e é aula normal também à tarde.

S3: Todo mundo já foi monitor até o ano passado... nas matérias que a gente mais se destaca

S1: (...) na escola a gente tem que se destacar também.

S5: Você chega em casa dorme e está aqui de novo, parece que você não sai do Colégio.

S4: Na verdade o ano passado eles falaram que iam conseguir alguns livros, só que já tinha passado março já estava em abril, eles conseguiram livros aí a gente já tinha comprado, porque não tem como ficar todo esse tempo sem livros.

S2: Só que esse ano já foi diferente, esse ano eles realmente conseguiram tanto é que eu não precisei comprar quatro livros já foi uma economia gigantesca, porque os valores são altíssimos.

S1: Em casa isso fez diferença (...) porque é uma coisa que você deixa de comprar, é uma economia que você faz (...)

S7: Eu sei que na escola pública não exigem tanto deles, mas aqui exigem de mim, então não posso eu tenho que manter as minhas tarefas.

S5: (...) vai chegando no final do ano você não tem energia nenhuma para fazer nada quando você chega em casa... Você dorme.

S2: (...) as demais despesas a gente tem que arcar como uniforme, livros, cantina (...) É complicado porque em casa faz diferença.

S7: (...) estamos tentando tirar notas altas, porque isso realmente vai pesar para gente manter a bolsa.

S1: Pegar ônibus lotado, você chega muito tarde em casa, não tem coragem para fazer nada (...) mas é por um objetivo maior então vale a pena.

S7: Você vê seus amigos, tem gente que estuda para caramba para tentar uma vida melhor, eles estão em Colégio público, porque não tiveram as oportunidades que a gente está tendo.

S6: Às vezes eu penso que estou ficando louca de tanto fazer trabalho, mas você faz, eu acho que tem que servir para alguma coisa.

S1: Eu entrei aqui sabendo o que eu quero, meu futuro e o futuro dos meus filhos vai refletir muito, porque é muito diferente um filho que nasce de pais que têm uma faculdade e um filho que não tem.

S3: (...) você está lutando por algo melhor, é muito bom.

No terceiro núcleo agrupamos as frases sobre a luta dos alunos bolsistas para conseguirem alcançar oportunidades melhores de vida, destacando novamente o esforço que fazem para manter suas bolsas no Colégio particular.

A questão do esforço está presente quando os alunos bolsistas relatam o excesso de atividades escolares: *A gente estuda no horário normal segunda, quarta e sexta das sete e meia até uma hora. Só que nas terças e quintas-feiras a gente tem escola das sete e meia até às cinco e meia da tarde e é aula normal também à tarde. e Você chega em casa dorme e está aqui de novo, parece que você não sai do Colégio.* Esse esforço não aparece nas falas como ponto

negativo, mas sim como uma forma de garantir um futuro melhor. Um esforço necessário e importante, e que lhes parece garantir positivamente o futuro.

Os alunos bolsistas sabem que para conseguirem finalizar seus estudos na escola particular precisam se destacar nas atividades propostas, por isso, ressaltam a importância do esforço familiar como um grande incentivo, já que é por meio dele que esses alunos obtêm os materiais, o uniforme e toda a demais infraestrutura que a escola não proporciona (...) *as demais despesas a gente tem que arcar como uniforme, livros, cantina (...) É complicado porque em casa faz diferença.* Eles valorizam essas atitudes dos familiares, pois sabem a dificuldade que estes enfrentam para que eles possam continuar os estudos *Em casa fez diferença (...) porque é uma coisa que você deixa de comprar, é uma economia que você faz (...).*

As afirmações indicam que esses sujeitos atribuem à escola as possibilidades de um futuro melhor, mas não a responsabilizam exclusivamente. Ressaltam-na como parte importante e promotora para o sucesso, mas se colocam como atores principais dessa realização e, por isso, comprometem-se com os estudos, esforçam-se e lutam para conseguir alcançar seus objetivos, como ressaltam no trecho: (...) *aqui exigem de mim (...) eu tenho que manter minhas tarefas.* e (...) *estamos tentando tirar notas altas porque isso realmente vai pesar para gente manter a bolsa.*

O esforço pessoal para vencer é elemento importante das significações constituídas pelos alunos bolsistas. Eles se orgulham desse esforço e se sentem-se corajosos para se manterem como bons alunos. Sendo assim, a ideia de um futuro melhor aparece relacionada fortemente à escolarização e ao sucesso nesse processo.

É importante ressaltar a questão da valorização da oportunidade que esses alunos apresentam por serem alunos bolsistas, o que fica evidente quando declaram que *“Pegar ônibus lotado, você chega muito tarde em casa, não tem coragem para fazer nada (...) mas é por um objetivo maior então vale a pena.”.*

Percebe-se que consideram um grande esforço, mas também uma garantia de que estão conquistando metas para um futuro melhor *“às vezes eu penso que estou ficando louca de tanto fazer trabalho, mas você faz (...) eu acho que tem que servir para alguma coisa.”*

Os alunos bolsistas veem a oportunidade de estudar nesta escola particular como a grande chance de suas vidas, pois não raramente comparam, durante a entrevista, suas oportunidades com as oportunidades dos amigos da escola pública ou da comunidade onde vivem *“Você vê seus amigos, tem gente que estuda pra caramba para tentar uma vida melhor, eles estão em Colégio público porque não tiveram as oportunidades que a gente está tendo.”* Eles ressaltam que compreendem todas as dificuldades, no entanto buscam algo melhor para suas vidas, deixando claro quando dizem que *“Eu entrei aqui sabendo o que eu quero, meu futuro e o futuro dos meus filhos vai refletir muito, porque é muito diferente um filho que nasce de pais que têm uma faculdade e um filho que não tem.”*

E essa relação da escola com o sucesso de um futuro melhor fica cada vez mais presente na fala dos alunos bolsistas. Como exemplo, eles apontam que um indivíduo cujos pais têm com curso superior deve ser motivo de orgulho, mas não fazem referência a sua condição de não serem esses filhos. O termo que utilizam para caracterizar essa relação futura, com seus próprios filhos, é de que ela seja *“muito diferente”*, o que parece indicar uma significação forte para a escolarização como promotora de uma boa condição de vida e como algo que lhes permitirá orgulho. Silenciam, neste momento, sobre a escolarização de seus pais.

Núcleo de Significação 4: É muito difícil para as pessoas de fora entenderem o que realmente a gente faz aqui...

S2: *Essa foi a parte mais difícil (...)*

S6: *(...) a gente sente muita falta dos amigos mesmo, mas a gente vai se afastando mesmo.*

S7: *Eu sei que na escola pública não exigem tanto deles, mas aqui exigem de mim, então não posso eu tenho que manter as minhas tarefas.*

S1: *(...) eu me afastei de muita gente.*

S6: *Muita gente que fala que você mudou, que você se distanciou muito, que agora você nem fala mais com a gente.*

S7: *Realmente o estudo e toda essa nova rotina faz com que você se distancie mesmo, é comum, é automático.*

S4: *Os meus amigos mesmo eles já pararam de falar comigo tipo, você vai mudar, você vai para outra escola.*

S3: *(...) fica bravo com você pensando que está sendo ignorante, está menosprezando ele e não é nada disso.*

S1: *É muito difícil para as pessoas de fora entenderem o que realmente a gente faz aqui*

S7: *Você vê seus amigos (...) tem gente que estuda para caramba para tentar uma vida melhor, eles estão em Colégio público, porque não tiveram as oportunidades que a gente está tendo.*

No quarto núcleo de significação destacamos a convivência com os amigos da escola antiga.

Quando este assunto foi abordado, a fala inicial dos alunos bolsistas foi *Essa foi a parte mais difícil (...)* e, considerando-a, percebemos que se afastar dos antigos amigos foi uma das consequências tanto do excesso de atividades, quanto pela expectativa por um futuro melhor, já que nos foi relatado que muitos amigos não tinham as mesmas expectativas de futuro.

O grande destaque nesse núcleo é a situação de alguns amigos da escola pública, que mesmo se esforçando muito, não tiveram as mesmas oportunidades e, por isso, os alunos bolsistas consideram que eles não terão condições de ter uma vida melhor: *Você vê seus amigos (...) Tem gente que estuda pra caramba para tentar uma vida melhor (...) Não tiveram as mesmas oportunidades que a gente (...)*. Isso faz com que os alunos bolsistas busquem cada vez mais seus objetivos, soando como um incentivo para serem cada vez melhores.

Nesse ponto, percebe-se um receio desse aluno bolsista, de menosprezar os amigos antigos, devido a sua condição privilegiada. Ainda que esse receio apareça, os alunos bolsistas têm a clareza de que não podem deixar os estudos de lado: *É muito difícil para as pessoas de fora entenderem o que realmente a gente faz aqui (...)* *Ficam bravos com você pensando que está sendo ignorante, está menosprezando ele e não é nada disso.*

São significações importantes que se expressam neste núcleo; sentimentos contraditórios que falam do afastamento daqueles amigos que não trilharam o

mesmo caminho e, por isso, segundo os alunos bolsistas entendem, não terão a garantia do futuro melhor. De qualquer forma, esses alunos bolsistas têm receio de negar as relações e o afeto que os uniu aos seus amigos da escola pública. Preferem acreditar que as tarefas que têm hoje são maiores do que as dos amigos e este é o motivo de seu afastamento. Silenciam sobre a distância criada pelo novo pertencimento.

Núcleo de Significação 5: Parece que eles vivem dentro de uma bolha.

S5: *Todo mundo sabe que a gente é bolsista e não tem problema nenhum.*

S7: *A gente que fica meio retraído porque fala: - Eu não posso perder o foco estou aqui para estudar! Ai você acaba meio ficando assim, depois você percebe que dá para você conciliar as duas coisas e você acaba fazendo um grupo de amigos com aquelas pessoas que você se identifica mais.*

S3: *É porque eles às vezes tiram uma nota vermelha e ficar de recuperação, ah normal (...) ai consegue recuperar. Agora para gente não, se a gente tira uma nota vermelha fica!*

S4: *Eles veem a gente desesperada assim (...) eles não entendem isso.*

S5: *O pessoal da minha sala foi muito legal assim em relação a essas notas e tal, porque eles se mostraram muito compreensivos... eles acalmam muito a gente assim.*

S1: *Tem gente que fica feliz, contente com dois, ah é melhor do que um.*

S5: *É um monte de gente que vive naquele mundinho capitalista, porque eu tenho que ter o celular do ano, não sei o que, fingindo que é socialista... Eu abaixo a cabeça eu tenho dó da pessoa.*

S1: *Nossa no começo eu tinha um grande medo assim de sofrer discriminação entendeu?*

S7: *Eu tinha um grande medo de sofrer isso, porque a maioria das escolas é assim, entendeu, porque os boyzinhos, os mauricinhos, as patricinhas e tal ninguém se dá com bolsista e tal, você é diferente e tal, em fim eu tinha esse medo, mas passou.*

S1: *Preconceito? Tinha, foi se desconstruído com o tempo.*

S7: *Eu imaginava diferente, eu imaginava que a indisciplina predominava, que os meninos falavam algum tipo de blasfêmia, palavrão, mas a gente só vai saber mesmo quando você está lá dentro.*

S5: *(...) agora a gente faz parte entendeu?*

S1: *Tem alguns alunos que têm ideias radicais, talvez coisas que a gente passe (...)*

S4: *Numa aula de inglês que estava abordando acho que diferença social (...) a gente percebe que as pessoas têm uma visão assim que vivem dentro de uma bolha (...) acham que isso é coisa de filme e que só acontece na televisão. É uma coisa muito distante.*

S5: *(...) é um monte de gente que vive naquele mundinho capitalista, porque eu tenho que ter o celular do ano, não sei o que, fingindo que é socialista (...) Eu abaixo a cabeça eu tenho dó da pessoa.*

S4: *Eles não têm muita noção do que acontece fora dessa bolha que eles vivem, casa, apartamento, casa, apartamento. Sabe?*

S1: *Você ouviu cada coisa que você fala: - Gente não vou falar mais nada.*

S4: *Eles falam de propósito, não para brincar assim sabe, mas porque sabem que a gente vai se irritar.*

S1: (...) muitas vezes fazem aquilo por brincadeira mesmo, eles não tem noção da gravidade do que estão falando (...)

S6: Às vezes as pessoas falam olhando na sua cara.”

S3: Alguns temas sentimos que é provocação... Socialismo e capitalismo (...)

S5: Preconceito com quem mora na favela (...)

S1: Na nossa sala às vezes surgem alguns comentários bem preconceituosos com quem estudou em escola pública, e assim me afeta sabe, achar que todo mundo que está em escola pública tem uma arma.

S3: Tem vezes que a gente prefere nem falar, porque é tanta opinião que você ouve que você não vai conseguir mudar... você acaba deixando de tanto saco cheio que você fica.

S2: A maioria da mídia passou rolezinho como um ataque a propriedade privada... E tinha gente que concordava com a ideia.

S5: Sorte que a gente tem professores como o G (...)

S6: Ele realmente deu uma chacoalhada, gente isso é um absurdo, olha o que está acontecendo não é assim que funciona. Ai a gente se sente um pouco mais forte e fala também.

S4: Tem uma menina que ela tem as mesmas ideias e a gente se une par ir para cima deles e tal (...) sabe, tem algumas pessoas que apoiaram a gente (...) É porque são pessoas que no passado receberam noção. É acho que elas começam a ver de outra forma.

No quinto núcleo agrupamos as falas mais significativas quanto aos colegas da escola particular, na visão dos bolsistas.

Todo mundo sabe que a gente é bolsista e não tem problema nenhum (...). Essa fala inicia a conversa sobre o aluno bolsista em uma escola particular, mas a questão do foco nas atividades escolares acaba se evidenciando. Quando questionados sobre as relações mantidas com os colegas da escola respondem: *A gente que fica meio retraído porque fala: - Eu não posso perder o foco estou aqui para estudar! Ai você acaba meio ficando assim, depois você percebe que dá para você conciliar as duas coisas e você acaba fazendo um grupo de amigos com aquelas pessoas que você se identifica mais.* Esse relato da necessidade de não perderem o próprio foco nos parece como certa defesa dos bolsistas em relação a não se abaterem com as diferenças sociais, mas, ainda assim, conseguindo manter laços de coleguismo.

As divergências pessoais e sociais ficam claras quando relatam sobre alguns colegas de classe: *É um monte de gente que vive naquele mundinho capitalista, porque eu tenho que ter o celular do ano, não sei o que, fingindo que é socialista (...)* *Eu abaixo a cabeça eu tenho dó da pessoa.* Os alunos bolsistas esclarecem que agora conhecem os dois lados: o “pobre”, de quem se esforça

para ter seus objetivos alcançados, e o do amigo “rico” que tem tudo e não valoriza. Como vemos, a questão do esforço continua marcante na fala dos alunos bolsistas.

Quando dizem (...) *agora a gente faz parte, entendeu?*, nos fazem pensar em um aluno que se divide entre sua história de vida e a rotina que vive na escola, que são realidades bem diferentes. No entanto, essa afirmação pode significar também que neste momento ele é aceito pelo grupo, mas sem deixar de lado suas origens. Eles relatam que mesmo muitas vezes discordando das ideias dos colegas “ricos”, preferem se calar, pois de certa forma precisam ser aceitos no grupo.

Neste núcleo, o movimento das significações parece ser o inverso do definido para o núcleo 4, mas no qual também se evidenciam contradições. O estar na escola particular e pertencer a esse contexto convive com o medo de se afeiçoar a esses novos amigos, abandonando seu lugar real e seus amigos de origem. Por isso, os alunos bolsistas tratam os amigos da escola com certo distanciamento; não os apresentam como parte integrante de suas vidas, mas são eles que estão ali, são eles os colegas de escola. Aproximam-se pelo compartilhamento da realidade e, talvez, de um futuro melhor, mas não se identificam com eles. São *boyzinhos que vivem naquele mundinho capitalista*.

Os alunos bolsistas afirmam que lidam bem com as provocações: *Eles falam de propósito, não para brincar assim sabe, mas porque sabem que a gente vai se irritar*. Relevam essas atitudes, pois acreditam que os alunos não bolsistas não conhecem a realidade fora de suas vidas, como ressaltam: *parece que vivem numa bolha (...) acham que isso é coisa de filme e que só acontece na televisão. É uma coisa muito distante. e Eles não têm muita noção do que acontece fora dessa bolha que eles vivem, casa, apartamento, casa, apartamento. Sabe?*

Por isso, esses alunos bolsistas, muitas vezes, preferem se calar, já que as discussões que enfrentam não mudarão a opinião dos demais alunos, pois não é algo que vivem, que faça parte de seu contexto, mas que tomam conhecimento

por meio da mídia, mantendo um posicionamento distante (...) *é um monte de gente que vive naquele mundinho capitalista, porque eu tenho que ter o celular do ano, não sei o que, fingindo que é socialista (...)* *Eu abaixo a cabeça eu tenho dó da pessoa.*

Os alunos bolsistas afirmam que esses demais alunos vivem em outra realidade, sem ter noção da gravidade do que acontece fora dessa bolha em que vivem: (...) *muitas vezes fazem aquilo por brincadeira mesmo, eles não tem noção da gravidade do que estão falando (...)* e *Tem vezes que a gente prefere nem falar, porque é tanta opinião que você ouve que você não vai conseguir mudar... você acaba deixando de tanto saco cheio que você fica.*

Esse posicionamento defensivo em relação à fala dos colegas nos mostra que esses alunos bolsistas são afetados com as brincadeiras e provocações: *Às vezes as pessoas falam olhando na sua cara. e Na nossa sala às vezes surgem alguns comentários bem preconceituosos com quem estudou em escola pública, e assim me afeta sabe, achar que todo mundo que está em escola pública tem uma arma.* Porém, os bolsistas procuram desviar a atenção desse foco quando a situação ocorre, pois afirmam que não conseguirão mudar as ideias dos colegas e que o foco que devem fazer é nos estudos.

De certa forma, os bolsistas tentam mostrar que existem realidades diferentes e se apoiam em professores que se mostram mais abertos para essas conversas: *Sorte que a gente tem professores como o G (...) ele realmente deu uma chacoalhada, gente isso é um absurdo, olha o que está acontecendo não é assim que funciona. Ai a gente se sente um pouco mais forte e fala também.* Mas intervenções como essa não parecem ser rotineiras, embora elas deixem os bolsistas um pouco menos frustrados com a situação.

Ao ouvirmos os relatos dos alunos bolsistas, percebemos que existe a preocupação, por parte do Colégio, em agregá-los ao ambiente escolar, sobretudo nas atividades, mas não se percebe um trabalho diretamente ligado às diferentes realidades sociais entre os alunos bolsistas e não bolsistas. Em toda

entrevista, apenas um professor foi citado como interventor, o que nos parece insuficiente para começar um trabalho de reconhecimento e conscientização das diferentes realidades sociais dentro da instituição escolar.

Parece-nos que os alunos bolsistas recebem muitas exigências para manterem suas bolsas e, por isso, são vistos como exemplos de pessoas que com a oportunidade certa podem buscar um futuro melhor, mas a questão das adversidades, tão presente nas salas de aula, principalmente entre estes adolescentes, não é tratada como um assunto importante. Só se torna relevante quando ocorre algo que se torna público: *A maioria da mídia passou rolezinho como um ataque a propriedade privada (...) E tinha gente que concordava com a ideia*, e, mesmo assim, não é tratada e aprofundada como poderia ser.

Núcleo de Significação 6: Não pode perder o foco: estamos aqui para estudar!

S7: O pessoal sai escolhendo você primeiro para fazer o grupo porque sabe que você estuda que você sabe.

S6: Na nossa sala a gente faz as três, porque assim sabe que nós fazemos... Mas a gente pode escolher outro grupo que não vai ter problema nenhum, mas é melhor.

S4 (...) é um tipo de trauma que vem da outra escola, porque a maioria aqui acho que era explorado porque era assim, você fazia tudo e o resto não fazia nada.

S6: (...) se ocorrer o problema a gente pode conversar com a professora... A gente fala que não fizeram nada (...)

S3: Ah ninguém falou nada porque sabiam que estavam erradas, mais assim, foi tipo, da próxima vez vocês façam também.

S2: Eu procurei a professora e foram zerados (...) Tem um menino que joga isso na minha cara até hoje, mas assim, eu estou certa ele não fez nada.

S2: Dava para todo mundo ter feito só que o pessoal fica no oba, oba... e vocês se virem (...) eles vieram pedir desculpa... eu falei, tudo bem, se a gente for fazer trabalho junto de novo espero que não se repita.

S3: Ah é difícil de lidar com isso!

S7: (...) vezes a pessoa tem mais facilidade mais apoio, não tem nada para fazer em casa, chega em casa em cinco minutos.

S2: A pessoa só tem que estudar, não tem nada para fazer na rotina, só tem que estudar e não faz e a gente se mata, faz tudo.

Neste núcleo destacamos as significações que os alunos bolsistas expressaram em relação às atividades escolares, explicitando as dificuldades que encontram, principalmente, nos trabalhos em grupo, além da sobrecarga de atividades e da questão de tirarem boas notas para assim se manterem bolsistas: *Ah, é difícil lidar com isso.*

Em suas falas, os alunos bolsistas deixam claro que procuram se unir para realizar as atividades em grupo, pois esta é uma forma de garantir que o trabalho será bem feito: *Na nossa sala a gente faz as três, porque assim sabe que nós fazemos (...) Mas a gente pode escolher outro grupo que não vai ter problema nenhum, mas é melhor.* Eles relatam que já aconteceram divergências em relação à participação deles em trabalhos em grupo, como quando fazem parte do grupo, porém neste os demais alunos não trabalham como deveriam: *Dava para todo mundo ter feito só que o pessoal fica no oba, oba (...) e vocês se virem (...) eles vieram pedir desculpa (...) eu falei, tudo bem, se a gente for fazer trabalho junto de novo espero que não se repita.*

A partir dessa fala percebe-se que os alunos bolsistas se sentem ainda mais sobrecarregados, mas não deixam de fazer as atividades porque precisam garantir boas notas para continuarem bolsistas. Entretanto, fazem questão de conversar com os professores a respeito do problema, o que mostra que não têm medo de se expor quando se sentem injustiçados em relação aos trabalhos escolares: *Eu procurei a professora e foram zerados (...) Tem um menino que joga isso na minha cara até hoje, mas assim, eu estou certa ele não fez nada.*

Outro ponto marcante nas falas é o misto de satisfação e insatisfação que sentem ao serem escolhidos pelos alunos não bolsistas para os grupos de trabalho: *O pessoal sai escolhendo você primeiro para fazer o grupo porque sabe que você estuda que você sabe.* Esta é uma forma de serem aceitos, mas está atrelada exclusivamente à questão do esforço com os estudos.

Contanto essa experiência, os bolsistas refletem sobre o esforço que fazem para conseguirem concluir as atividades, enquanto os *outros* não fazem nada: *A pessoa só tem que estudar, não tem nada para fazer na rotina, só tem que estudar e não faz e a gente se mata, faz tudo.* Porém, os bolsistas garantem que este é um esforço necessário para um futuro próspero, não parecendo se importarem tanto com a questão das amizades, mas sim com seus bons rendimentos escolares.

Núcleo de Significação 7: Eles se esforçam muito... Precisamos retribuir.

S3: (...) maioria das famílias não tem estudo, então eles se sentem muito menos... Mas ficam orgulhosos quando eles veem que a gente conseguiu com o nosso esforço, que a gente está se dedicando pelo nosso esforço, pelos estudos.

S4: Os meus pais se esforçam muito por mim, eu vejo eles dando duro com o pouco que tem e... É complicado.

S3: Sou muito grata porque minha mãe me ajuda muito... ela batalha para que eu possa conseguir os livros, possa conseguir o material, o uniforme e tal, eu acho que tenho que retribuir isso.

S7: Se eu não retribuir o que eles fazem por mim eu vou me sentir um filho desagradável, eu não vou me sentir bem.

S3: Porque ela trabalha muito entendeu, talvez se eu conseguir passar na faculdade se eu conseguir ter um bom emprego vou conseguir que ela trabalhe menos, que ela descanse.

S7: (...) ingrato! Depois de tudo o que os meus pais fazem por mim eu não vou retribuir?

S2: (...) você vê que eles fazem isso com super boa vontade, com todo amor... E não reclamam.

S3: Eles têm orgulho de você estar aqui... é super gratificante saber que eles têm orgulho de você.

Neste núcleo evidenciamos a importância do apoio familiar para os alunos bolsistas, já que todos vêm de famílias cujos progenitores não concluíram os estudos e, por isso, veem nos filhos a chance de um futuro melhor.

Os alunos bolsistas declaram o orgulho dos familiares quando estes veem que aqueles se dedicam para conquistarem melhores oportunidades de vida por meio dos estudos. (...) maioria das famílias não tem estudo, então eles se sentem muito menos (...) Mas ficam orgulhosos quando eles veem que a gente conseguiu com o nosso esforço, que a gente está se dedicando pelo nosso esforço, pelos estudos.

As falas dos alunos bolsistas ressaltam que as famílias se esforçam para que eles possam dar continuidade aos estudos, por mais difícil que seja esta tarefa, já que trabalham muito para o sustento da família e ainda precisam comprar os livros, uniformes, alimentação entre outros gastos, para que seus filhos possam continuar como alunos bolsistas: Os meus pais se esforçam muito por mim, eu vejo eles dando duro com o pouco que tem e (...) É complicado. Os alunos bolsistas afirmam que esses gastos a mais fazem a diferença na economia familiar: Porque ela trabalha muito entendeu, talvez se eu conseguir passar na faculdade se eu conseguir ter um bom emprego vou conseguir que ela trabalhe

menos, que ela descansa. Nesta frase, observa-se que eles se sentem na obrigação de retribuir todo o esforço de seus familiares.

Tal gratidão é muito percebida nas falas durante toda a entrevista, como exemplifica esse outro trecho: *Sou muito grata porque minha mãe me ajuda muito (...) ela batalha para que eu possa conseguir os livros, possa conseguir o material, o uniforme e tal, eu acho que tenho que retribuir isso.* Eles demonstram querer retribuir todo o sacrifício da família oferecendo-lhes uma vida mais tranquila, com mais conforto: *Se eu não retribuir o que eles fazem por mim eu vou me sentir um filho desagradável, eu não vou me sentir bem* e ressaltam: *Eles têm orgulho de você estar aqui (...) é super gratificante saber que eles têm orgulho de você (...).* Os bolsistas reconhecem, também, a satisfação dos familiares, que, com todo o esforço lhes proporcionam vivências que jamais tiveram oportunidade (...) *you vê que eles fazem isso com super boa vontade, com todo amor (...) E não reclamam.*

Núcleo de Significação 8: Ser aluno bolsista é responsabilidade e maturidade... Mas você tem que saber que é diferente.

S1: *Não tem discriminação nenhuma porque você é bolsista, inclusive diversos alunos querem bolsa, então não tem esse olhar diferente eu sou melhor que você, não tem.*

S7: *O primeiro bimestre a gente chorou.*

S2: *É muito por causa de nota (...).*

S1: *Foi um desespero.*

S3: *É porque eles às vezes tiram uma nota vermelha ficar de recuperação, ah normal e tudo o mais.*

S4: *Agora para gente não, se a gente tira uma nota vermelha fica!*

S7: *Estamos tentando tirar notas altas, porque isso realmente vai pesar para gente manter a bolsa.*

S5: *(...) e vai chegando no final do ano você não tem energia nenhuma para fazer nada quando você chega em casa... Você dorme.*

S4: *Às vezes eu, por exemplo, tento conciliar a lição de casa, o trabalho de casa com o meu lazer, porque eu acho que é essencial a gente ter um momento de saúde mental.*

S7: *Não diria um peso, mas uma responsabilidade.*

S3: *Você tem que manter a frieza e a calma... no começo todo mundo passou por dificuldade então todo mundo conseguiu.*

S4: *Não tem como chegar aqui e ser outra pessoa.*

S7: *Tem que manter o foco.*

S6: *Eu acho que é muita maturidade, maturidade emocional, você saber encarar as coisas ter uma visão diferente entendeu?!*

S1: *É muito cansativo e realmente precisa ter muito foco senão você não aguenta.*

S5: *Tem uma questão no começo do ano também é a questão do deslumbre, a gente chega aqui no Colégio, tem biblioteca, sala de*

informática, professores maravilhosos e tal, ensino de qualidade e ótimo, várias pessoas chegaram aqui se deslumbraram com tudo o que a escola oferecia e saíram do foco, foram aproveitar as outras coisas e não aproveitaram o que era mais importante que era o ensino e perderam a bolsa.

S1: Eu acho que o que dificultou bastante foi o primeiro bimestre também eu acho que essas pessoas perderam o foco, porque elas foram mais para o lado social.

S3: É você lutar, você não desistir e você saber que vai valer a pena e continuar.

S1: Nossa, no começo eu tinha um grande medo assim de sofrer discriminação entendeu?

S5: (...) agora a gente faz parte entendeu?

S1: (...) muito mais do que ter sua mensalidade paga e etc, é a responsabilidade e confiança que todo mundo te dá, todo mundo confia em você.

S5: (...) é honrar um compromisso que a gente fez tanto na escola, com os nossos pais... muita gente que acredita na gente. Acho que é um compromisso que a gente assume com a gente, é um compromisso que a gente assume com o nosso futuro é um compromisso que a gente assume com uma equipe muito grande.

S6: Acho que é amadurecimento (...) determinação (...) Determinação pelas pessoas que acreditam em você, que você vai chegar até o final.

S7: O aluno bolsista é um aluno incentivado.

No oitavo núcleo ressaltamos as significações dos alunos enquanto bolsistas. Reunimos as falas que expressaram sua rotina na escola, as responsabilidades e a expectativa que eles têm por um futuro próspero.

O foco nas atividades escolares e sua importância para manter um padrão de boas notas é tema constante nas falas dos alunos bolsistas: *Tem que manter o foco.* Mesmo sendo uma tarefa árdua, eles defendem a necessidade de perseverança: *É muito cansativo e realmente precisa ter muito foco senão você não aguenta.* Essa fala decorre do fato de que eles têm outras responsabilidades além dos estudos, mas sabem que são capazes de bons resultados, o que nos demonstra maturidade para lidar com essas dificuldades. *Você tem que manter a frieza e a calma (...) no começo todo mundo passou por dificuldade então todo mundo conseguiu.* Eles deixam explícita a sua tentativa de conciliar os estudos com as atividades extraescolares: *Às vezes eu, por exemplo, tento conciliar a lição de casa, o trabalho de casa com o meu lazer, porque eu acho que é essencial a gente ter um momento de saúde mental.* Destaca-se, nessa fala, o discernimento que eles têm sobre a importância de estarem bem emocionalmente para conseguirem manter o foco nos estudos.

O ônus de serem alunos bolsistas se evidencia quando relatam que precisam sempre provar que são bons e têm condições de manter o bom desempenho: *Estamos tentando tirar notas altas, porque isso realmente vai pesar para gente manter a bolsa.* Percebe-se, portanto, que a responsabilidade está aliada a uma tensão constante, que torna cansativa e até desgastante a tarefa de manter o alto padrão exigido: (...) *e vai chegando no final do ano você não tem energia nenhuma para fazer nada quando você chega em casa (...) Você dorme.* Mesmo assim, eles não se abatem. Lembram que já passaram por momentos difíceis e que estes valeram a pena, pois permitiram a eles aprender a encarar desafios: *O primeiro bimestre a gente chorou (...) é muito por causa de nota (...) foi um desespero.*

A questão do novo – novas amizades, novas oportunidades – assustou os alunos bolsistas no início do curso, mas parece que esse susto não está relacionado a um problema específico, mas ao medo de frustrar as expectativas e perder a esperança por um futuro melhor: *Tem uma questão no começo do ano também é a questão do deslumbre, a gente chega aqui no Colégio tem biblioteca, sala de informática, professores maravilhosos e tal, ensino de qualidade e ótimo, várias pessoas chegaram aqui se deslumbraram com tudo o que a escola oferecia e saíram do foco, foram aproveitar as outras coisas e não aproveitaram o que era mais importante que era o ensino e perderam a bolsa.* Assim, declaram que houve o momento do deslumbre por tudo que se mostrava diferente do que anteriormente usufruíam, mas, logo na sequência, aparece novamente a questão do foco. Como esses alunos ressaltam muito que não podem perder o foco e precisam se esforçar, temos a sensação de que há uma grande pressão sobre eles para que conquistem seus objetivos.

Essa pressão fica mais clara quando eles nos contam sobre as expectativas *dos outros* perante o sucesso deles: (...) *muita gente que acredita na gente. Acho que é um compromisso que a gente assume com a gente, é um compromisso que a gente assume com o nosso futuro é um compromisso que a gente assume com uma equipe muito grande.* Todos se sentem na obrigação de não falhar (...) *é honrar um compromisso que a gente fez tanto na escola, com os*

nossos pais (...). Porém, ter a equipe do Colégio, a família e os amigos confiando e acreditando no sucesso absoluto desses alunos pode gerar certa angústia pelo medo de falhar e não aproveitar a oportunidade. Nenhum dos alunos bolsistas explicitou em suas falas esse medo, mas deixaram evidente essa impressão: (...) muito mais do que ter sua mensalidade paga e etc, é a responsabilidade e confiança que todo mundo te dá, todo mundo confia em você.

Quando questionamos sobre o que era ser um aluno bolsista, as falas que se sobressaíram estavam voltadas ao “lutar por um futuro melhor”: *É você lutar, você não desistir e você saber que vai valer a pena e continuar.* Mesmo com toda a sobrecarga de atividades, os alunos bolsistas acreditam que esta é uma oportunidade ímpar e se dedicam totalmente a ela. Porém, novamente surge a questão do compromisso assumido com a escola e seus familiares: *Acho que é amadurecimento (...) determinação (...) Determinação pelas pessoas que acreditam em você, que você vai chegar até o final.*, o que demonstra que os alunos reconhecem todas as dificuldades de serem bolsistas, mas firmam seu comprometimento com os estudos e com a expectativa de um melhor futuro.

Ao falarem: *O aluno bolsista é um aluno incentivado.*, compreendemos que a motivação que recebem para lutar por uma oportunidade é algo significativo para eles. Em contrapartida, essa torcida gera expectativas que contribuem, também, para a pressão e para o sentimento de débito que esses alunos possam ter com a sociedade que os apoia.

Núcleo de Significação 9: Os grupos são mais entre a gente mesmo, porque a gente passa pelas mesmas coisas assim.

S5: Já aconteceu de ir na minha casa, eu ir na casa da pessoa (...) é aquilo tem gente que tem preconceito, ah porque a minha casa é melhor do que a sua e tem gente que vai olhar como se fosse igual. E tem gente muito legal aqui, muito bacana, claro sempre tem alguém que, mas essas pessoas a gente nem faz trabalho, mas também tem uma opção de fazer na escola.

S6: Demorou um tempo para a gente fazer amigo aqui dentro (...) mas nem foi por eles (...) mas de um modo ou outro você tem que saber que você é meio que diferente, não é a mesma coisa.

S1: *Não tem discriminação nenhuma porque você é bolsista (...) então não tem esse olhar diferente eu sou melhor que você, não tem.*

S6: *(...) os lugares que eles frequentam não é o mesmo que os nossos, quer dizer então você tem que saber dividir.*

S4: *Não tem como chegar aqui e ser outra pessoa.*

S1: *Tem festas... a gente até é convidada.*

S2: *Às vezes eu vou na casa de uma menina, que ela pediu e deu almoço e tenho relação com ela no Facebook ela é legal, basicamente é isso.*

S5: *Nunca sofri nada disso, nenhum tipo de discriminação e nem entre nós eu fiquei sabendo.*

S2: *(...) antes de começar a aula e nos intervalos a gente se encontra para comer, conversar e tal, mais sair assim junto não.*

S4: *Os grupos são mais entre a gente mesmo, porque a gente passa pelas mesmas coisas assim.*

Neste núcleo destacamos as relações entre os alunos bolsistas e não bolsistas dentro e fora do Colégio.

A afirmação de que os alunos bolsistas não sofrem discriminação, segundo eles contam, parece, a princípio, certa defesa, pois eles também dizem que precisam saber que são diferentes dentro do Colégio. Essa contradição se evidencia em algumas falas: *(...) mas de um modo ou outro você tem que saber que você é meio que diferente, não é a mesma coisa* e até mesmo quando dizem: *Demorou um tempo para a gente fazer amigo aqui dentro...mas nem foi por eles.* O fato de se fecharem inicialmente para os novos amigos nos faz pensar em uma reação de defesa para que pudessem fazer o reconhecimento do ambiente em que passariam a ter suas rotinas para, então, saberem como lidar com a novidade. Essa defesa pode se manifestar pelo medo de ser discriminado.

Após o primeiro contato com o Colégio e com os novos amigos, os alunos bolsistas passam a agir normalmente, fazendo parte desse ambiente, como relatam: *Agora a gente faz parte.* Porém, percebe-se que ainda assim eles se sentem diferentes: *(...) os lugares que eles frequentam não é o mesmo que os nossos, quer dizer então você tem que saber dividir.* Veem a oportunidade de um futuro melhor no Colégio, mas o Colégio será passageiro, algo como uma ponte que os levará para algo melhor. Por isso, quando dizem *você tem que saber dividir*, tem-se a impressão de que eles consideram que podem até participar da rotina do Colégio e dos amigos, mas sempre com cautela. Essa sensação se intensifica quando eles dizem: *Os grupos são mais entre a gente mesmo, porque*

a gente passa pelas mesmas coisas assim e (...) antes de começar a aula e nos intervalos a gente se encontra para comer, conversar e tal, mais sair assim junto não. Observa-se, portanto, que eles têm o grupo do Colégio, porém este não faz parte de suas vidas fora do ambiente escolar.

Os alunos também conotam em suas falas a sensação de dependência: *Não tem como chegar aqui e ser outra pessoa.* Essa fala nos faz pensar que eles não procuram ser diferentes em relação a sua idade e condição de adolescentes, mas demonstram atitudes diferentes. Dizem que não são discriminados, mas se contradizem quando contam que muitas vezes se calam ao ouvirem comentários sobre suas condições sociais. E esse calar-se pode ser uma forma de não reagir para se manter no grupo durante o período escolar.

A convivência com os alunos não bolsistas fora do Colégio não é algo constante. Os bolsistas afirmam: *Tem festas (...) a gente até é convidada.*, mas afirmam se encontrarem com os colegas somente no Colégio. Em algumas situações, além das festas, eles se reúnem nas casas para fazerem trabalhos: *Já aconteceu de ir na minha casa, eu ir na casa da pessoa (...) é aquilo tem gente que tem preconceito, ah porque a minha casa é melhor do que a sua e tem gente que vai olhar como se fosse igual. E tem gente muito legal aqui, muito bacana, claro sempre tem alguém que, mas essas pessoas a gente nem faz trabalho, mas também tem uma opção de fazer na escola.* Observa-se que eles preferem ficar no Colégio.

As relações entre os alunos também se concretizam nas redes sociais, mas, pela fala dos alunos bolsistas, não avançam pessoalmente. Observa-se, portanto, que os alunos bolsistas preferem ter em suas relações de amizade os próprios alunos bolsistas, pois como se identificam entre si. Eles relatam que *passam pelas mesmas coisas* e, por isso, conseguem se organizar melhor, além da questão de não se exporem muito aos colegas não bolsistas, mantendo uma relação apenas dentro do Colégio, sem vínculos maiores.

Núcleo de Significação 10: Em dois anos na escola: Responsabilidade, crescimento como pessoa e ampliação da visão de mundo.

- S2: (...) *mudar de opinião não, acho que eu construí mais argumentos.*
- S6: *O professor me mostrou outros lados da discussão, sabe eu acho que acrescentou mais as minhas ideologias (...) ampliou muito a minha visão de mundo.*
- S7: (...) *a responsabilidade cresce (...) você meio que conhece o mundo dentro da escola. Muito bom.*
- S3: *Sem contar que no Colégio funciona os estudos do meio, você conhecer outros lugares, vê outros lugares de outra maneira.*
- S4: *Muitas vezes livros que você não leria normalmente, eu acho que isso é uma grande diferença (...) eu tenho argumentos de todo os lados, eu tenho vários pontos de vista.*
- S6: *Então no meu caso eu senti muito a proposta da reflexão.*
- S7: *Eu até vejo a minha rotina, porque eu perdia o meu tempo com um monte de besteiras (...) a minha maturidade aumentou mais com o tempo (...) amplia sua visão de mundo.*
- S1: *Eu acredito que eu cresci aqui dentro, tinham coisas que antes eu na tinha parado para pensar que hoje eu não consigo me ver eu como era antes, sabe como eu realmente era (...) hoje tem coisas que eu consegui aqui que realmente me mudaram, a questão da maturidade a responsabilidade é muito diferente, muito diferente.*
- S5: *Foco e objetivo acho que foi uma coisa que me trouxe para cá e intensificou muito aqui (...) tenho que me esforçar em tudo e eu acho que isso é incrível.*
- S2: *Você tem que pensar em frente não é, porque está abrindo mão das coisas agora porque lá na frente você vai ter um retorno.*
- S4: *Você também está sujeito às circunstâncias, não é porque você é pobre que você vai ser para sempre, acho que tem as possibilidades se você quiser e se dedicar você consegue sabe.*
- S5: (...) *eu dei um grande passo (...) mas a gente pode ir muito mais além.*

Neste núcleo agrupamos as significações dos alunos bolsistas acerca das mudanças pessoais que ocorreram ao longo dos dois anos em que eles estudam no Colégio.

Destacamos aqui que, segundo os alunos bolsistas, a primeira grande mudança se concretizou quando perceberam a oportunidade de conhecer um novo mundo, como relatam: *Sem contar que no Colégio funciona os estudos do meio, você conhecer outros lugares, vê outros lugares de outra maneira (...) Muitas vezes livros que você não leria normalmente, eu acho que isso é uma grande diferença (...).* Mas deixam claro que mesmo com todo o novo conhecimento, não mudaram suas opiniões, apenas aprenderam a argumentar de outras maneiras: (...) *mudar de opinião não, acho que eu construí mais*

argumentos. Entendem que conseguem ver melhor todos os lados de uma mesma discussão: (...) ampliou muito a minha visão de mundo e (...) eu tenho argumentos de todo os lados, eu tenho vários pontos de vista.

Demonstram que amadureceram com a oportunidade e isso lhes é um grande benefício: *Eu acredito que eu cresci aqui dentro, tinham coisas que antes eu não tinha parado para pensar que hoje eu não consigo me ver eu como era antes, sabe como eu realmente era (...) hoje tem coisas que eu consegui aqui que realmente me mudaram, a questão da maturidade a responsabilidade é muito diferente, muito diferente. Também passaram a refletir sobre suas prioridades: Você tem que pensar em frente não é, porque está abrindo mão das coisas agora porque lá na frente você vai ter um retorno.*

Foco, responsabilidade e esforço são palavras frequentes ao longo da entrevista, algo como se não pudessem esquecer de que são diferentes e precisam dessa oportunidade para ter um futuro melhor, dedução muito enraizada em suas convicções: *Foco e objetivo acho que foi uma coisa que me trouxe para cá e intensificou muito aqui (...) tenho que me esforçar em tudo e eu acho que isso é incrível e (...) não é porque você é pobre que você vai ser para sempre, acho que tem as possibilidades se você quiser e se dedicar você consegue sabe.* Esses alunos acreditam que deram um grande passo em suas vidas e que podem ir além. Nas falas dos alunos bolsistas, também é constante a gratidão por tudo o que estão vivendo.

VII – Conclusão

A partir das contribuições da Psicologia Sócio-Histórica, as categorias sentidos e significados nos aproximam de uma visão complexa da realidade, cujas significações são consideradas como elementos importantes na compreensão do fenômeno estudado.

Sendo assim, por meio do trabalho de produção e análise de dados obtidos pela conversação realizada com o grupo de sete alunos bolsistas de uma escola particular da cidade de São Paulo, buscamos dar visibilidade aos processos constitutivos da desigualdade no contexto escolar, a partir dos sentidos e significados constituídos por esses alunos.

No capítulo anterior, temas importantes foram destacados das falas do grupo de alunos bolsistas e eles nos permitiram construir núcleos de significações que, neste capítulo, direcionam-nos para as conclusões deste estudo.

O esforço pessoal e a busca por um futuro melhor são dois aspectos recorrentes nas falas dos sete jovens bolsistas, o que parece indicar que, para eles, essa relação existe e está imbuída de muitas expectativas por parte deles. Ao mesmo tempo, este futuro melhor não é caracterizado especificamente e os alunos não deixam claro como ele será, mas apenas o desejam. Isso nos permite concluir que esse futuro melhor indica, genericamente, uma mudança na vida que eles têm atualmente; desejam uma vida com condições diferentes e melhores das quais eles usufruem hoje.

Neste conjunto de ideias pode-se ressaltar um aspecto que nos parece indicar a existência de uma contradição importante: os bolsistas acreditam que a escola os levará, quase que automaticamente, a um futuro melhor, no entanto, também afirmam que é preciso dedicar esforços para isto. Nessa imbricada relação, a escola aparece como redentora, reduzindo a presença do sujeito, por outro lado, estes jovens aparecem também como agentes protagonistas de suas próprias vidas sendo capazes de, com o próprio esforço, manter-se nela. Eles

valorizam a escola e a veem como caminho necessário para uma vida melhor, mas acreditam que o esforço pessoal para se manterem nela é fator fundamental para alcançar este futuro.

Liebesny (2008, p. 85) entendeu os projetos de futuro como “algo a ser construído pelo sujeito e não meramente produzido pelas demandas ideológicas”. A autora acredita que a consciência do jovem sobre sua condição de agente e protagonista na construção de seu projeto de futuro pode ser instrumento para potencializar sua ação como sujeito, sendo esta uma condição para o processo de transformação de si e de sua história.

Barros (2010) associou a questão dos projetos de futuros dos jovens com suas trajetórias de vida. A autora explica que as redes de pertencimento dos jovens, as experiências de mobilidade da família e o contato com grupos que afetam sua visão de mundo e estilo de vida podem definir seus projetos de futuro. Segundo ela, quando os jovens de classes sociais desfavorecidas constroem um projeto de futuro estão constituindo um desejo de mudança de posição social e reconstruindo suas identidades. Exatamente como acontece com os jovens desta pesquisa, que estão em busca de ascensão social por meio da escolarização, em contato como um grupo diferente de sua realidade social. Mesmo sem caracterizar esse futuro, eles o esperam, como uma passagem para outro patamar de vida, e veem na escola o instrumento que possibilitará essa mudança.

Lins (1999) ressalta que o papel da escola é modificar os sujeitos. Em uma de suas pesquisas, a autora relata que o Brasil possui um sistema educacional bom, porém, em contrapartida a esse papel de ação sobre o sujeito, ele se mostra elitizado, principalmente acadêmico, e acessível a uma fração reduzida dos alunos. Por isso, a autora considera grave o problema da escolarização e declara que a inserção de crianças e jovens na sociedade pode sim levar à melhoria de sua condição de vida por meio da escolarização, mas que isso só acontecerá quando todos tiverem os mesmos instrumentos e as mesmas oportunidades dentro das instituições escolares. É neste sentido que os alunos bolsistas se

sentem privilegiados em relação aos amigos que estudam em escolas públicas, condição que não levará estes às mesmas oportunidades que eles.

As falas dos alunos bolsistas indicam que, para eles, a pobreza é encarada como dificuldade. Relatam sobre as dificuldades financeiras das famílias, o esforço para poderem participar das atividades pagas dentro do Colégio, o consumo na cantina e o almoço nos dias em que estudam no período integral. Veem-se como desiguais dentro da escola e do grupo de amigos, mas não apresentam elementos críticos que caracterizem essa condição desigual.

A significação de dificuldade atribuída à condição de pobreza parece ser um dos motivadores para a busca de uma condição diferente da que se encontram atualmente, almejando, assim, a condição de vida do amigo rico. Com base nisso, os alunos bolsistas encontram diversas maneiras de configurar o esforço pessoal, que é aqui reafirmado como fator relevante e decisivo para seu sucesso.

Os bolsistas entendem que fazem um esforço maior do que os alunos não bolsistas e isso os qualifica dentro da escola. Acreditam que tal esforço tenha um valor máximo e, por isso, se autovalorizam por seus méritos: se são pobres e isto os desvaloriza, são pobres mantendo-se como bons alunos em uma escola de ricos, o que lhes confere méritos.

Esses aspectos vão aparecer nas falas como ambivalências. Querem ser como o colega rico, mas os criticam, por acreditarem que eles sabem pouco da vida. Acreditam que têm um conhecimento da vida emergente da própria pobreza, mas a desvalorizam e lutam para ultrapassá-la, sem sequer indicar o que podem ter adquirido de bom nessas experiências difíceis pelas quais passaram em condição financeiramente inferior.

A família se configura subjetivamente, para os alunos bolsistas, de forma positiva, havendo uma valorização pelo apoio que recebem dela. Seus parentes são citados com extrema gratidão, por garantirem aos alunos a oportunidade de

estudarem em uma escola melhor. Estes se mostram agradecidos pelo esforço feito por suas famílias e veem, com esse apoio, a oportunidade de mudar suas vidas. Oportunidade esta que faltou a seus familiares.

Segundo Barros (2010), os jovens de origem pobre tendem a perceber e valorizar a trajetória de vida de seus familiares pelas marcas positivas da superação e pelo valor do trabalho honesto, pois acreditam ter sido essas as marcas que abriram as possibilidades para sua mobilidade social, e com isso, seus projetos de vida. A autora declara que a mobilidade social que caracteriza a trajetória de jovens deve ser pensada a partir de suas biografias e percursos familiares, pois são caminhos fundamentais para entender como os jovens oriundos de famílias de baixa escolaridade, com condições de trabalho precárias, entram na universidade e buscam postos de trabalho que se aproximam de suas aspirações profissionais e financeiras.

Com apoio familiar, dedicação e persistência, esses alunos bolsistas vislumbram a superação de sua condição social, realizando o sonho de mudança de vida tanto para a família que os apoia, quanto para a família que construirão. É neste sentido que Oliveira (2014), em seu estudo sobre a escolha da profissão por jovens pobres, ressalta a preocupação que esses jovens têm com essa decisão, na qual buscam garantir com ela a concretização de seu projeto de futuro. A autora destaca, ainda, “a preocupação em ter uma profissão que ajude a transformar a realidade da pobreza e que possa ser de ajuda às pessoas menos assistidas pelo Estado ou pela sorte.” (OLIVEIRA, 2014, p. 184). Este projeto, no entanto, parece estar mais ligado à ideia de gratidão e retorno do que foi dado a esses jovens, do que a um projeto de sociedade mais igualitária.

Os alunos bolsistas carregam consigo a ideologia da escola como instituição salvadora que lhes permitirá ascensão social, o que nos parece um dos aspectos mais importantes e centrais das significações sobre a vida escolar e a escola. Lins (1999) declara que todos devem ter chances iguais para obter educação. Para a autora, crianças e jovens de classes sociais desfavorecidas que recebem uma educação comparável à das crianças de classe superior possuem

grandes chances de ascensão social no futuro. Segundo a autora, a educação escolar representa uma das poucas esperanças de mobilidade social, ideia que parece representar os sentimentos dos alunos que participaram desta pesquisa, pois estes se sentem valorizados por estudarem em uma escola com muitos recursos e acreditam que essa oportunidade os ajudará no futuro, diferentemente do que, segundo eles, ocorreria se continuassem estudando em suas escolas antigas.

Portanto, para os alunos bolsistas de nossa pesquisa, esta valorização acontece relacionada à escola particular, à custa da desvalorização da escola pública, de onde são egressos e onde puderam aprender o suficiente para receber a bolsa nessa escola atual. A oportunidade de estudarem em uma escola particular de elite é aspecto decisivo nas significações, pois ela os torna diferentes dos amigos de seu grupo social; no entanto, naturalizam a precariedade da escola pública sem perceber que foi por meio dela que chegaram até o Colégio. Acabam reproduzindo a ideologia¹¹ de que o público é relacionado à má qualidade, e o particular algo excelente.

Libâneo (2012) aborda a questão da escola pública brasileira atual, caracterizando-a como um local do acolhimento social para os pobres, o que, segundo o autor, mantém as desigualdades sociais. O dualismo da escola brasileira, segundo ele, tem em um extremo a escola privada, voltada para os ricos, assentada no conhecimento e nas tecnologias; e, no outro extremo, a escola pública como uma instituição do acolhimento social, voltada para os pobres. Esta também parece ser a ideia dos alunos bolsistas, pois eles parecem acreditar que somente a escola particular lhes dará condições para um futuro melhor, isso por meio de uma aprendizagem mais comprometida com os conteúdos ensinados, da aquisição do conhecimento e do domínio das tecnologias, diferentemente da realidade das escolas públicas de onde vieram,

¹¹ A significação de ideologia está relacionada às explicações apresentada por Bock A. (1999, p. 26) como forma ilusória pela qual se representa o real, sendo um “instrumento que oculta às diferenças e desigualdades ao construir uma rede imaginária de ideias e valores que possuem base real, mas construída de maneira invertida”.

locais que, segundo as falas dos bolsistas, não apresentam possibilidades de garantirem um futuro melhor.

Os alunos bolsistas se referem ao esforço pessoal como fator de sucesso, mas declaram que se esse mesmo esforço fosse aplicado na escola pública, não resultaria na tão desejada ascensão social. Com essa concepção, os alunos mitificam o particular/privado como melhor, até porque precisam acreditar, agora que fazem parte desse universo particular, que o esforço lhes trará condições melhores e assim se destacarão dos outros que possuem a mesma condição social que a deles.

Oliveira (2014) afirma que esses jovens das camadas populares, quando passam a estar em locais frequentados pela elite, no caso de nossa pesquisa, a escola particular, passam a se ver pelos olhos dos outros. O estudo dessa autora tem este aspecto como uma de suas principais conclusões. Os jovens pobres que passam a compor um conjunto com os alunos de elite, frequentando o que poderíamos chamar de “seus espaços”, parecem aderir às perspectivas de vida dessa elite. Como menciona Oliveira (2014, p. 188), a mudança de identidade, quando jovens pobres passam a frequentar “o lugar dos ricos”, explicita “a disseminação dos valores da classe dominante que contribui para a aceitação dos valores tidos como universais e naturais”.

Outro aspecto a ser depreendido da análise é que por meio de melhores condições de estudo, esses alunos bolsistas desejam conseguir bons trabalhos nas carreiras profissionais que escolherão. Alguns aspectos podem nos ajudar a compreender as significações que subjazem a esses bons trabalhos: são trabalhos que remuneram bem, que têm maior e melhor *status* em nossa sociedade e que, com certeza, não são trabalhos braçais, e sim intelectuais. Com isso, os jovens bolsistas desejam realizar seus sonhos profissionais e ascender socialmente. Querem poder escolher seus trabalhos, diferentemente da história de seus pais, que por falta de estudos se veem obrigados a aceitar o emprego que aparecer. Notoriamente optarão por profissões reconhecidas, mas deixam

claro que essas escolhas têm por objetivo, além da ascensão social, voltar a sua comunidade e ajudar os que não tiveram as mesmas oportunidades que eles.

Bock, S. (2010), em um programa de orientação profissional com doze jovens pobres que completaram o Ensino Médio em escolas públicas, focou, em uma das sessões, as aspirações e expectativas desses sujeitos sobre o futuro. O pesquisador percebeu que os desejos expressos pelos jovens se referiam a bens materiais, com ênfase em carros e motos, além de terminar ou construir suas casas próprias. Com esses dados, o autor caracteriza as expectativas dos jovens como uma maneira de melhoria das condições de vida e ascensão social.

O segundo item mais mencionado na pesquisa dizia respeito a ter amigos, namorar, construir família e ter filhos, caracterizando-se mais com expectativas relacionadas ao afeto. E o terceiro item se referia às expectativas relacionadas à diversão e ao entretenimento, como viajar e conhecer outros países, o que o autor analisou como um possível reflexo do desejo de ascensão social, pois, no Brasil, os sujeitos que podem viajar são aqueles que participam das classes sociais mais privilegiadas.

No caso dos dados das entrevistas dos alunos bolsistas que participaram desta pesquisa, não foram citados os elementos que Bock S. expõe – como os bens materiais mencionados –, no entanto, ao afirmarem que desejam um futuro melhor, que para nós é entendido como ascensão social, poderíamos imaginar que sejam os mesmos elementos citados pelos jovens que participaram do programa de orientação profissional. De qualquer maneira, parece que entre os jovens de ambas as pesquisas há o mesmo objetivo: alcançar a ascensão social.

Quanto aos amigos antigos, das escolas públicas frequentadas anteriormente e do bairro onde vivem, os jovens bolsistas apresentam uma ambivalência de sentimentos, pois se afastaram dos amigos pobres e estão próximos de amigos que terão um futuro melhor. Há indícios de que eles sofram com essa ambivalência, o que pode ser depreendido das falas (...) *a gente sente muita falta dos amigos mesmo, mas a gente vai se afastando mesmo e Essa foi a*

parte mais difícil (...), mas eles silenciam sobre essa distância criada e a justificam pelo excesso de atividades propostas pela escola. Ao mesmo tempo, colocam que agora as ideias são diferentes e os objetivos não são os mesmos dos antigos amigos.

Em relação aos novos amigos, da escola atual, há também sentimentos ambivalentes: idealizam os novos amigos como algo que buscam ser, mas, ao mesmo tempo, não querem ser como eles. Admiram os amigos por terem o “futuro melhor” que almejam, independentemente da escola, mas fazem críticas ao que julgam ser “viver em uma bolha”. Aproximam-se e os tomam como modelo; mas distanciam-se criticando suas condutas e valores. Querem ser como eles, mas diferente deles. Oliveira (2014) nos sugere que a melhora de vida pode não aparecer sempre como melhores condições financeiras, mas como mudança de personalidade e identidade. Para a autora, os jovens indicam a possibilidade de ser diferente do que eram até então, querem melhorar. Essa melhora, na pesquisa aqui realizada, parece-nos ter relação com a aproximação de valores e hábitos da elite dominante.

Os alunos bolsistas têm a ideia de que a escola/estudo é a oportunidade que os levará a um lugar melhor, diferente do lugar ocupam hoje. Frequentar a escola e manter o hábito do estudo parece ser entendido como o fator decisivo para alcançar o futuro melhor, encontrar uma possibilidade de mudar de lugar, buscar uma condição melhor de vida. Devemos destacar, neste momento de conclusões, que a escola, apesar de aparecer nas falas dos bolsistas como instituição salvadora, levando-os à ascensão social quase que de maneira mágica e automática, é em alguns momentos indicada por esses alunos como um lugar de estudo e aprendizagens e que esses elementos também serão importantes para o almejado futuro melhor.

Segundo Oliveira (2014, p.192), “o outro que já se encontra nessa situação é visto em uma condição superior e diferenciada”, e quando os alunos bolsistas passam a fazer parte do mesmo universo das elites, sentem estar se apropriando de outro lugar social. Para Gusmão (2006) são nesses momentos, quando os

alunos bolsistas podem frequentar locais que antes não frequentavam, que ocorrem as contradições e ambiguidades. Estas podem resultar numa encruzilhada para os jovens de camada sociais mais baixas, sobre o que acreditam ser, aquilo que de fato são e aquilo que desejam ser ali onde estão.

Ao analisarmos a instituição escolar, tomando como referência aquela na qual realizamos esta pesquisa, percebemos também contradições. A instituição adota uma política que abre espaço para os alunos com menor condição financeira; se orgulha do que faz e acredita em seu trabalho, mas, ao mesmo tempo, os alunos bolsistas afirmam que a escola exige muito deles, o que se evidencia quando relatam que se sentem cansados em decorrência do esforço que fazem para manterem os benefícios financeiros: dizem que mal chegam em casa e já está na hora de voltar para o Colégio.

Observamos, portanto, que de certa forma há um custo alto em ser um aluno bolsista. Podemos afirmar que a instituição não trata seus alunos da mesma forma. O aluno bolsista não pode falhar, sente o peso por ser bolsista e jamais pode perder o foco nos estudos. E esse excesso de responsabilidade aliado à tensão de não falhar são constantes em suas rotinas, já que, além da situação de ameaça em perder a bolsa diante da falha escolar, são grandes as expectativas, tanto da instituição como de seus amigos antigos e familiares, de que alcancem o sucesso e o objetivo maior: ascensão social.

Nenhuma fala dos alunos bolsistas indica que o assunto das diferenças sociais seja abordado em sala de aula ou situações escolares. Lins (1999) mostra que a questão das diferenças de classes sociais deve ser levada em conta dentro das instituições escolares. Essa questão deve ser abordada entre os alunos como um fator importante a ser compreendido. Percebemos que durante nossa conversa os alunos bolsistas puderam falar de suas condições na escola, talvez, pela primeira vez. Há um grande silêncio sobre o assunto dentro da escola e esses jovens bolsistas se calam; não expõem suas condições sociais e não discutem sobre o assunto. A escola parece corroborar o silêncio. Freire (1987) ressalta que ensinar a pensar e problematizar sobre as realidades sociais é a

forma correta de se produzir conhecimento, pois é a partir daí que os alunos terão capacidade de se reconhecerem como sujeitos sociais que são, além de identificarem as diversas realidades sociais de seu país.

Os bolsistas, ao falarem da escola, sintetizam essa relação como a apresentação de um mundo novo, que jamais imaginavam conhecer. Vale destacar, neste aspecto, que tudo é valorizado por eles, positivamente. Agora pertencem a esse novo mundo, portanto, valorizam-no. Estão deixando para trás o mundo que conheciam. Nada é negativo porque não imaginavam um dia pertencer a este novo mundo, conhecido, até então, apenas de longe. Mesmo se afastando dos amigos antigos e percebendo o esforço extremo de suas famílias, ainda assim acreditam que a mudança valha a pena.

A condição da pobreza em nossa sociedade parece estar associada a uma desvalorização pessoal muito grande. Gonçalves Filho (1998, p. 15) evidenciou esta questão em seus estudos sobre humilhação social, expressa a partir das condições de vida e das experiências vividas por cada sujeito. São sentimentos como opressão, raiva, de não pertencimento ao grupo e inferioridade, que compõem a humilhação social. O autor descreve a humilhação social: “Sem dúvida, trata-se de um fenômeno histórico. A humilhação crônica, longamente sofrida pelos pobres e seus ancestrais, é efeito da desigualdade política, indica a exclusão recorrente de uma classe inteira de homens para fora do âmbito intersubjetivo da iniciativa e da palavra.”

Os estudos de Gonçalves Filho (1998) trouxeram contribuições relevantes a partir da noção de humilhação social, e como o próprio autor explica “A humilhação é uma modalidade de angústia que se dispara a partir do enigma da desigualdade de classes. Angústia que os pobres conhecem bem e que, entre eles, inscreve-se no núcleo de sua submissão. [...] Psicologicamente, os jovens bolsistas sofrem continuamente o impacto de uma mensagem estranha, misteriosa: “você são inferiores”. E, o que é profundamente grave: a mensagem passa a ser esperada, mesmo nas circunstâncias em que, para nós outros, observadores externos, não pareceria razoável esperá-la.

Nas falas dos jovens bolsistas desta pesquisa, os sentimentos de humilhação se expressam quando usam o aluno rico como referência para suas experiências. Como já mencionado, querem ser eles, mas diferentes deles. Citam o quanto se sentem cobrados por estarem no Colégio e apontam que, muitas vezes, sentem-se fora dos padrões do contexto no qual estão inseridos. Mesmo assim, em todo o momento ressaltam que este é o preço a pagar para que possam alcançar o tão desejado futuro melhor.

Há a impressão de que suas vidas começaram agora e estão aprendendo a lidar com a nova condição. Condição de, mesmo sendo alunos de classes sociais pobres, agora pertencem àquele ambiente escolar, participam das mesmas atividades, usam os mesmo instrumentos para aprender. São parte dessa instituição escolar. Percebemos gratidão por todas as oportunidades, pois como afirmam em suas falas, não as teriam fora desta escola. Não caracterizam este futuro melhor, o querem, mas não sabem o que é. Portanto, compreendemos que, na visão dos alunos bolsistas, futuro melhor quer dizer diferente do que têm hoje. Parece-nos que este tema se apresentou como um dos mais significativos: querer ser diferente do que se é, assemelhando-se a outro que não se sabe exatamente quem é e que, inclusive, tem críticas a ele. Mas, isto não impede que ele represente, para os alunos bolsistas, o melhor.

Ao investigar os sentidos e significados de alunos bolsista em uma escola particular de São Paulo, nosso propósito foi compreender os sentidos subjetivos constituídos no processo de escolarização por esses alunos, com o intuito de gerar novos conhecimentos acerca do tema proposto, sem a pretensão de que nossas reflexões esgotem a questão de pesquisa.

Consideramos que ao estudarmos a dimensão subjetiva que as vivências escolares assumem para clientelas diferentes – nesse caso alunos bolsistas e alunos não bolsistas, que estão em estratos desiguais da nossa sociedade, porém, dividem a mesma rotina na instituição escolar – foi possível dar visibilidade às significações que estão postas na sociedade, tais como: o aluno bolsista conseguiu chegar aonde chegou por meio de seu esforço pessoal; e há

muito esforço familiar para que estes jovens possam estudar e assim terem um futuro melhor. Essas constatações se destacaram em todos os núcleos de significações que construímos e analisamos.

A desigualdade social esta naturalizada entre os alunos bolsistas e os não bolsistas, e é justificada como o resultado de mais ou menos esforço pessoal. Nas falas do grupo pesquisado, o aluno não bolsista faz menos esforço para concretizar seus objetivos, enquanto o aluno bolsista precisa se esforçar muito para isso. No entanto, este é um assunto praticamente inexistente entre eles, em que o silêncio e a diplomacia caracterizam as relações. Isso nos leva a crer que a desigualdade é algo que permanece oculto entre os sujeitos, mas que de certa forma os incomoda. Os alunos bolsistas não expressam o que sentem e, ao mesmo tempo, não acusam ninguém.

Sustentamos, então, a importância da escolarização para a efetiva redução das desigualdades sociais. No entanto, em uma sociedade na qual a distinção entre as classe sociais se dá pelo acesso ao conhecimento, a redução das desigualdades socioeconômicas só será possível por meio de um processo de escolarização que possibilite aos sujeitos de classes pobres o acesso ao conhecimento da camada rica da sociedade.

A educação, enquanto sistema de escolarização, tem um papel complexo, que vai muito além do ensinar a ler e escrever. Por isso, consideramos que a escola pode fornecer condições para o desenvolvimento dos sujeitos, e de alguma forma contribuir para a mobilidade social deles, sem, contudo, determiná-la.

Acreditamos que, embora o contexto social da atualidade não contribuir para que os jovens reflitam criticamente, enquanto houver a tentativa de transformação existirá a possibilidade de superação da desigualdade social em todos os âmbitos, inclusive na educação.

Referências¹²

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. Reflexões a partir da Psicologia Sócio-Histórica sobre a categoria “consciência. **Caderno de Pesquisas**, n 110, p. 125-142, Julho 2000.

_____ & OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia Ciência e Profissão**, v 26, n 2, p. 222 – 246, 2006.

_____ et al. Reflexões sobre sentidos e significados. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina (Orgs.). **A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. Consciência e atividade: categorias fundamentais da Psicologia sócio-histórica. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair. **Psicologia sócio-histórica** (uma perspectiva crítica em psicologia). São Paulo: Cortez, 2011. p. 163-178.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Trajetórias de jovens adultos: ciclo de vida e mobilidade social. **Horizontes Antropológicos**, vol.16 n. 34 , Porto Alegre, 2010.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **As aventuras do barão de Muchhausen na psicologia**. São Paulo: Cortez, 1999.

_____ & GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. Subjetividade: o sujeito e a dimensão subjetiva dos fatos. In: GONZÁLEZ REY, Fernando (Org.). **Subjetividade, complexidade e pesquisa em Psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

_____. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais educadores. **Psicologia Escolar e Educacional**. Campinas, v.11, n 1, p. 63-76, Janeiro/Junho 2007.

BOCK, Silvio Duarte. Orientação profissional para classes pobres. In: Bock, Ana Mercês Bahia (Coord.). **Coleção Construindo o compromisso social da psicologia**. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 05 mai. 2013.

BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 31 jul. 2013.

¹² De acordo com as normas da ABNT.

CAMPOS, A. et al (orgs.). **Atlas da Exclusão Social no Brasil**, V.2: dinâmica e manifestação territorial. São Paulo: Cortez, 2003, p. 101.

CARTILHA DOS DIREITOS EM EDUCAÇÃO (2013). Disponível em: http://www.ipae.com.br/direitoeduca/cart_direit_educ.htm. Acesso em: 31 jul. 2013.

CASASSUS, Juan. **A escola e a desigualdade**. Brasília: UNESCO, Liber livro. 2007.

CHARLOT, Bernard. Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. **Caderno Pesquisa**, São Paulo, p. 47-63, maio, 1996.

CONSELHO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. Relatório de Observação nº 4. **As desigualdades na Escolarização no Brasil**. 2011.

CORROCHANO, Maria Carla. **Adolescentes**: escolaridade, profissionalização e renda (2002). Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/index.php/juventude>>. Acesso em: 25/11/2014.

DAUSTER, Tania. “**Bolsistas**” e “**elite**” – tensão e mediação na construção diferencial de identidades de estudantes universitários. In: Reunião Anual da Associação Brasileira de Antropologia, Gramado, 2001.

DELORS, J. et al. **Educação, um tesouro a descobrir**. Relatório elaborado pela Comissão Internacional sobre educação no século XXI. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000009.pdf>. Acesso em: 15 out. de 2014.

ECA. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: ><http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/ anotada/2335409/art-53-do-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-lei-8069-90>>. Acesso: 27 de maio de 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. **Pierre Bourdieu**: a educação para além da reprodução. Petropolis, RJ. Ed. Vozes, 2010.

GONÇALVES FILHO, José Moura. **Humilhação social**: Um problema político em psicologia. São Paulo, V. 9, n. 2, p.11 – 67, 1998.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Diálogos cruzados: infância, juventude e educação. In: **Desigualdade social e diversidade cultural na infância e na juventude**. Marcos Cezar de Freitas (Org.). São Paulo: Cortez, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios contínua - PNAD 2014. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=149>. Acesso em: 09 ago. 2014.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos Meios Populares: As Razões do Improvável**. São Paulo, Editora Ática, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. **Educação e Pesquisa**, vol.38 n.1 São Paulo, 2012.

LIEBESNY, Brônia. **Análise de projeto de futuro pelo jovem como modo de apropriação de significados e produção de sentidos**. 2008. 95f. Tese (Doutorado em Psicologia social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

LINS, Maria Judith Sucupira da Costa. Educação, escolarização e mobilidade social. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, vol.07 n.23 Rio de Janeiro, 1999.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Censo escolar de 2011. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-legislacao>. Acesso em 10 ago. 2013.

MORI, Valéria; REY, Fernando González. Reflexões sobre o social e o individual. **Psicologia & Sociedade**. v. 23, Florianópolis, 2011.

OLIVEIRA, Alessandra dos Santos. **A dimensão subjetiva da desigualdade social: um estudo sobre a escola do curso universitário entre os alunos bolsistas do programa universidade para todos – ProUni**. 2014. 249f. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. **Relatório do Desenvolvimento Humano 2010**. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/HDR/Relatorios-Desenvolvimento-HumanoGlobais.aspx?indiceAccordion=2&li=li_RDHGlobais#2010>. Acesso em: 10 ago. 2013.

PILOTTO, Silvia Sell Duarte. **Uma educação pela infância: diálogo com o currículo do 1º ano do ensino fundamental**. Ed. Univelle. Joenville, 2009.

POCHMANN, Marcio. Mudança social recente no Brasil. In: CASTRO, Jorge Abrahão de; VAZ, Fabio Monteiro (Orgs). **Situação social brasileira: monitoramento das condições de vida**. Brasília: IPEA, 2010, p. 62-72.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – PNUD. **Ranking IDH Global 2011**. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/IDH_global_2011.aspx?indiceAccordion=1&li=li_Ranking2011>. Acesso em: 30 jul. 2013.

REGO, Tereza. **Memórias da escola**: cultura escolar e constituição de singularidades. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

REY, Fernando González. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo. Pioneira Thomson, 2002.

_____. **Pesquisa qualitativa e subjetividade** – Os processos de construção da informação. Pioneira Thompson. São Paulo, 2005.

RIOS, Dermival Ribeiro. **Minidicionário escolar Língua Portuguesa**. São Paulo: DCL, 2010, p. 477.

SCALON, Maria Celi. **Imagens da Desigualdade**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

_____. Comentário sobre o texto de Marcelo Medeiros: "Entendendo a riqueza para combater a pobreza". **Revista Econômica**, UFF, número 1, Rio de Janeiro, 2005.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

APÊNDICE 1

Rol de temas para entrevista sob forma de conversação (Rey 2005)

- Foco da conversa:

- Produzir situações que permitam acesso aos sentidos constituídos pelo sujeito;
- Provocar a conversa da maneira mais espontânea possível.

- Questões que serão abordadas durante a conversa:

- Como é a seu dia-a-dia na escola?
- O que você mais gosta de fazer na escola?
- O que você menos gosta de fazer na escola?
- Como você se sente na sala de aula?
- O que você costuma fazer no intervalo? Com quem?
- Você gosta de estudar na escola em que está hoje?
- Há quanto tempo estuda nesta escola?
- Você acha que tem alguma diferença em ser aluno bolsista dos demais alunos?
- O que é um aluno bolsista?

Lembrando que muitas outras questões podem surgir durante a conversa, já que não se trata de um questionário rígido, apenas um apoio para o melhor aproveitamento da fala do sujeito participante.

APÊNDICE 2

Termo de consentimento livre e esclarecimento

Título: Sentidos subjetivos de alunos bolsistas em uma escola particular

Pesquisadora responsável: Bianca Mendes Salvatico

Orientanda responsável: Prof^a Dra^a Ana Mercês Bahia A. Bock

Instituição a quem pertencem a pesquisadora e orientadora: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP

Prezados responsáveis

Meu nome é Bianca Mendes Salvatico, sou estudante do curso de Mestrado em Educação: Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP e investigadora titular do projeto intitulado “Sentidos subjetivos de alunos bolsistas em uma escola particular”. Esta pesquisa foi autorizada pela Senhora Katia Martinho, Diretora Pedagógica do colégio Magister.

Convido seu(sua) filho (filha) a participar deste projeto cujo objetivo é compreender as significações constituídas sobre o processo de escolarização, por alunos bolsistas de uma escola particular. A participação dos alunos consistirá em uma entrevista, no período de aproximadamente uma hora, que ocorrerá dentro do horário escolar. De antemão, asseguramos total sigilo sobre as entrevistas. Elas serão analisadas e eventualmente o produto final poderá ser publicado ou divulgado em eventos, mas essa divulgação priorizará a omissão de qualquer elemento que permita a identificação de seu (sua) filho (filha). Após a conclusão do projeto todos poderão ter acesso aos resultados.

A participação, voluntária, poderá ser interrompida a qualquer momento sem que isso cause qualquer ônus ou transtorno de qualquer espécie.

Caso questões/dúvidas lhe ocorram ao longo do processo, ou mesmo após seu término, o(a) senhor(a) poderá saná-las entrando em contato com:

Pesquisadora: Bianca Mendes Salvatico – 98348-0506

Orientadora: Profª Draª Ana Mercês Bahia A. Bock – 99280-2081

Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP – 3670-8466

Para que seu(sua) filho(filha) participe deste projeto, necessito de sua permissão. Caso esteja de acordo, por favor, assine a autorização no final deste comunicado e entregue-a à direção do colégio.

Contando com sua colaboração, agradeço antecipadamente.

Bianca Mendes Salvatico

Autorização

Eu, _____ RG _____
autorizo meu (minha) filho (filha) _____,
matriculado(a) no 2º Ano do Ensino Médio, a participar como voluntário (a) da
pesquisa acima descrita.

São Paulo, ____ de _____ de 2014.

Assinatura Responsável

Assinatura Pesquisadora

APÊNDICE 3



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM
EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

À Direção da Escola Magister

APRESENTAÇÃO

Venho, por meio desta, apresentar a pesquisadora BIANCA MENDES SALVATICO, que está sob minha orientação no mestrado do Programa de Estudos Pós Graduated em Educação: Psicologia da Educação, na PUC-SP.

Bianca vem desenvolvendo a pesquisa SENTIDOS SUBJETIVOS DE ALUNOS BOLSISTAS EM UMA ESCOLA PARTICULAR e necessita do apoio desta escola para a realização do seu trabalho.

Todos os procedimentos éticos de pesquisa com seres humanos foram tomados, o que garante o sigilo tanto em relação à identidade dos colaboradores, quanto a identificação da escola.

Colocamo-nos à disposição para esclarecimentos e questões que possam surgir no decorrer do processo de investigação.

Agradeço a colaboração e nos comprometemos com o retorno a esta instituição dos resultados da pesquisa.

São Paulo, 09 de dezembro de 2013

Profa.Dra.Ana Mercês Bahia Bock

APÊNDICE 4

Questionário Socioeconômico

Q1	Nome											
Q2	Idade											
Q3	Numero de Pessoas											
Q4	Quem é o principal responsável pelo sustento da casa?											
Q5	Qual a profissão do responsável pelo sustento da família?											
Q6	Qual seu tipo de moradia?											
Q7	Qual é o bairro da sua residência?											
Q8	Qual é o bairro de sua escola anterior?											
Q9	Qual a distância aproximada da sua residência ao colégio Magister?											
Q10	Qual é o meio de transporte que você utiliza para ir e voltar do colégio Magister?											
Q11	Aproximadamente, quanto tempo demora para ir e voltar do colégio Magister?											
Q12	Você realiza algum tipo de atividade remunerada para ajudar na renda familiar? Caso a resposta seja afirmativa qual?											
Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	Q6	Q7	Q8	Q9	Q10	Q11	Q12	
S1	15	5	Pai	Motorista	Própria	Jardim São Carlos	Vila Joaniza	8 Km	Ônibus	1 hora	Não	
S2	15	4	Mãe	Auxiliar de Produção	Própria	Jardim Ubirajara	Jardim Ubirajara	4 Km	Ônibus	25 Minutos	Não	
S3	16	3	Mãe	Supervisora de Hotelaria	Própria	Vila Emir	Jardim Ubirajara	4 Km	Ônibus	40 Minutos	Não	
S4	15	4	Pai	Gerente de Projetos	Própria	Jardim Clipper	Jardim Clipper	5 Km	Carro ou Ônibus	1 hora e 20 min	Não	
S5	16	4	Pai	Aposentado	Própria	Vila Santana	Vila Ernestina	3,5 Km	Carro ou Ônibus	20 Minutos	Não	
S6	16	5	Mãe	Encarregada de Caixa	Própria	Jardim São Luiz	Jardim São Luiz	30 Km	Ônibus e Metrô	1 hora e 30 min	Não	
S7	16	4	Pai	Farmacêutico	Própria	Vila do Encontro	Jardim Consórcio	7 Km	Ônibus	1 hora e 10 min	Não	

APÊNDICE 5

Transcrição da entrevista

Grupo: 01

Perfil: Alunos bolsista em escolas particulares

Dia: 11/02/2014

Cidade: São Paulo

Moderador: P

Participantes:

S: Sujeito 1 (S1)

M: Sujeito 2 (S2)

I: Sujeito 3 (S3)

H: Sujeito 4 (S4)

T: Sujeito 5 (S5)

A: Sujeito 6 (S6)

J: Sujeito 7 (S7)

P: Vamos lá gente. O meu nome é B, estou fazendo mestrado na PUC aqui de São Paulo e o meu tema de pesquisa são alunos bolsistas em escolas particulares. Então, como esses alunos se sentem dentro dessas escolas, como eles chegaram nessas escolas, assim, nós vamos conversar sobre isso. A gente tem algumas questões norteadoras, sobre o dia a dia aqui na escola e a gente vai conversar sobre isso. O que eu peço é que vocês falem alto para gente gravar, que não interrompam porque é um grupo ai fica mais complicado entender o que a gente conversa.

P: Primeiro é melhor saber o nome (risos)... Fala o nome e a idade de vocês por favor.

S1: O meu nome é S. eu tenho 15 anos.

S2: M. 15 anos.

S3: I. 16 anos.

S4: H. 15 anos.

S5: T. 16 anos.

S6: E. 16 anos.

S7: J. 16 anos.

P: Vocês estão no segundo ano do ensino médio não é?

Todos: Uhum.

P: Todos começaram desde o primeiro?

Vários: Sim.

P: Agora sim. Contem um pouquinho como é o dia a dia de vocês aqui na escola, como é o dia de vocês?

S5: É legal.

P: Não... mas conta um pouquinho para mim como é o chegar, o que vocês fazem?

S6: Geralmente tenho que chegar mais cedo porque eu moro longe, às vezes 40 minutos mais cedo ai às vezes sobra uma lição eu faço, da o horário eu subo para aula normal.

P: Você vem como para cá?

S6: Eu venho de carro e volto de ônibus.

P: Você vem com seus pais?

S6: É o meu pai que me traz.

P: Por isso você chega bem mais cedo?

S6: Uhum.

P: Alguém tem esse mesmo problema que ela?

S4: Eu também então tenho que sair mais cedo.

S3: A gente da a volta no mundo pra chegar aqui... (Risos)

P: Como você vem?

S4: Metrô, ônibus.

P: Você pega o metrô e ônibus?

S4: É, dois ônibus e metrô.

P: Pega dois ônibus e o metrô?

S4: Isso.

P: Para chegar aqui?

S4: Isso.

P: Já chega cansada não é?

S4: Já, já.

P: E ai tem a rotina da escola?

S4: Isso.

P: Como é que é?

S5: Bom é dinâmica o Colégio foca muito nas matérias, mais não só nas matérias tem simulação, tem estudo do meio, tem outras coisas que faz o Colégio ser excepcional, ser especial e torna ele um colégio muito mais legal do que outros colégios, por exemplo, no meu ponto de vista.

P: A escola que você estudava antes não tinha nada disso?

S5: Nada disso. Tem o clube da química, tem atividade a tarde, tem aula à tarde de terças e quintas, vai montar um grupo de filosofia quarta-feira. Tem vôlei, futebol, handebol, tem várias atividades. Você pode ficar estudando na biblioteca, tem computador no próprio colégio, eu acho que é isso.

P: Então vocês ficam o dia inteiro aqui?

Todos: É.

S7: Depende.

S1: Depende do dia.

S7: Porque é assim, a gente estuda no horário normal segunda, quarta e sexta das sete meia até uma hora. Só que nas terças e quintas-feiras a gente tem escola das sete e meia até às cinco e meia da tarde e é aula normal também à tarde.

S1: É que outros dias também a gente pode ficar à tarde só que ai é opcional, porque você escolhe se você quer fazer as atividades extras que o colégio oferece à tarde ou não, se você não quiser ou não puder por qualquer motivo você tem total liberdade de não fazer.

P: E vocês fazem essas atividades que são opcionais?

S6: Não faço nenhum tipo de esporte mais eu faço clube da química e pretendo entrar no de filosofia.

P: E vocês?

S3: Às vezes quando tem monitoria à tarde ai são os próprios alunos que dão monitoria ai eu fico à tarde, e às vezes eu fico à tarde quando tenho necessidade eu estudo na biblioteca.

P: São vocês que são os monitores, é isso?

Todos: É.

S3: Todo mundo já foi monitor até o ano passado é que esse ano eles ainda não falaram até porque não tivemos as primeiras provas, mais assim, eles pegam os alunos que tem facilidade em determinada matéria e colocam para ajudar os outros que tem mais dificuldade para desempenho.

P: E todos vocês já foram monitores?

Vários: Sim.

P: E são todas as matérias ou vocês escolhem a matéria?

S2: É a que a gente mais se destaca.

S4: O professor convida.

P: Mas de qualquer matéria?

S2: Isso.

S4: Sim.

P: E você?

S7: Então a minha rotina em relação a escola é realmente bem diferente, aqui temos bastante atividades, nós temos monitoria . O ano passado era só terça-feira agora são terças e quintas, e estudo em casa, o ensino é muito diferente mesmo da escola pública.

P: Como é o ensino... Vocês passam pelo menos dois dias da semana aqui na escola o dia inteiro, como é que fica essa rotina em casa, aqui?

S1: Fica cansativo.

S4: Principalmente que a gente vem de metrô e ônibus ai tem que ficar até tarde ai está muito calor.

S5: No meu caso de terça e quinta ainda faço caratê, então chega quarta-feira eu estou extremamente cansada, mas é por um objetivo maior então vale a pena.

P: Mas falando um pouquinho do processo, como é que foi o processo para vocês chegaram aqui?

S1: Primeiro na escola a gente tem que se destacar também, ai a gente se destaca eles chamam a gente para fazer essa prova que é uma prova seletiva com mais de 300 pessoas. Ai depois que a gente fez essa prova eles ligaram para gente falando que a gente tinha passado nessa primeira fase, só que como muita gente tinha passado na primeira fase também, eles decidiram fazer uma nova fase que era de redação.

S3: É uma carta.

S1: É. Ai a gente teve que fazer essa redação também, e depois eles chamaram a gente novamente para vir aqui na escola eles falaram que a gente tinha passado e perguntaram quem gostaria de ficar.

P: Então esse foi o processo?

S1: Foi.

S3: Acho que a prova teve 50 questões e tinha que acertar mais de,

S1: 75%.

S3: Dava 37, 38 questões ou mais.

P: E a prova perguntava sobre tudo?

Vários: Sim.

S4: Na verdade se não me engano eram 20 de português, 20 de matemática e as outras dez eram gerais.

S1: De atualidades assim.

P: Antes dessa escola vocês sempre estudaram em escolas pública?

S6: Não.

S1, S2, S3, S4, S5. S7: Sim.

P: Não.

S6: Então eu fui até a terceira série numa escola pública e ai essa escola se tornou particular e ai eu acabei virando bolsista lá também, e aí eu sai de lá, como lá era até o meio do ano o presidente da R tinha contato com as irmãs da minha escola. Eles descobriram os papéis de inscrição do pessoal da minha sala e tal e quem quis vir fez a prova.

P: Vocês falaram de algumas coisas que gostam na escola, e o que mais o que mais?

S4: A qualidade do ensino também.

S5: A qualidade dos professores é excepcional. É muito superior.

S2: Em relação aos professores assim.

S5: Não desmerecendo os professores do colégio público, que eles são muito bons também, só que pela quantidade de alunos que se tem num colégio público se torna mais difícil dar aula e você conseguir absorver o que eles estão passando.

P: Quantos alunos têm aqui por sala?

S3: Uns 25 em média.

P: Um número bem menor.

S5: E a gente também tem uma aproximação maior com o professor, a gente acaba se relacionando com o professor, a gente tem uma relação de amizade mesmo com os professores e isso acaba ajudando.

P: Todo mundo concorda?

Todos: Sim.

S6: Isso facilita.

P: Facilita?

S6: A gente sempre tem contato com os professores.

S3: Com uns a gente tem muito mais e com outro menos, mas todos estão sempre dispostos a ajudar se você pergunta alguma coisa, é que cada um tem seu jeito uns são mais abertos.

Vários: É.

P: Vocês sentem diferença, por exemplo, nessa questão do professor ser mais próximo ou não por serem alunos bolsistas ou não, vocês percebem isso?

Vários: Não, não.

S2: Quando eles veem que a gente está meio decaindo em alguma nota eles vão e ajudam, falam, eles oficializam e-mail, não que eles vão tentar dar muita nota porque a gente precisa, mais eles vão auxiliando assim sabe.

P: Isso é com todos ou só com vocês?

S2: Não. Com todos.

S1: É com todos. Acho que essa preocupação é geral mesmo. Assim é que tem alunos que não têm essa possibilidade mas porque não querem, entendeu, porque os professores estão dispostos a ter essa proximidade, tanto é que você passa uma semana aqui você esquece quem é você.

S5: É mesmo.

S2: Acho que esse foi um grande ponto, assim porque eu nunca tinha estudado em escola particular eu estudava em escola pública ai eu pensava, nossa escola particular é tudo diferente, mais logo no começo eu me acostumei muito rápido as pessoas, aos professores, foi bem mais fácil do que eu imaginava... É um ambiente que eu realmente me sinto bem.

S1: Não tem discriminação nenhuma porque você é bolsista, inclusive diversos alunos querem bolsa, então não tem esse olhar diferente eu sou melhor que você, não tem.

S3: Não, é que acostumar com a estrutura com as pessoas da sala foi muito normal, o que foi mais difícil foi prova.

S7: O primeiro bimestre a gente chorou.

S2: É muito por causa de nota.

Vários: É.

S2: Muito por causa de nota.

S1: Foi um desespero.

S4: A escola particular é muito melhor que a escola pública tem muito mais prova, é mais muito mais organizada também.

P: Esse foi o grande marco?

Vários: Sim.

S7: Também.

P: Ninguém aqui nunca teve nenhum sei lá, nenhum probleminha, nada com outro aluno, ou professor ou inspetor, nada?

Vários: Não.

P: Desde a chegada?

Vários: Desde a chegada.

P: Bom. O que vocês não gostam daqui? Gostar é fácil, e não gostar...

S7: Os preços altos da cantina (risos).

S6: Pegar metrô lotado todo dia.

S1: Pegar ônibus lotado, você chega muito tarde em casa, não tem coragem para fazer nada.

S3: É o mais difícil é justamente isso, para chegar aqui praticamente você da volta ao mundo, quando chega aqui já cansada e tem que prestar atenção, bastante aula tem que estar anotando, e aí você voltar para casa e ainda pegar mais ônibus lotado, duas horas para chegar em casa.

S5: Chegar e ter que estudar, fazer lição entendeu?

S7: Chega em casa esgotado não tem condições de estudar.

S5: É. Sobre isso que eu conversava principalmente no final do ano passado, é quando você está no limite e quer férias, a gente parece que vai passando o tempo vai ficando mais cansada e assim, você chega em casa dorme e está aqui de novo parece que você não sai do colégio.

S2: É parece que você não saiu.

S5: Inclusive eu até brincava que o Colégio era a minha casa porque eu passava mais tempo aqui do que na minha casa.

Vários: É.

S1: Tínhamos oito aulas por semana com a mesma professora...

P: Oito aulas com a mesma professora?

S1: A gente via ela todos os dias.

S6: Via ela mais que os nossos pais.

S2: De três matérias diferentes.

P: O convívio tinha que ser bom, não é?

Vários: Tinha.

S1: É a gente via mais ela do que os nossos pais.

P: Mas aí você citou a coisa da cantina...

S7: A sim. É espírito capitalista mesmo (risos), não tem mais jeito é assim mesmo. Uma coisa também são livros e livros não são baratos realmente, a gente tem que correr atrás, são preços altos.

P: E aí como é que vocês fazem para se virar tanto com a cantina como com os livros? Vocês passam o dia inteiro aqui, vocês estudam... tem uma ajuda de custo, vocês que vão atrás, como é que é?

S5: A gente que vai atrás.

S4: Na verdade o ano passado eles falaram que iam conseguir alguns livros, só que já tinha passado março já estava em abril eles conseguiram livros aí a gente já tinha comprado, porque não tem como ficar todo esse tempo sem livros.

S2: Só que esse ano já foi diferente, esse ano eles realmente conseguiram tanto é que eu não precisei comprar quatro livros já foi uma economia gigantesca, porque os valores são altíssimos. Mais em relação a isso não, o colégio fornece a bolsa o R no caso e as demais despesas a gente tem que arcar como uniforme, livros, cantina.

S1: Estudo do meio.

S6: Mas estudo do meio eles ainda fazem, eles dão ou desconto ou deixam a gente parcelar em mais vezes.

P: E todos vocês conseguiram participar?

S1: O ano passado sim.

P: Mas com o esforço de vocês.?

Vários: É.

S5: É tem desconto do colégio.

S6: Eles parcelam em mais vezes sem juros.

P: E quando isso acontece como é que vocês se sentem?

S2: É complicado porque em casa faz diferença.

S7: No caso o ano passado foi R\$ 680,00.

S2: Isso.

S1: Em casa isso fez diferença, mas isso ajudou, a gente pode parcelar em mais vezes sem juros, porque para nós por ser bolsistas tinha juros e não eram juros barato, mas, discriminação no colégio não existe mas em casa faz diferença, porque é uma coisa que você deixa de comprar, é uma economia que você faz, pelo menos na minha casa foi assim.

S6: Eles dão muito apoio para você quando não tem condição mesmo de participar uma vez isso já aconteceu comigo de eu não poder ir ao teatro e eles pagaram para mim.

S3: Eu também.

S5: Ele se preocupa com a gente.

S6: Eu não avisei nada que não podia ir porque eu não gosto, ai ele chegou um dia antes eles conversaram, que se numa próxima vez se não tivesse dinheiro que eu podia ir lá conversar que eles dariam um jeito, e tudo e a gente foi mesmo assim com dinheiro deles.

P: Você foi?

S6: Eu fui... Em relação a isso, eu me senti, era uma peça de teatro que eu queria muito assistir só que ai eu não ia poder e ai eles me ajudaram a pagar.

P: Como você se sentiu?

S6: Eu fiquei satisfeita, feliz. Eu queria ir porque era uma peça de teatro que eu gostava mas!

S1: Eu fiquei muito feliz também.

P: Eu queria perguntar com relação à família, porque você falou em família também, como é? Vocês têm irmãos? Como é, eles não estudam aqui provavelmente?

Vários: Não.

P: Como é o empenho da família com você que é bolsista?

S5: O meu irmão me ajuda muito, meu irmão me apoia muito.

P: Ele é mais velho?

S5: Ele é mais velho, ele faz faculdade na U N. Ele trabalha, então ele sabe o esforço que eu faço para estar aqui, ele sabe o esforço que eu tenho para estudar, querendo ou não mas é um esforço você deixar de sair com suas amigas para comprar um livro para o colégio. Meus pais, não meu pai que não me apoia muito o meu pai é mais distante, mas minha mãe me apoia muito.

P: Mais distante em que sentido?

S5: Em todos os sentidos o meu pai é mais distante, é todos.

P: E vocês?

Vários: Sim.

S3: Acho que porque principalmente a maioria da família não tem estudo, então eles se sentem muito menos é a palavra certa para falar,

S7: Orgulhosos.

S3: Mas ficam orgulhosos quando eles veem que a gente conseguiu com o nosso esforço, que a gente está se dedicando pelo nosso esforço, pelos estudos.

S1: Eu tenho irmãs gêmeas no caso elas têm 12 anos, a gente tem relação de irmãs e tudo o mais, elas me admiram muito, elas querem entrar aqui quando tiver idade. A minha família sempre me apoiou muito, quando eu estava na 8ª série eu tentei em várias escolas bolsa de estudo, quando chegou no Colégio estava no final do ano assim, eu estava meio cansada, ai foi assim de repente, eu nem sabia que esse colégio existia direito ai chegou o papel lá. Nossa eu fiquei feliz.

S5: Eu até brinco que a minha bolsa foi o meu presente de aniversário, porque eu fiquei sabendo dia 1 de dezembro e o meu aniversário é dia 2 de dezembro foi o melhor presente que eu podia ter.

P: E a questão dos amigos que não estudam aqui como é que é?

S4: Isso foi tudo muito complicado.

S2: Essa foi à parte mais difícil.

S4: Eu e a M. viemos do mesmo colégio então a gente já se conhecia, não era tão próxima mas já se conhecia, e quando a gente chegou aqui a gente se uniu muito porque era assim, só tem você e você, a gente não conhece ninguém.

S2: Ou você fica comigo ou fica sozinha.

S3: E aí a gente ficou deslumbrada assim quando a gente chegou tipo assim, nossa o lugar que a gente estava sabe?!

S5: E a sala. Meu Deus.

S6: E a gente sente muita falta dos amigos mesmo, mais a gente vai se afastando mesmo, mas você continua amiga das pessoas sabe, depois que você percebe que não precisa perder a amizade das pessoas só porque você mudou de colégio e vocês não estão se vendo diariamente ai você se acalma sabe, aprende a lidar melhor com isso.

S1: É eu me afastei de muita gente.

S3: Eu me afastei de muita gente também.

S6: É muita gente que fala que você mudou, que você se distanciou muito, que agora você nem fala mais com a gente.

S7: E também é difícil você perceber, tem gente que estuda só que eles não dão muito valor ai você vê seus amigos tem gente que estuda para caramba para tentar uma vida melhor, eles estão em colégio público, porque não tiveram as oportunidades que a gente está tendo.

S4: E acho que o pessoal ainda fica mais assim porque, fala, ai vem de fim de semana, você não vem me ver, mas é porque fim de semana tudo o que você quer mais é descansar sabe?

S5: E você fica fazendo trabalho.

S6: É e ainda você tira o sábado para descansar e domingo você passa o dia inteiro fazendo lição e trabalho ou estudando para prova e ai você não tem tempo realmente sabe. Acho que às vezes

até os meus tios falam, nossa como você está sumida não sei o que, mas não é porque a gente quer, é que realmente não dá para estar como era antes sabe?

P: É uma questão de escolha...

Vários: Sim.

S6: Também.

P: Não ouvi uma opinião masculina.

S7: Em relação aos amigos? Eu tinha muitos amigos na outra escola, nós normalmente nos comunicávamos, ficávamos no computador, nós jogamos junto e tal, e realmente o estudo e toda essa nova rotina faz com que você se distancie mesmo, é comum, é automático. Por exemplo, às vezes vem alguns amigos meus falam, vamos jogar um pouco, eu falo ainda estou cheio de lição para fazer, eu sei que na escola pública não exigem tanto deles, mas aqui exigem de mim, então não posso eu tenho que manter as minhas tarefas.

P: Isso que eu ia perguntar. Vocês precisam manter um padrão para continuar alunos bolsistas?

Vários: Sim.

P: Legal os amigos lá fora e os amigos aqui dentro... fora o grupo que vocês acabaram formando... Como tudo isso fica?

S5: No meu caso eu fui muito bem recebida só que como acho que as pessoas perceberam que eu preciso estudar mais, porque eu realmente preciso de nota algumas pessoas foram se afastando. Em compensação eu fiz amizade com outras pessoas que querem se esforçar, que se esforçam e eu curti amizade também com gente do antigo terceiro ano que queriam entrar na faculdade, então querendo ou não a cabeça muda. Esse ano é o primeiro ano que estou achando estranho sem eles, mas em geral foi boa, eu não sou amiga da minha sala inteira, mas eu falo com todo mundo, é uma relação que dá para falar mas não é uma relação de amizade

S6: Eu acho que isso daí é assim, demorou um tempo para a gente fazer amigo aqui dentro.

S1: Mas nem foi por eles.

S5: É porque eles receberam super bem assim, normal, todo mundo sabe que a gente é bolsista e não tem problema nenhum.

S3: É aqui é super tranquilo, a gente foi muito bem aceita aqui não tem nem o que falar em relação a isso.

Vários: É.

S7: A gente que fica meio retraído porque fala, eu não posso perder o foco estou aqui para estudar, aí você acaba meio ficando assim, depois você percebe que dá para você conciliar as duas coisas e você acaba fazendo um grupo de amigos com aquelas pessoas que você se identifica mais. Que você percebe que tem mais a ver com você e tal, sem contar que as pessoas que você tem afinidade e amizade elas podem ajudar também nas matérias que você tem dificuldade também, então isso é bem positivo, deu para fazer amizade sim.

P: Vocês não falaram...

S2: Assim! Eu não sou muito de fazer muitas amizades e tal, eu prefiro uma pessoa ou outra assim, eu e a Helena, por exemplo, a gente acho que desde o começo,

S4: Desde o começo desde o primeiro dia, a gente chegou juntas seis e meia.

S2: É porque a gente é uma das primeiras a chegar na aqui escola ai fizemos amizade.

P: Mas vocês têm amizade com alunos não bolsistas?

S2 e S4: Sim

P: Mas o vínculo ficou maior?

S2: Entre nós duas .

S4: É mais entre a gente mesmo, porque a gente passa pelas mesmas coisas assim.

S3: É porque eles às vezes tiram uma nota vermelha ficar de recuperação, ah normal e tudo o mais.

S1: Ai consegue recuperar.

S4: Agora para gente não, se a gente tira uma nota vermelha fica!

S3: Principalmente quando você tira um sete quando você tem que ficar com um nove, eu fico, ai meu Deus? E eles não entendem isso, esse desespero às vezes.

S1: Mas você tirou sete.

S3: Mas eu tinha que ter trado nove.

S5: Uma coisa que eu achei muito legal no final do ano passado, pelo menos comigo foi assim, o pessoal da minha sala foi muito legal assim em relação a essas notas e tal, porque eles se mostraram muito compreensivos. A não, a gente vai falar com a professora ele vai ajudar você sim, você vai conseguir, você vai manter a bolsa, você vai continuar aqui o ano que vem.

S4: Eles veem a gente desesperada assim.

S5: É eles acalmam muito a gente assim.

P: Mas isso é uma questão da sala tal, vocês já perceberam o oposto disso, de “ah, deixa isso para lá...”

Vários: Não.

S4: Eu já percebi.

P: Como é?

S4: Ah porque assim, a gente percebe que não tem gente prestando atenção na aula, porque a gente percebe tipo, eles estão pagando o professor para da explicação, a gente percebe que tem gente que não está nem ai que você está querendo, prestando atenção ou não e está querendo tirar tua atenção. Entendeu? Tem gente que percebe a tirou zero, está ótimo menos um (risos).

S1: Tem gente que fica feliz contente com dois, ah é melhor do que um.

S2: Tira cinco.

S3: Você está lá tem que tirar nove, ai tirou cinco, ai meu Deus eu tirei cinco.

P: E ai?

S3: Ah é difícil de lidar com isso.

S7: E que às vezes a pessoa tem mais facilidade mais apoio, não tem nada para fazer em casa, chega em casa em cinco minutos.

S4: De carro.

S3: De carro, de carro! (risos). Não faz a lição, não faz trabalho nenhum.

S5: Meu Deus por quê? Você fica se perguntando, por quê?

S2: A pessoa só tem que estudar não tem nada para fazer na rotina, só tem que estudar e não faz e a gente se mata, faz tudo.

S3: Tem gente que tem muita facilidade, muita facilidade mesmo, não faz trabalho nenhum, não faz lição e tira nove, dez em prova e você se mata de estudar e não tira.

S2: E você está cansada ainda, você está cansada de que você não faz nada, eu olho pra cara da pessoa assim, eu não vou nem responder.

S4: Uns dias atrás me perguntaram assim se eu não poderia fazer uma chapa para o grêmio e tal essas coisas, eu falei, não, eu tenho muita coisa para fazer, muita lição, trabalho e tal, mas você não faz nada em casa. Eu falei, como assim? Eu faço muita coisa em casa, nossa mas, isso a gente cria muitas barreiras com o estudo e a lição de casa. Às vezes eu, por exemplo, tento conciliar a lição de casa, o trabalho de casa com o meu lazer, porque eu acho que é essencial a gente ter um momento de saúde mental. Não adianta você ficar se matando de estudar e ficar só vindo para escola às veze eu fujo disso eu passo um tempo, assisto um filme, leio um livro, escuto uma música.

S7: Senão você fica meio louco.

P: E vocês fazem trabalhos, atividades em grupo?

Vários: Sim.

P: Sim. E como é que são essas atividades em grupo, dentro e fora da escola?

S1: Ah na sala às vezes é porque não deu tempo de fazer.

S5: Já aconteceu de ir na minha casa, eu ir na casa da pessoa é aquilo tem gente que tem preconceito, ah porque a minha casa é melhor do que a sua e tem gente que vai olhar como se fosse igual. E tem gente muito legal aqui, muito bacana, claro sempre tem alguém que, mas essas pessoas a gente nem faz trabalho, mas também tem uma opção de fazer na escola.

S7: É às vezes é que o pessoal sai escolhendo você primeiro para fazer o grupo porque sabem que você estuda que você sabe.

S5: Sabem que você sabe a matéria então vamos fazer o grupo.

S7: Isso acontece muito.

P: Conta um pouquinho para gente.

S7: É difícil, às vezes muitas pessoas gostam assim, nós temos experiência em fazer trabalhos em grupo essas coisas, às vezes não é tem alguns brincalhões não é!

S1: Ele não quer falar mas é alguém da nossa sala.

S6: É verdade.

S1: Quando ele fala no palco alguma coisa

S6: Todo mundo aplaude de pé.

S7:Acaba perdendo um pouco de eloquência (risos). Estou falando mesmo embolado, parece que nas férias estou meio estranho.

P: Nas férias descansou um pouquinho?

S7: Nas férias é sempre bom, principalmente no fim do ano com a amostra cultural, com o simulado, o stress é muito grande, o stress do ano muito grande.

P: Mas vocês falaram “escolhem a gente porque sabem que a gente estuda”, como é isso, vocês não podem escolher?

Vários: A gente escolhe.

S6: Não, a gente escolhe.

S2: Escolhe. Geralmente quando tem trabalho em grupo na nossa sala que é o segundo B, geralmente sou eu, a A, a H e mais outras duas.

S6: Na nossa sala a gente faz as três, porque assim sabe que nós fazemos.

S2: Mas a gente pode escolher outro grupo que não vai ter problema nenhum, mas é melhor,

S6: Porque é mais organizado.

S4: Porque é um tipo de trauma que vem da outra escola, porque a maioria aqui acho que era explorado (risos), porque era assim, você fazia tudo e o resto não fazia nada.

P: Mas e aqui como é que funciona isso?

S4: Não aqui!

S6: Não mesmo se ocorrer o problema a gente pode conversar com a professora.

S4: Já ocorreu.

S6: A gente fala que não fizeram nada e quem só ficou fazendo foram,

S3: É o trabalho em grupo acho que eram seis, sete pessoas, que foi do blog do livro Capitães de Areia e nós duas éramos do mesmo grupo, e só a gente fez tudo sozinha entendeu? Tipo leu o livro e faz o blog e tem que fazer postagem de áreas e eram quatro e meia da manhã,

S1: Na véspera.

S3: É quatro e meia da manhã todo mundo dormindo e a gente acordada assim, eu mandei uma mensagem para a professora revoltadíssima, professora olha são quatro e meia da manhã eu e a Milena estamos fazendo o trabalho até agora, o pessoal foi dormir ninguém ajudou em nada a gente fez tudo sozinha e não sei o que mais, meti o pau.

P: Como foi depois disso?

S3: Ah ninguém falou nada porque sabiam que estavam erradas, mais assim, foi tipo, da próxima vez vocês façam também.

P: O que o professora fez?

S1: Então falou que ia tirar a nota deles, porque assim teve um ou dois que fizeram o trabalho mínimo assim copia e cola assim (risos), e aí ela falou que ia tirar a nota deles e tal, só que trabalho demorou muito tempo para mandar as notas para gente, então a gente não sabe se ela tirou se não tirou.

S2: Eu tive um problema com trabalho em grupo também na verdade dois, só que um ficou elas por elas porque a gente terminou que fez seis pessoas então a gente combinou, deixa para todo mundo na hora a gente apresenta e todo mundo tirou dez era o último trimestres, então vamos deixar por elas mesmo, o outro não, o outro eu procurei a professora e foram zerados.

P: Foram zerados?

S2: Os outros alunos foram zerados.

P: E essas alunos que ficaram com zero, como foi?

S2: Tem um menino que joga isso na minha cara até hoje (risos), mas assim, eu estou certa ele não fez nada, e não fez nada.

S1: Na minha sala eles não falaram nada porque sabiam que estão errados.

S2: É assim, nós criamos uma página de Facebook para o grupo para a gente poder se comunicar, e aí eu sou pouco explosiva, então eu fiquei revoltada eu postei lá, trabalho está pronto graças a vocês, muito obrigado.

S5: Bem desafortada (Risos).

P: E quais foram as mensagens?

S2: Não aí não responderam nada, no dia seguinte vieram falar comigo, perguntando se eu tinha falado com a professora disso, eu falei que você não fizeram nada, falei tudo para ela. Você está certa, desculpa a gente devia ter se esforçado mais. Até porque a gente teve um mês para fazer o trabalho. Dava para todo mundo ter feito só que o pessoal fica no oba, oba, a eu tenho que sair, eu tenho que fazer isso, eu tenho algo mais importante para fazer, vocês se virem. E aí eles vieram pedir desculpa e tudo o mais, eu falei, tudo bem, se a gente for fazer trabalho junto de novo espero que não se repita.

S6: Então no caso do nosso grupo a gente tenta fazer uma cobrança com as outras pessoas que estão no grupo, porque a gente não aceita que três pessoas façam tudo e o resto não faça nada entendeu? E se não fizer a gente fala mesmo, então a gente procura fazer umas reuniões e tal para ter esse tipo de organização, então está sempre se comunicando um com o outro, ah você fez isso, você fez aquilo, é isso o que a gente faz para melhorar.

P: E tem funcionado?

S: Tem (três participantes responderam simultaneamente).

P: E você J?

S7: Você quer saber?

P: Em relação ao grupo, já que você é o escolhido sempre.

S7: Mas é isso a organização eu acho muito importante se alguém falha a gente remarca, a gente até tenta fazer isso em grupo o tempo mínimo pra cada um e o tempo máximo, a gente divide o tempo certinho para o grupo, na verdade nunca foi um problema estamos tentando tirar notas altas, porque isso realmente vai pesar para gente manter a bolsa nas matérias. É isso.

P: Agora conta um pouquinho do intervalo de vocês.

S7: De terça e quinta pelo menos tem alguns (risos). São três...

P: Como são esses intervalos?

S1: A gente passa metade do intervalo na fila da cantina.

S7: Eu passo o intervalo jogando pebolim.

P: É o seu momento de interação.

S7: É o momento de relaxar também.

P: Mas são três intervalos, quando você joga?

S7: Ah sim. Tem o intervalo primeiro que começa as 10h05 é o intervalo de manhã depois das três últimas aulas tem 21 minutos, eu trago lanche de casa isso terça- feira. Tá? Depois tem as três aulas a aula acaba uma hora e a outra começa às duas horas você tem um tempo de uma hora.

No caso eu sou quase que obrigado a ir na cantina ai eu compro, daqui a pouco depois dessas duas aulas de projeto que nos vamos ter intervalo de dez minutos eu não como nada só fico no pebolim e depois tem mais duas aulas.

P: Essa questão do almoço que o nosso amigo está contando, os intervalos. Como funciona tudo isso aqui na escola?

S5: É não pode sair.

S4: Na verdade nos intervalos da manhã e da tarde você não pode sair mas no horário do almoço é livre, você pode almoçar aonde você quiser desde que você esteja aqui às duas horas.

P: Entendi.

S2: Na maioria das vezes a gente sai não é.

S1: É ou a gente vai no E, hoje mesmo a gente foi num lugar diferente lá em baixo mas tem que ser rápido.

Vários: É.

S5: E vai chegando no final do ano você não tem energia nenhuma para fazer nada quando você chega em casa, então nessa hora do almoço você não come, faz o trabalho.

S2: Você dorme.

S6: Você não tem tempo nem de tomar água.

P: Quando vocês param para pensar assim... tudo isso é válido ou não?

Vários: Sim, sim.

S6: Sim. Às vezes eu penso que estou ficando louca de tanto fazer trabalho, mas você faz, eu acho que tem que servir para alguma coisa.

S1: Eu acho super válido. Eu entrei aqui sabendo o que eu quero e mesmo entrando aqui teve duas matérias que eu tive muita dificuldade física e química que me fez repensar um pouco, mas eu acho que vale bastante a pena. Porque hoje eu estou estudando aqui amanhã eu vou está numa USP, vou estar entrando numa boa faculdade e no meu futuro e no futuro dos meus filhos vai refletir muito, porque é muito diferente um filho que nasce de pais que têm uma faculdade e um filho que não tem. Talvez o meu filho não precise passar por isso, eu vou ter um emprego melhor, vou ter uma casa melhor, eu provavelmente vou conseguir melhorar a minha vida partindo do princípio da vida que eu teria antes e da vida que os nossos pais tiveram.

P: Alguém quer complementar?

S3: Ah eu faço isso mais pensando nos meus pais.

P: Nos seus pais. Como assim?

S3: É. Ah! Os nossos pais, eu sou muito grata porque minha mãe me ajuda muito, me ajuda para caramba, ela batalha para que eu possa conseguir os livros, possa conseguir o material o uniforme e tal, eu acho que tenho que retribuir isso, e além da faculdade, do emprego tudo isso eu penso neles também, uma vida melhor que eu possa dar para eles também ganhando um salario melhor. Porque ela trabalha muito entendeu, talvez se eu conseguir passar na faculdade se eu conseguir ter um bom emprego vou conseguir que ela trabalhe menos, que ela descanse.

S5: E às vezes faz uma falta esse tempo que a gente não está com a minha mãe, por exemplo, minha mãe teve um AVC recentemente e (está falando emocionada, parece que está chorando).

P: Você quer parar um pouquinho?

S5: Não.

S4: Então os meus pais se esforçam muito por mim, eu vejo eles dando duro com o pouco que tem e,

Observação: Pararam de falar por um instante.

S3: É complicado.

S7: Os meus pais se esforçam muito por mim, eu vejo eles dando um duro trabalhando muito, eu me sinto meio, por exemplo, se eu não retribuir o que eles fazem por mim eu vou me sentir um filho desagradável, eu não vou me sentir bem.

S6: Ingrato assim. Não é?

S7: É ingrato depois de tudo o que os meus pais fazem por mim eu não vou retribuir?

S1: E eles se esforçam para você estar aqui mesmo, para pagar almoço, pagar condução.

S2: É você vê que eles fazem isso com super boa vontade, com todo amor.

S6: E não reclamam.

S3: Eles têm orgulho de você estar aqui, nossa quando eu passei aqui o meu pai contou para meio mundo. (risos)

P: É?

S3: Sério, foi muito bom mesmo, é super gratificante saber que eles têm orgulho de você, que você esteja aqui, sabe que eles sabem que você está lutando por algo melhor, é muito bom. (risos)

S1: Minha mãe lá em casa só faltou botar uma placa na frente da casa com minha foto, tipo sempre quando ela está conversando com os amigos, eu quando soube fiquei muito feliz. E ela também ela fazia propaganda que eu ia virar médica, até hoje quando ela conhece alguém a primeira oportunidade ela fala. (risos).

P: Mas me contem um pouquinho, não acham muito peso nas costas?

Vários: Sim.

S7: Não diria um peso mas uma responsabilidade.

S4: É mesmo. Porque é assim a gente de certa forma está sendo super estimados, aí você está com essa responsabilidade você tem que cumprir com esse papel que você tem entendido, além de cumprir a média e tal você tem que cumprir com você mesmo.

S3: Realmente é isso o que você falou, mas talvez seja interessante para pesquisa, porque você tem que manter a frieza e a calma, porque eu lembro de um bolsista que chegou com a gente o E, ele teve alguns problemas devido a nota, não sei se foi por ele mesmo não sei o que aconteceu e ele acabou desistindo da bolsa, hoje era para ele estar aqui com a gente também.

S1: Mas é porque ninguém saiu o ano passado provavelmente ele conseguiria também, porque no começo todo mundo passou por dificuldade então todo mundo conseguiu ele conseguiria também.

S3: Só que ele desistiu muito precocemente foi no primeiro bimestre.

S4: Muito fácil.

S3: Foi no primeiro bimestre, ele já começou, mas era porque ele disse que estava entrando em conflito com ele mesmo,

S5: Os pais dele eram mais velhos mesmo.

S3: É e ele falou que estava tirando notas baixas, só que era o primeiro bimestre, você tem o ano todo para ser recuperar, tem o ano todo para se recuperar.

S5: A gente ainda tentou convencer ele, E fica seus pais já gastaram em vários livros, uniforme, fica pelo menos até o fim do ano, até o fim do ano você está garantido aqui se não der certo paciência, não deu você sai. Hoje ele fala que ele se arrepende muito disso, se ele pudesse voltar no tempo ele nunca teria desistido assim. Sabe?

P: E os outros colegas de turma também incentivaram, mesmo não sendo bolsistas? Incentivaram vocês a ficar?

S1: Nossa todo mundo.

S5: Até os professores.

S6: Nossa ele conversou diversas vezes com o M.

S3: Que era uma oportunidade única e todo mundo explicando para ele que ia passar, mais ele estava mal.

P: Você ainda tem contato com ele?

S3: Sim.

S1: Se a gente não estivesse nessa sala nós duas a gente ia está na sala que ele está hoje.

P: Voltando um pouquinho para o intervalo, que a gente estava conversando, vocês ficam entre vocês mesmo ou com os outros grupinhos?

S5: Ah! Depende do dia.

S4: É muito relativo, é difícil ficar só com a gente mesmo a gente fica na cantina com o pessoal na cantina, fica na mesa conversa com todo mundo.

S1: É porque é assim, a gente fica bem espalhado você passa aqui conversa com um, passa aqui conversa com outro.

S5: É bem espalhado.

S7: Assim eu costumo manter contato com os alunos que eu conheço começando do pebolim eu fico jogando lá com eles é sossegado.

P: Agora me falem uma coisa. Vocês têm realidades diferentes... contem como é o sair da escola, frequentar a casa do outro que não é bolsista, e nos finais de semana?

S5: Assim, eu acho que pelo menos para mim assim, não é que seja assim, eu sei que é normal você tem que sair sai todo mundo ali.

S6: Mas de um modo ou outro você tem que saber que você é meio que diferente, não é a mesma coisa, assim os lugares que eles frequentam não é o mesmo que os nossos, quer dizer então você tem que saber dividir.

S4: Não tem como chegar aqui e ser outra pessoa.

S6: É.

S4: Não é assim sabe, você tem que ter isso na cabeça sabe.

S7: Tem que manter o foco.

S6: Acho que sim.

P: Mas, por exemplo, vocês saem juntos?

S3: Sim. O ano passado nós fomos debutantes das meninas da nossa sala também foi super legal.

S1: Têm festas... a gente até é convidada.

S2: É assim, em relação de ter que assim e tal, eu não tenho muito porque é com a H mesmo que eu tenho amizade, assim é claro, às vezes eu vou na casa de uma menina que ela pediu e deu almoço e tenho relação com ela no Facebook ela é legal, basicamente é isso. Tenho relação também com os meninos também é super legal, todo intervalo no começo antes de começar a aula e nos intervalos a gente se encontra para comer, conversar e tal, mais sair assim junto não.

P: O que dificulta?

S2: Ah não sei, é porque eu sou assim muito dentro do meu mundo entendeu, às vezes até com o meu amigo que é da USP, não fui eu que briguei com ele foi ele que brigou comigo porque achava que eu estava esquecendo ele para sempre, que eu não ligava para encontrar com ele, que eu não ligava mais para ele coisa e tal.

P: Me contem, o que é ser um aluno bolsista?

S7: É responsabilidade.

S6: Eu acho que é muita maturidade, maturidade emocional, você saber encarar as coisas ter uma visão diferente entendeu, porque que nem o E não soube conciliar os problemas pessoais dele com os problemas da escola, entendeu, ele acabou confundindo tudo.

S4: Essa questão do meio do caminho tem pessoas, tem coisas acontecendo é trabalho tem stress e você tem que colocar tudo isso na cabeça até chegar o fim do ano, quando chega o final do ano você já está assim!

S1: Está cansada.

S4: Então se você colocar isso na cabeça logo no começo... os meus amigos mesmo antes de eu entrar aqui eles já pararam de falar comigo tipo, você vai mudar, você vai para outra escola. Hoje eu falo o que? Com as mesmas pessoas da escola, mesmo assim teve um dia que o meu amigo chegou e falou. Ah! Faz assim, quando você quiser falar comigo, quando você tiver tempo aí você vem falar comigo. Só que não dá para explicar o que você é aqui dentro o que você faz para as outras pessoas que são de fora.

S3: É e parece que quando você vai explicar não é isso, parece que você está sendo esnobe, ah porque você tem um monte de coisas para fazer, você tem coisas e eu não tenho nada para fazer é isso o que você está falando? Só que não é nada disso sabe, porque realmente você tem que explicar porque você está se afastando, só que se você explica ele fica bravo com você pensando que está sendo ignorante, está menosprezando ele e não é nada disso.

S1: É muito difícil para as pessoas de fora entenderem o que realmente o que a gente faz aqui dentro, que a gente tem viver todo dia, é muito cansativo e realmente precisa ter muito foco senão você não aguenta.

S7: E você tem que tentar filtrar também o que as pessoas falam e ficar só com o relevante mesmo.

S5: Tem uma questão no começo do ano também é a questão do deslumbre, a gente chega aqui a o Colégio, tem biblioteca, sala de informática, professores maravilhosos e tal, ensino de

qualidade e ótimo, várias pessoas chegaram aqui se deslumbraram com tudo o que a escola oferecia e saíram do foco, foram aproveitar as outras coisas e não aproveitaram o que era mais importante que era o ensino e perderam a bolsa.

S1: Eu acho que o que dificultou bastante foi o primeiro bimestre também eu acho que essas pessoas perderam o foco, porque elas foram mais para o lado social.

P: Vocês perceberam alguma situação não do grupo de vocês mas de outras pessoas como discriminação, de injustiça, vocês já perceberam alguma coisa ou é alguma coisa que está mascarada que a gente finge que não vê, como é que é isso? Existe alguma coisa.

S5: Então é assim, eu nunca sofri nada disso nenhum tipo de discriminação e nem entre nós eu fiquei sabendo, mas algumas meninas do terceiro ano elas me falaram tipo, tem umas meninas que namoram elas pagam a escola e tal, elas andam dando uns beijos no corredor e tal e aí elas falaram assim para mim, que às vezes tipo elas passavam e não gostavam, que era diferente com elas e tal.

P: Elas namoravam meninos que não eram bolsistas?

S5: Isso e aí elas não gostavam disso, elas iam perdendo o foco, passavam no corredor essas coisas assim.

S1: Elas falaram que elas iam abaixar as notas.

P: Mas como é que ficou toda essa situação?

S5: Ah pelo menos eu acho que não tem nada a ver tipo, eu gosto da pessoa a pessoa gosta de mim, eu estou namorando e assim, eu não abaixei minhas notas, então as pessoas não podiam falar muito entendeu, não tinham nem o que falar porque as minhas notas continuaram altas as notas da pessoa continuaram iguais não alterou em nada, a única diferença era que eu estava com ela. Entendeu? Foi isso o que disseram.

S1: Além eu nunca soube de nada foi só isso.

S5: Discriminação?

P: Situações de discriminação, preconceito...

S5: Inclusive essas meninas elas passaram no vestibular.

S1: As duas.

S5: Uma fez engenharia ambiental e a outra, prestou ciências naturais.

P: E elas continuaram namorando?

S1: Não sei. Elas contaram isso para gente não estavam namorando.

S5: Quanto a isso eu namorei o ano passado com uma pessoa o ano passado aqui do Colégio, a gente ainda está junto e não teve preconceito por eu ser bolsista teve preconceito porque os amigos deles não gostavam de mim por coisas aleatórias. Ele não é bolsista mas é uma pessoa que se dedica muito, que quer entrar na Harvard não preciso te falar mais nada.

P: Não.

S5: E foi algo que me acrescentou, porque ele me ajudou em algumas matérias, ele é uma pessoa muito mais calma que eu, ele é uma pessoa muito legal, mas eu sou meio suspeita para falar.

P: E aí a opinião masculina?

S7: Em relação a isso eu acho legal ser bem aceito sei lá, desde quando eu cheguei aqui os garotos da minha sala sempre gostaram de mim, sempre fizemos lições juntos até!

S6: Mas o máximo é a prova é o foco.

(Tumulto e risos).

S1: Essa foi difícil. Uma das prioridades para ficar aqui ...

P: Vamos conversar um pouco sobre o caso do namoro entre meninas, meninos que são bolsistas e não bolsistas.

S7: Ah pensei que era entre meninos e meninos.

P: Bolsistas e não bolsistas.

P: Todas vocês namoram?

S6 e S1: Não.

S1: A gente falou era uma menina que estava aqui e falou para gente mas ela já saiu.

P: Mas e vocês, porque não têm muito tempo para nada, pelo jeito que falam.

S4: Não, mas a gente procura dar um tempinho. Sabe.

P: Quer dizer então que dá para dá um tempo?

S5: Não. Mais ou menos.

S3: Ficar esperando o ônibus junto.

Várias: É.

S2: Ou a gente se vê no horário de almoço.

P: Então é por isso que algumas chegam bem mais cedo.

Várias: Ah! (risos).

P: Descobrimos porque chegam mais cedo. E você J?

S7: Não eu não.

S2: Por isso que a gente às vezes dá uma fugidinha.

S3: Eu, por exemplo, às vezes dou uma fugidinha mas assim namoro sério acho que não está muito cedo.

S6: Não. Porque você dá atenção e com a escola é difícil e eu não tenho paciência para isso não.

S1: Eu acho que a pessoa vai ter que entender muito bem.

S6: Ou a pessoa vai ter que ter a mesma rotina.

S1: É a pessoa tem que ter a mesma rotina.

S6: Eu, por exemplo, no começo do ano eu estava namorando, eu terminei com o cara por causa disso, um dos motivos foi isso de não conseguir entender porque que eu tinha que estar sempre na escola, fazendo lições e ele ficava me cobrando que eu não dou atenção para ele, que isso, que aquilo e tal. Ai não. Chega.

S1: Já é difícil você dar atenção para os amigos que estudam aqui ou para pessoas mais próximas ainda.

P: Você concorda?

S2: É o que? (risos). Não é assim, eu acho que, eu procuro, assim, tento dar atenção mais à pessoa entende sabe, eu falo não dá, não dá mesmo e a pessoa super compreensiva a pessoa

entende tal em relação a isso, e assim a gente procura sempre estar junto sabe, sempre ele vem me buscar.

S2: Fica junto no ponto do ônibus.

S4: É mais a gente tenta durante a semana é mais difícil mas no fim de semana dá para dar um tempinho entre uma coisa e outra, ou antes, de fazer a lição ou deixo para fazer a lição à noite e fico o dia com a pessoa, mais a gente dá um jeitinho.

P: O que mais? Tem alguma coisa que vocês gostariam de falar?

S2: Hum! Não.

S7: Acho que não.

P: Nada? Vocês estão juntos desde o ano passado...

S5: Uma coisa que eu adorei no Colégio, eu gostei muito é que as aulas elas não são simplesmente eles jogando matéria para você absorver e tal, é uma discussão e toda uma confecção entendeu? Às vezes uma coisa que não tem nada a ver com política acaba chegando na política entendeu, na filosofia. Uma coisa que eu acho muito interessante é isso, e tem professores que, eu sou muito tagarela, enchendo o saco fazendo perguntas quando já acabou a aula, então eu quero começar a fazer pergunta. Por exemplo, tem um professor que eu gosto muito que é o Cadú, eu tiro muitas dúvidas minhas com ele e às vezes ele não tem muito tempo no intervalo dele para me responder perguntas, fico enchendo o saco dele.

S4: É eu na aula eu discordo da opinião dele eu falo.

S6: Eu também ele é um professor que permite.

P: Ele dá aula de quê?

Vários: Direito e cidadania.

P: Ah ele tem que ser um pouquinho aberto não é?

S4: É que às vezes assim, eu sou muito feminista e às vezes ele fala umas frases que são machistas, eu debato.

P: Como são esses debates em sala de aula?

S1: São tranquilos... É, mas geralmente tem alguns alunos que têm ideias radicais.

P: Não entendi.

S1: Às vezes tem alguns alunos que têm ideias radicais, talvez coisas que a gente passe.

S4: Uma coisa que a gente não falou, foi uma discussão que tivemos o ano passado numa aula de inglês que estava abordando acho que diferença social, e o pessoal a gente percebe que as pessoas têm uma visão assim que vivem dentro de uma bolha.

Vários: É.

S3: Que acham que isso é coisa de filme e que só acontece na televisão.

S1: É uma coisa muito distante.

S3: O professor estava falando, de coisas que acontecem com os nossos amigos entendeu? De coisas que a gente viu muito de perto sabe? E eles falam como se a culpa fosse deles. Sabe. E a gente fala, não mas não é assim que acontece.

S4: Eles não têm muita noção do que acontece fora dessa bolha que eles vivem, casa, apartamento, casa, apartamento. Sabe.

P: Você pode dar um exemplo desses tópicos?

S4: A gente estava falando de gravidez na adolescência alguma coisa assim.

S1: Não foi essa a discussão.

S4: A é. Foi sobre as pessoas pobres que tem mais filhos, as pessoas que tem mais filhos porque são pobres, aí a discussão que hoje em dia não tem mais desculpa porque existe preservativo e não sei o que, lan, lan, lan, e tem filho quem quer não sei o que. E a gente começou a falar que muitas vezes a informação não chega a todas as pessoas, que tem muitas pessoas que não se previnem porque realmente não tem informação sabe. E aí começou um debate, porque começa a entrar outros assuntos, por exemplo, quem mora na favela tem mais filhos por quê? Se não tem condições de criar.

S1: Você ouve cada coisa que você fala: - Gente não vou falar mais nada.

S5: O que dá bastante debate na sala é socialismo e capitalismo e é um monte de gente que vive naquele mundinho capitalista, porque eu tenho que ter o celular do ano, não sei o que, fingindo que é socialista.

P: E como é que vocês convivem com isso?

S4: Eu abaixo a cabeça... eu tenho dó da pessoa.

S6: Ah! Eu não consigo.

S4: É.

S2: Uma coisa que foi discutido muito entre eu e a H e tal, não foi na nossa sala mais a discussão chegou nos nossos ouvidos e a pessoa falou que era de direita e tal a favor do capitalismo. Ela falou assim, que não queria saber que capitalismo era isso mesmo, e o pai não tem que da terra para ninguém e os pobres que se! Entendeu?

P: Mas vocês tiveram dificuldade de se colocar, assim, em debate?

S3: Só que é assim, tem vezes que a visão é tanto, tanto que a gente prefere nem falar, porque é tanta opinião que você ouve que você não vai conseguir mudar, que você não vai conseguir fazer a pessoa de outra forma, você acaba deixando de tanto saco cheio que você fica.

S4: É hoje mesmo na sala a gente estava fazendo exercício em duplas, e os meninos começaram a conversar atrás da gente, foi tanta coisa que me incomodou tanto.

S2: Isso assim, na verdade é machismo, capitalismo.

S6: É cada opinião machista assim que começou a me sufocar eu tive que ir lá para trás e responder.

P: E aí conta...

S4: Porque é assim, aquela história ah se menina está com shorts curto ela é vagabunda.

S5: Está pedindo para ser estuprada, é tipo isso;

S6: O menino se ele ficar com mais de uma menina tudo bem, mais se uma menina ficar com mais de um menino ela é vadia, não pode, ela é piranha, ela não vale nada. Sabe e tem menina para casar e tem menina para passar o seu tempo, eu não aguentei eu virei e tive que falar.

P: E o que você fez?

S6: É que às vezes eles têm um pouco de medo do que eu vou falar.

S4: Eles falam de propósito, não para brincar assim sabe, mas porque sabem que a gente vai se irritar.

S2: É começam a falar que lugar de mulher é em casa, fazer o homem feliz, essa é a função da mulher.

S1: Não mas é porque assim, na nossa sala isso é constante, de manhã já começa um machismo monstrengo.

S5 e S6: Nossa!

S4: E homofobia naquela sala é muito alto de virar e chamar o outro de gay achar que gay é xingamento, eu não consigo ver a graça sabe, é um absurdo.

P: Como vocês se sentem com isso?

S1: Às vezes muitas vezes fazem aquilo por brincadeira mesmo, eles não tem noção da gravidade do que estão falando mas desde que eu entrei que sempre foi assim, é homofobia? Capitalismo de mau gosto, mas isso normal à gente tem que se acostumar e seguir em frente.

P: Vocês não sentem como uma provocação?

S1: Às vezes sim.

S6: Às vezes as pessoas falam olhando na sua cara, por exemplo, eu tenho umas opiniões bem radicais e às vezes as pessoas falam olhando na minha cara. E eles sabem assim, sabe eu sou militante eu defendo mesmo a ideia, defendo mesmo, eu vou para cima deles e às vezes eu sinto que eles falam me provocando, até sei lá brincadeira. Não sei.

P: Além do machismo, da homofobia, tem outros temas que vocês sentem que é provocação?

S3: Alguns temas sentimos que é provocação... Socialismo e capitalismo.

S5: Preconceito com quem mora na favela.

S2: Com funk.

S3: Nossa funk.

Vários: Rolezinho.

S2: Rolezinho foi a maior polêmica.

P: Como foi?

S2: A maioria da mídia passou rolezinho como um ataque a propriedade privada,

S4: Shopping de burguês.

S6: É shopping de burguês, chegou shopping que barrou negro e foi um absurdo e tinha gente que concordava com a ideia.

S5: Sorte que a gente tem professores como o G.

S4: É como o G é verdade.

S6: Ele realmente deu uma chacoalhada, gente isso é um absurdo, olha o que está acontecendo não é assim que funciona. Ai a gente se sente um pouco mais forte e fala também.

P: É isso que eu pergunto. Vocês conseguem se colocar?

S1: Às vezes sim.

P: E depois das colocações?

S3: Ai depois parece que não aconteceu nada.

S5: Normal.

S3: É na aula todo mundo fala, acabou a aula normal.

S1: Na nossa sala às vezes surgem alguns comentários bem preconceituosos com quem estudou em escola pública, e assim me afeta sabe achar que todo mundo que está em escola pública tem uma arma.

S6: É ruim isso.

S1: Que usam droga, que fazem sexo na escola.

S2: Tem uma professora nossa de matemática que parece que ela vai da aula, talvez não sei em colégio público, ai ela falou não é, falou a escola que ia dar aula tal, tal de segundo grau, ai teve alguns comentários, professora leva colete para você.

S4: Comentário desnecessário.

S5: É.

S2: Cuidado para não roubarem o seu carro. Não leva o celular. Generalizando sabe, assim como existem pessoas de má fé em escolas públicas também existem em escolas particulares. Entendeu? E assim como existem pessoas boas em escola pública existem em escolas particulares, acho que generalizar não é a escolha certa.

S4: É errado ter essa visão assim que todo mundo que estuda em colégio público ou anda armado ou rouba, fim de semana vai fazer rolezinho.

S5: Se meninas se até 16 anos não engravidaram é porque não estudaram em escola pública.

S3: É cover(?).

P: O que é cover?

S1: Não era, mais não é.

Vários: Falando juntos.

S3: Porque na verdade cover é considerado como fã assim quando você não sabe nada do seu ídolo ou alguma coisa assim.

S5: Tipo você não está dentro daquele mundo.

S4: Eu já ouvi comentários assim, se você houve funk, tem mais de 16 anos e não está grávida você é tolo. Não é?

P: Mas ai vocês comentaram que existem essas discussões depois passa, vocês já perceberam pessoas que mudaram de opinião, que vieram conversar com vocês depois ou não?

S6: Já. Na minha sala,

S4: Na nossa sala tem uma menina que ela tem as mesmas ideias e a gente se une par ir para cima deles e tal, sabe tem algumas pessoas que apoiaram a gente.

S6: Mas são pessoas menos machistas assim, de dizer menos coisas.

S4: É porque são pessoas que no passado receberam noção... acho que elas começam a ver de outra forma. Acho que elas começam a perceber como elas estão falando parecendo sem noção tipo que ela meio que, principalmente quando começa todo mundo falar uma coisa machista ai começa todo mundo a falar que é errado essas coisas e a pessoa meio que se toca.

S6: Ah então! No nosso caso acho que não foi da nossa sala, ah foi no 2º A, então que ela veio discutir com a gente, a gente estava discutindo sobre pena de morte e ela veio perguntar para nós

o que que a gente achava da pena de morte. A gente deu opinião para ela, ela falou assim, alguém tem a opinião certa e tal não sei o que, você me convenceu.

S4: A mesma que tem a opinião do capitalismo entendeu?

P: Vocês mudaram de opinião?

S2: Acho que mudar de opinião não acho que eu construí mais argumentos,

S1: Isso.

S6: O professor me mostrou outros lados da discussão, sabe eu acho que acrescentou mais as minhas ideologias.

S2: É verdade.

S7: E também tem aquela coisa de estudar em escola pública, as pessoas tem o preconceito também com escola particular, com quem estuda em escola particular é boyzinho e não sei o que.

S2: É.

S7: Do mesmo modo que a gente não gosta de generalizar com escola pública, também não seria legal aqui, porque tem muita gente legal também.

S5: É as pessoas todas do mesmo jeito que tem pessoas más e outras que não!

S7: É as opiniões não batem.

P: Sua imagem de escola particular era diferente do que vocês viram aqui?

Vários: Com certeza.

P: O que vocês acharam?

S1: Nossa no começo eu tinha um grande medo assim de sofrer discriminação entendeu?

S7: Eu tinha um grande medo de sofrer isso, porque a maioria das escolas é assim, entendeu, porque os boyzinhos, os mauricinho, as patricinhas e tal ninguém se dá com bolsista e tal, você é diferente e tal, enfim eu tinha esse medo mas passou.

P: Na verdade vocês tinham preconceito?

S1: Preconceito? Tinha, foi se desconstruído com o tempo.

S7: Ah sim. Eu imaginava diferente, eu imaginava que a indisciplina predominava, que os meninos falavam algum tipo de blasfêmia, palavrão (risos), mais a gente só vai saber mesmo quando você está lá dentro.

S5: É que agora a gente faz parte entendeu?

S3: Não vê mais como uma coisa grande. É uma escola que a gente vem.

P: Agora você faz parte...

Vários: Sim.

P: Mas isso tudo afetou de alguma forma?

Vários: Uhum!

P: O que vocês poderiam contar para gente encerrar... o que afetou em vocês, a chegada, esse tempo que vocês estão aqui... dois anos, o que mudou?

S6: Eu acho que ampliou muito a minha visão de mundo.

S7: Acho que a responsabilidade crescer mesmo como pessoa, não só como matéria como a escola, como vestibular que abre a sua cabeça mesmo, você meio que conhece o mundo dentro da escola. Muito bom.

S3: Sem contar que no colégio funciona os estudos do meio, você conhecer outros lugares, vê outros lugares de outra maneira, as leituras que fazem aqui, assim, os professores regem de uma forma que você vê o livro não é só o que está escrito ali é muito mais do que o que tem ali, sabe, eles mostram que não é só aquilo que você pode aprender.

S4: Muitas vezes livros que você não leria normalmente, eu acho que isso é uma grande diferença, eu gosto muito do Veríssimo porque eu li todos os livros proposto, mas antes não, eu lia os livros que eu gostava e dos temas que eu gostava e só isso para mim estava bom. Aqui não, aqui eu me abri para muitos mais temas, muitos mais tipos, muitas variedades, não que eu tenha gostado de todos, mas eu tenho argumentos de todo os lados, eu tenho vários pontos de vista, tenho livros diferentes, tenho opiniões de autores diferentes e não são mais os meus limites.

S6: Então no meu caso eu senti muito a proposta da reflexão, porque assim, antes de entrar no Colégio na minha outra escola na disciplina de filosofia, de cultura essas coisas e tal, eu não tinha iniciado assim um gosto pela filosofia. Quando eu entrei aqui foi aguçando mais e mais entendeu, acho que a escola está me ajudando muito nisso para um encaminhamento para o curso que eu quero fazer, para a profissão o vestibular essas coisas assim.

P: Uma visão de futuro?

S6: Isso.

S7: Eu até vejo a minha rotina, porque eu perdia o meu tempo com um monte de besteiras eu tinha computador com jogos, essas coisas e tudo o mais, e a minha maturidade aumentou mais com o tempo, o meu gosto por coisas que eu gostava mais se intensificou porque eu aprendo coisas diferentes, e amplia sua visão de mundo.

P: S?

S1: Eu acredito que eu cresci aqui dentro, tinham coisas que antes eu não tinha parado para pensar que hoje eu não consigo me ver eu como era antes, sabe como eu realmente era. Hoje tem coisas que eu consegui aqui que realmente me mudaram, a questão da maturidade a responsabilidade é muito diferente, muito diferente.

S5: Foco e objetivo acho que foi uma coisa que me trouxe para cá e intensificou muito aqui, eu sempre fui uma pessoa determinada mas aqui aumentou muito mais, porque eu sei que para estar aqui eu tenho que ter um objetivo maior, tenho que ter foco maior, eu tenho que estudar matérias que eu não tenho tanta afinidade, eu tenho que me esforçar em tudo e eu acho que isso é incrível.

S2: Muitas vezes também você tem que pensar em frente não é, porque está abrindo mão das coisas agora porque lá na frente você vai ter um retorno, porque se você pensar só no agora, tipo, ai não estou fazendo isso, não estou fazendo aquilo, não estou saindo com os meus amigos, não posso fazer aquilo. Você acaba desistindo, não chega, agora vou aproveitar, não, você tem que olhar em frente, não estou fazendo isso agora mais lá na frente vou poder ter minha casa, com a minha independência. Sabe, acho que isso é muito tranquilo.

S4: Não sei, você também não está sujeito às circunstâncias, não é porque você é pobre que você vai ser para sempre, acho que tem as possibilidades se você quiser e se dedicar você consegue sabe.

S5: Acredito que se você conseguir passar no Colégio foi o destino para você continuar correndo atrás do que você quer, eu consegui isso então eu posso conseguir de novo. Eu posso permanecer aqui, eu dei um grande passo mas pode ser um pequeno passo que eu posso vir a conseguir depois, porque eu consegui uma bolsa numa escola que a mensalidade é mais de mil reais é um grande passo. Mas a gente pode ir muito mais além, a gente pode permanecer aqui, a gente pode crescer, a gente pode ir muito mais além.

P: Eu só preciso de duas perguntas, antes eu estava conversando com elas a T, a H estava perguntando para que elas iam prestar vestibular, vocês têm ideia do curso que vocês pretendem fazer vestibular, você tem ideia, alguém tem ideia?

S2: Eu desde o ano passado estava crente que queria ser editora de livros eu ia fazer letras mas aí eu percebi que eu necessito de viajar na minha vida, e aí eu considero poder viajar mais importante do que, eu não sei não mais importante do que minha profissão em si. Mas poder sair um pouco. Eu tenho várias coisas, desenho, então eu tenho várias coisas que eu acredito que eu posso fazer, estou tentando achar o que eu consiga fazer várias viagens, eu sei que não tem faculdade de viagem mais no momento a minha ideia é essa.

P: Bacana. Você S?

S1: Então também no passado eu pretendia fazer letras mas depois eu assisti a palestra tipo na Feira de Profissões eu assisti uma palestra de publicidade e propaganda aí até o começo desse ano eu queria publicidade e propaganda mas aí eu também mudei para arquitetura estou me preparando para isso.

P: Você? I?

S3: Eu já mudei muito assim nossa, atualmente quero fazer faculdade de odontologia e me especializar em ortodontia mas é atualmente.

P: Sem compromisso. A H?

S4: Eu ainda estou pensando, pesquisando e tudo o mais, mas por enquanto eu estou pensando entre química e engenharia química.

S5: É o que eu falei lá fora, eu sou apaixonada por economia se o vestibular fosse amanhã eu prestaria para economia mas eu também gosto de física e química mas se o vestibular fosse amanhã eu prestaria para economia.

S6: Então como ela também era apaixonada por letras, adorava inglês eu queria fazer inglês, português tal, eu entrei para o ensino médio querendo fazer letras, só que aí minha cabeça foi mudando minha cabeça foi se confundindo aí, eu quis fazer física depois física quântica, não, não vou fazer mais física vou fazer história.

P: Você J?

S7: Vou fazer engenharia e aeronáutica.

S3: Esse é decidido.

P: Esse é pontual.

S7: Quando eu fiz a primeira entrevista com o M. quando ele soube que a gente tinha entrado ele fez essa mesma pergunta acho que todo mundo respondeu diferente.

S6: É que você vai tendo mais matérias e você descobre que tem afinidades, que você não tinha antes.

S3: Porque é assim, vou ser meio que, aqui a gente tem que ser boa em todas as áreas então a gente tem possibilidade de uma profissão em todas as áreas.

P: A última pergunta que eu vou fazer, prometo. Deem uma definição do que é ser um aluno bolsista?

S6: A gente conversou um pouquinho aqui, mas!

P: Eu queria que cada um definisse o que é um aluno bolsista, não importa como vocês vão definir, então quem tem tempo para pensar, quem quiser ser o primeiro, pode ser a S (risos), ou alguém já tem uma resposta pronta. O que é ser um aluno bolsista?

S1: Eu acho que muito mais do que ter sua mensalidade paga e etc, é a responsabilidade e confiança que todo mundo te dá, todo mundo confia em você. Acho que é isso.

S3: É isso mesmo responsabilidade principalmente porque a gente meio que, com essas notas que a gente tem que a gente tem que saber isso é para gente devolver para as pessoas que vieram assim perguntar isso para a gente. A gente tem que ter responsabilidade para poder saber fazer isso, e o foco para gente poder estudar para poder devolver isso como forma de agradecimento.

S5: Acho que é honrar um compromisso que a gente fez tanto na escola, como com os nossos pais, com a equipe do R, porque a gente está aqui porque muita gente acredita na gente, não é só porque a gente fez uma prova, uma redação, uma carta para o colégio e se destacou. É por isso sim? É por isso, mas se não existisse o R a gente não estaria aqui, se não existisse o Colégio a gente não estaria aqui, se os nossos pais não apoiassem a gente a gente não estaria aqui. Porque só de livro no começo do ano foi o que? R\$ 1.000,00 mais material, mais estudo do meio, mais tudo. É muita gente que acredita na gente. Acho que é um compromisso que a gente assume com a gente, é um compromisso que a gente assume com o nosso futuro é um compromisso que a gente assume com uma equipe muito grande.

S7: Um palavra que eu tenho ouvido assim, o Colégio vem dizendo, por exemplo, é jovem protagonista.

Vários: É.

S2: Acho que é uma coisa que a gente está sendo muito cobrada de ser protagonista entendeu? Ter notas altas, ter participação na aula prestar atenção, ter responsabilidade tudo nessa palavra protagonista.

S6: Acho que é amadurecimento.

S4: Determinação. Política de determinação pelas pessoas que acreditam em você, que você vai chegar até o final.

S3: É você lutar você não desistir e você saber que vai valer a pena e continuar.

S7: O aluno bolsista é um aluno incentivado, infiltrado emocionalmente. (risos).

P: Vocês têm alguma coisa que querem colocar?

Vários: Não.

P: Querem perguntar alguma coisa, outra coisa?

S7: Número da loteria.

P: Eu também quero agradecer vocês. Foi ótimo conhecer cada um de vocês, foi muito interessante conhecer sobre a vida de vocês, a forma como vocês lidaram com as situações na escola com tantas mudanças, tanto aprendizado também.

S5: Posso fazer uma pergunta?

P: Pode.

S5: É menino ou menina?

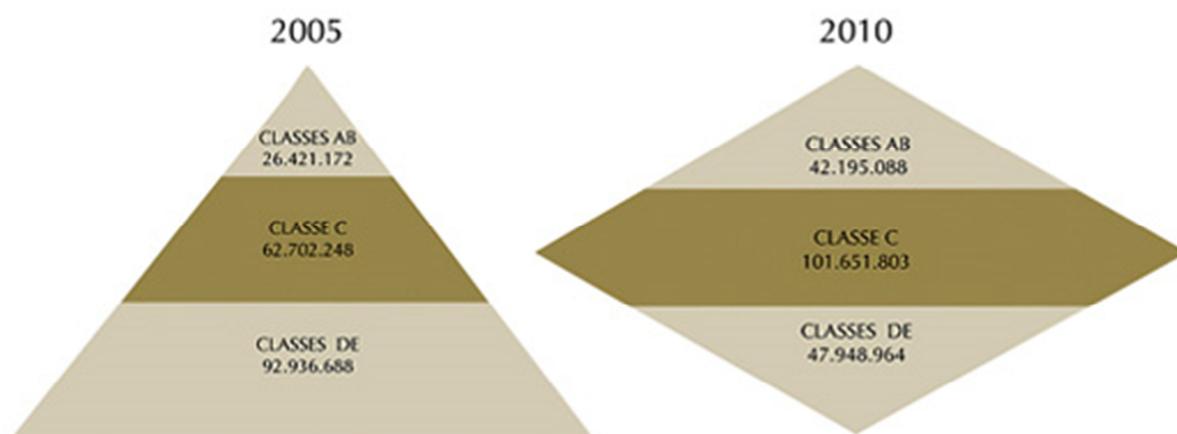
P: Menino.

Todos: Risos

P: Obrigada

ANEXO 1

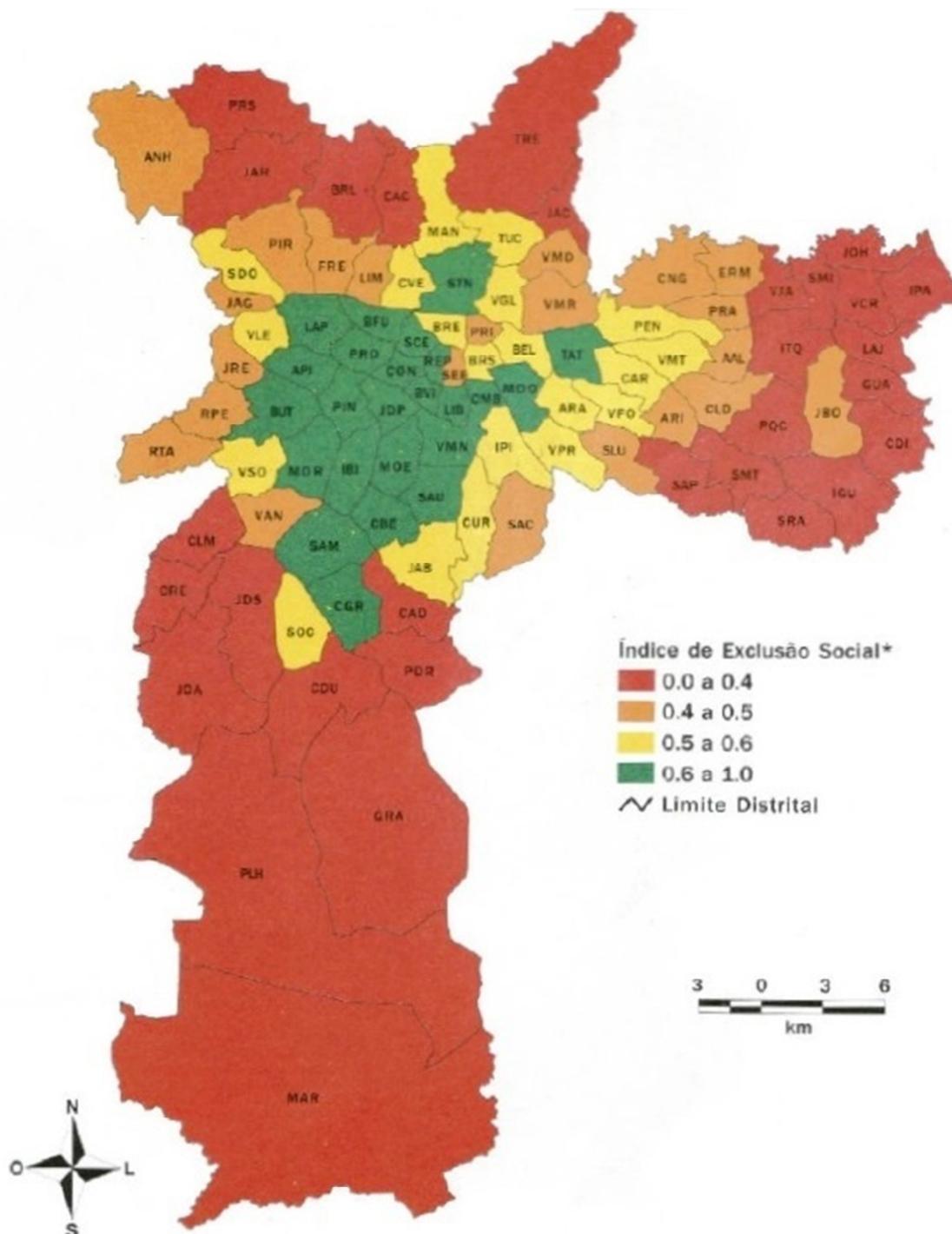
Mudança de Pirâmide Social para Losango - 2010



Fonte: <http://observadorbrasil.blogspot.com.br>

ANEXO 2

Atlas da Exclusão Social – São Paulo



Fonte: CAMPOS, A. et AL (ORGs). **Atlas da Exclusão Social no Brasil**, V.2: dinâmica e manifestação territorial. São Paulo: Cortez, 2003, p. 101.